

Margarete Barbosa Nicolosi Soares

ATELIÊ DE ARTES VISUAIS PARA CRIANÇAS

BUSCANDO FUNDAMENTOS,
COMPREENDENDO O ESSENCIAL

MARGARETE BARBOSA NICOLSI SOARES

ATELIÊ DE ARTES VISUAIS PARA CRIANÇAS:
BUSCANDO FUNDAMENTOS, COMPREENDENDO O ESSENCIAL
MESTRADO

Dissertação de Mestrado Apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Área de Concentração: Teoria, Ensino e Aprendizagem da Arte.
Professora Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Christina de Souza Lima Rizzi.

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo

2010

MARGARETE BARBOSA NICOLosi SOARES

**ATELIÊ DE ARTES VISUAIS PRA CRIANÇAS:
BUSCANDO FUNDAMENTOS, COMPREENDENDO O ESSENCIAL**

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes para obtenção do título de mestre. Área de concentração: Teoria, Ensino e Aprendizagem da Arte.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

PROFESSOR DOUTOR _____

INSTITUIÇÃO _____

ASSINATURA _____

PROFESSOR DOUTOR _____

INSTITUIÇÃO _____

ASSINATURA _____

PROFESSOR DOUTOR _____

INSTITUIÇÃO _____

ASSINATURA _____

Dedicatória

Para minha mãe Edi, pelos 70 anos de sabedoria e amor.
Para meu marido Alexandre, pelo amor e cumplicidade.
Para meus filhos Larissa e Lucas, com orgulho e admiração.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora Prof^a Dr^a Maria Christina Rizzi, por abrir novos caminhos e por neles caminharmos juntas, sempre.

Ao Prof^o Dr Evandro Carlos Jardim, pela dedicação e pelo estímulo à excelência.

À Prof^a Dr^a Norma Grinberg, pela generosidade de dividir o conhecimento da mãe-terra.

Ao Prof^o Dr Marcos Ferreira, pelo empenho e por suas sugestões na qualificação.

Ao amigo Henrique Antonio Sobrinho, pelos preciosos conselhos.

À todos que construíram um pedacinho do presente trabalho:

Ao pintor Gontran Guanaes Neto pelas portas sempre abertas do seu ateliê e por compartilhar seus pensares, fazeres e saberes.

Aos professores Geraldo de Souza Dias Filho e Roberto Mitsuaki Kumagai pelo incentivo.

Às amigas de mestrado Zildete, Ana Cristina e Tina, pelo companheirismo.

A minha irmã Rosangela pelo amor, por chorarmos e rirmos ao mesmo tempo.

À todos que construíram um pedacinho deste trabalho:

Ligia Carvalho, Juliana Corrêa, Ivan Chaer, Carol Pires, Adriana Bento, Carol Cortinove, Karina Nakahara, Tom Ribeiro, Cintia Nishida, Mariana Pinhal, Ana Helena Rizzi, Daniel Viríssimo, Stela Garcia, Solange dos Santos, Regina Landanji, Raul Meneses, Silvia Botelho, Cícera Laurentino, Donizete Jonas, Vanderley Souza, Milton Soares, Felipe Thomaz e todas as crianças que participaram dos ateliês.

A todos que torceram e vibraram.

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem como objeto de estudo o ensino-aprendizagem da arte em ateliê de artes visuais para crianças entre sete e doze anos. Relata experiências em um ateliê na escola; o histórico do Ateliê de Artes Visuais Para Crianças do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e a prática-teórico-poética em um ateliê experimental, de iniciação à cerâmica, para análise e considerações sobre esta pesquisa.

Palavras-chave: arte, ateliê, arte-educação, ensino-aprendizagem da arte, cerâmica.

Abstract

The present master thesis brings as its research object the art teaching in visual arts ateliers in which participate children from seven to twelve years old. The dissertation considers, for this research analysis and conclusions, experiences in school context; experiences at the Ateliê de Artes Visuais para Crianças (visual arts atelier for children held by the visual arts department of arts and communication college of University of São Paulo); and the theoretic-poetic-practice of an experimental atelier of ceramics fundamentals at the same department.

Key Words: Art, atelier, art education, art teaching, ceramics

Sumário

3	Apresentação	
4	Metodologia	
5	Desenho 1 Breve histórico poético de experiências educativas e diálogos com Kandinsky	
47	Desenho 2 Desenho do laboratório de artes visuais para crianças e adolescentes	
50	História	
50	Concepção	
54	Concretização	
56	Proposta	
57	Breve histórico do ateliê de artes para crianças	
57	Primeiras experiências	
76	Viagem, percurso, participação, memória	
82	Nosso ateliê animado	
89	Desenho 3 Buscando compreender o essencial para o ateliê	
95	Abordagem triangular do ensino da arte	
96	Poética, técnica e práxis	
103	Ateliê experimental	
103	Avaliação inicial	
111	Reflexões sobre a avaliação inicial	
111	Planejamento das aulas	
115	Primeiros desenhos	
120	O círculo	
127	Amassando a massa	
130	Lugar com arco e casa do João de barro	
133	Conversa com artistas no espaço Norma Grinberg	
138	A descoberta	
142	Modelagem ao ar livre	
148	Modelando o que observo	
151	Trabalhando com o torno	
152	Visita ao MAE - Museu de Arqueologia e Etnologia	
154	Modelando o mundo dos sonhos	
159	Crazy land	
159	Modelando o mundo imaginário	
161	Avaliação final	
176	Exposição	
186	Reflexões sobre a avaliação final	
187	Algumas considerações	
190	Bibliografia	

“Conhece-te a ti mesmo”

(inscrição na entrada do templo de Apolo, em Delfos, na antiga Grécia)

APRESENTAÇÃO

Os mecanismos do pensamento visual não são aqueles que seguem a função lingüística, por isso, é difícil para o artista plástico transpor em formas-palavras o que lhe é concebido por meio de formas-visuais. Mas, tentarei “trilhar exclusivamente o próprio caminho com a maior fidelidade e sinceridade”, concordando com a forma-pensamento de Schopenhauer.

“Da intersecção entre a representação gráfica que fixa e a fala fugaz que escapa, a escrita foi sendo elaborada ao longo das primeiras tentativas humanas por meio de registros visuais em direção à formalização do conhecimento. O desenho do signo, aos poucos, foi se desencarnando da imagem-figura para adquirir valor fonético, abstrato, universal. Mas, em seus primórdios o desenho da palavra – os pictogramas, os hieróglifos, os ideogramas, escritas analógicas e visuais – explicita sensivelmente a natureza mental e inteligível do desenho como ato e extensão do pensamento.”¹

Traço essa dissertação por meio de desenhos-letras e desenhos – imagens, designando meus desenhos-pensamentos, retomando o significado essencial do desenho-desígnio, conforme Flávio Motta descreve em

“Desenho e Emancipação”:

“O problema do desenho tem muito à ver com a nossa emancipação política. Ele se confunde com o desígnio de forjarmos na cultura humanista. Bem sabemos que a palavra ‘desenho’ tem, originariamente, um compromisso com a palavra ‘desígnio’. Ambas se identificavam. Na medida em que restabelecermos, efetivamente, os vínculos entre as duas palavras, estaremos também recuperando a capacidade de influir no rumo do nosso viver. Assim, o desenho se aproximara da noção de Projeto (pro-jet), de uma espécie de lançar-se para a frente, incessantemente, movido por uma ‘preocupação’. Essa ‘preocupação’ compartilharia da consciência da necessidade. Num certo sentido, ela já assinala um encaminhamento no plano da liberdade. Desde que se considere a preocupação como resultante de dimensões históricas e sociais, ela transforma o projeto em “projeto social”. Na medida em que uma sociedade realiza suas condições humanísticas de viver, então o desenho se manifesta mais preciso e dinâmico em seu significado. Vale dizer que através do desenho podemos identificar o projeto social. E com ele encontraremos a linguagem adequada para conduzir a emancipação humana”².

“(…) em toda pesquisa científica urge trilhar exclusivamente o próprio caminho com a maior fidelidade e sinceridade, sem preocupar-se com obstáculos que poderão ser encontrados alhures, pensando unicamente em uma coisa, isso é, em levá-la a cabo a si mesma, na medida do possível, com escrupulosa exatidão. Uma longa experiência já me convenceu de que tudo o que, no decorrer de uma pesquisa, me parecia duvidoso em confronto com doutrinas alheias, assim que eu desprezasse tal consideração e me ocupasse exclusivamente com a minha indagação até o seu complemento, terminava por concordar perfeitamente, às vezes de modo inaudito, com o que eu havia ventilado, sem considerar aquelas doutrinas, com imparcialidade ou tendência especial em relação a elas. Os escritores evitariam muitos erros, e até muitas fadigas a si próprios (desde que os seus esforços tenderem a quimeras) se conseguissem aplicar-se com maior sinceridade aos seus trabalhos.”

SCHOPENHAUER, Arthur, O livre arbítrio, Editora Amazonas Ltda, 1978, p.98.

¹DERDYK, Disegno.Desenho.Desígnio,2007,p.23

²(<http://winstonsmith.free.fr/textos/desenho-E-FLM.html>, 10.07.2010, 09h30)

O objeto de estudo dessa dissertação é o ensino-aprendizagem da arte em Ateliê de Arte para Crianças com sete até doze anos. A dissertação é relato vivo da pesquisa teórico-prática em ateliê com crianças.

A questão propulsora da pesquisa é: “Como aproximar a criança da arte?” Desse questionamento surgem outros: Como propiciar que a criança manifeste o ser expressivo e esteticamente? Quais são os saberes necessários para que o professor-artista propicie condições para manifestação do ser da criança e a aproxime da arte? Qual é o ambiente adequado para promover o ser-fazer e o pensar-sentir da criança? O que é essencial para um ateliê de artes visuais?

A dissertação está dividida em três desenhos. O primeiro desenho trás um breve histórico poético-pessoal de uma experiência educativa em um ateliê-escola em dialogando com os escritos de Kandinsky. O segundo conta a história do Ateliê de Artes para Crianças, do Departamento de Artes Plásticas da ECA – Escola de Comunicações e Artes da USP – Universidade de São Paulo, durante seus primeiros dois anos. Por fim, o terceiro desenho descreve o curso de extensão: Ateliê de Artes para Crianças, ministrado no mesmo local, para averiguação dos dados levantados pela pesquisa, análise, reflexão e avaliação.

Os nomes usados na dissertação são fictícios

Metodologia da Pesquisa

“Uma coisa é engarrafar a água do mar; outra é engarrafar o azul das ondas. O que você quer do mar não é a água salgada, quer o azul. Não dá para botar numa garrafa. Você tem que levar a essência o valor.”
Tião Rocha, *Revista Caros Amigos*, ano XII, número 137, agosto de 2008, p.35

A pesquisa desenvolvida sobre o ateliê de artes visuais implica em minha participação como pesquisadora junto à equipe de licenciandos envolvidos no Laboratório Ateliê de Artes Visuais para Crianças e Adolescentes, no Departamento de Artes Plásticas (CAP) da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Vivenciamos experiências de colaboração mútua, apoio, acompanhamento, planejamento, desenvolvimento, avaliação e reflexão dos processos artísticos e educativos, envolvendo alunos-professores e crianças.

A investigação é permeada pela participação observante, influenciada pela história pessoal, bagagem cultural e necessidade de fundamentar teoricamente a prática, como também pelas relações de troca com todos os participantes.

Com o intuito de dialogar com o conhecimento prático e teórico simultaneamente, adotamos nesta pesquisa a Metodologia da Pesquisa-Ação apresentada por Michel Thiollent THIOLENT, Michel. Meto-

dologia da Pesquisa-Ação. Cortez. São Paulo, 1985 e o relato de experiência, testemunho das vivências em situações de ensino-aprendizagem em Ateliê de Artes Visuais para Crianças.

Atuei como pesquisadora participante-observadora no Ateliê de Artes para Crianças vinculado à disciplina “Metodologia do Ensino das Artes Visuais III” no ano de 2008 e 2009 e como regente do curso de extensão de 2010 “Ateliê de Artes para Crianças”, entre os meses de março e maio, aplicando os conhecimentos adquiridos durante a pesquisa.

As estratégias da pesquisa se delinearam por meio da busca de conhecimento poético-teórico-prático essenciais, estudando autores de base para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da arte em ateliê de artes visuais, conforme minhas necessidades pessoais de professora-artista, e registros escritos, fotografados e filmados dos procedimentos em ateliê de artes visuais para crianças.

“Tenho que criar tantos jeitos quanto for a necessidade do outro aprender.” Tião Rocha, *Revista Caros Amigos*, ano XII, número 137, agosto de 2008, p.35

Relato um breve histórico dialogal com escritos de Kandinsky sobre a experiência propulsora para início dessa pesquisa em um ateliê-escola. As reflexões foram possíveis por meio da análise poética e visual de um caderno de vestígios (registros), trazendo à tona lembranças das falas e ações das crianças, o que possi-

bilitou criar um diálogo interno entre a prática e os escritos de autores significativos para minha atuação educativa e artística, compartilhado nessa dissertação para compreensão do percurso da pesquisa e para contribuir com professores interessados nesta prática.

Descrevo um breve histórico da experiência vivenciada nos dois anos de participação no Ateliê de Artes para Crianças do Departamento de Artes Plásticas da ECA – USP, traçado pelo meu olhar particular com significações pessoais. Atuei como apoiadora e colaboradora, além de regente em algumas aulas. Conversei com as crianças, licenciandos e com a Professora Christina Rizzi, que indicou autores fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem da arte em ateliê de artes visuais, conduziu e propiciou reflexões coletivas sobre o trabalho realizado permanentemente.

Utilizei a estratégia de registrar permanentemente as aulas por meio de caderno de vestígios (registros), fotografias e filmagens.

Ministrei o curso de extensão “Ateliê de Artes para Crianças”, com o objetivo de aprofundar a pesquisa delineada até então, relatei, analisei e refleti sobre o processo construtivo das aulas e seus desdobramentos.

Fui orientada pela Professora Christina Rizzi, responsável pelo curso de extensão que acompanhou todo processo desenvolvido com sugestões, críticas e fundamentação de textos.

Participaram da orientação deste trabalho os profes-

sores Evandro Carlos Jardim e Norma Grinberg.

Conversei com o Professor Evandro Jardim sobre as aulas ministradas, que apontou questões fundamentais para o ensino-aprendizagem da arte em ateliê de artes visuais, sua condução junto às crianças e a indicação de textos.

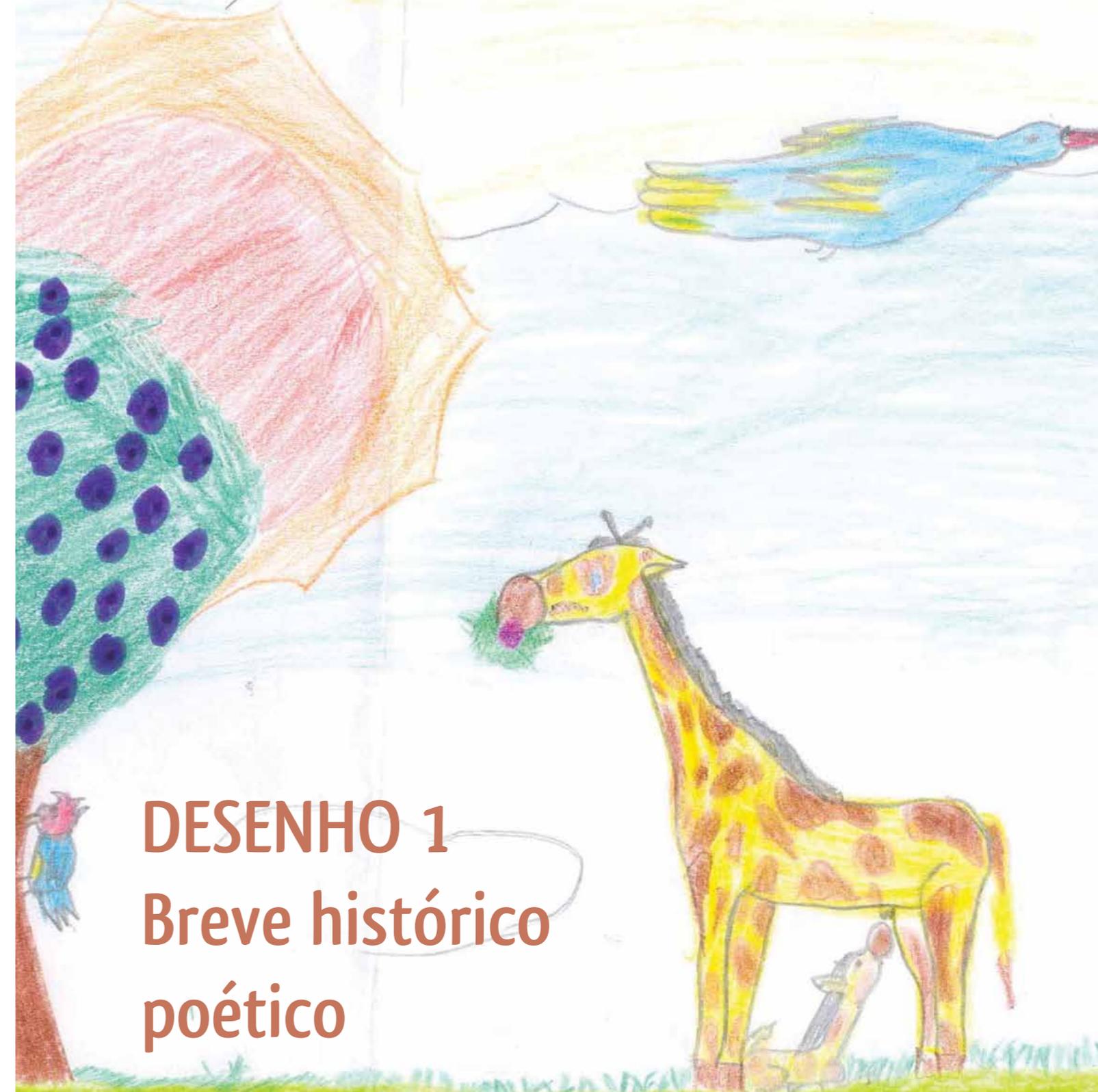
Fui orientada pela Professora Norma a respeito do ensino de modelagem, com a sugestão de procedimentos e indicação de materiais adequados. A professora também recebeu as crianças no Espaço Norma Grinberg para entrevista, o que enriqueceu sobremaneira o curso e possibilitou reflexões fundamentais a serem relatadas.

Estabeleci parceria com o técnico do ateliê de cerâmica, Donizete Aparecido Jonas, do Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP, propiciando e favorecendo a implementação de técnicas para realização do trabalho com as crianças, atendendo as demandas individuais, além de instruí-las sobre o processo de queima no forno.

Contei com a participação de dois estagiários do último ano de Pedagogia, Ana Helena Cintra e Daniel Viríssimo, o que possibilitou a ampliação de reflexões e análises no campo da educação, o alargamento de olhares e ações para a prática pedagógica, a colaboração com a sistematização das aulas e outros. A experiência da Ana Helena em dança possibilitou também inserir no programa o momento inicial de sensibiliza-

ção por meio do aquecimento, de forma mais adequada, e seleção de músicas de acordo com o conteúdo programático da aula.

Escolhi delinear a dissertação traçando e modelando meus desenhos-olhares, desenhos-pensares, desenhos-saberes e desenhos-fazeres, para assim, poder compartilhar os conhecimentos poético-teórico-práticos adquiridos nesta pesquisa com todos os que tiverem interesse em desenhar-ensinar e desenhar-aprender em ateliê de artes visuais para crianças.



DESENHO 1

Breve histórico poético

“Aqui se escreve como quem desenha e se desenha como quem escreve. Aqui a girafa é uma palavra e a palavra, uma girafa. Aqui o bicho é uma fruta de tinta. Cada tinta tem o seu bicho. Cada bicho a sua fruta. Aqui é um lugar. O papel é um lugar. Se eu fosse escolher, escolhia esse lugar. O lugar da tinta, da palavra, da fruta e da girafa. Aqui é como um mar. Um mar é como a tinta – peixe, trança e estrela. O cabelo da menina tem duas flores. A flor é uma estrela, a estrela, uma palavra preta. Se eu fosse uma palavra preta, eu seria uma estrela. Aqui é feito um mar. Cada um mergulha na sua cor. Cada cor termina numa outra cor e, entre as duas, fica a linha. Parece um raio quando a linha é torta. Parece um rio quando ela é curva. Se eu pudesse escolher, escolhia a linha curva, um buraco entre duas cores, um cheio entre dois brancos, um passo entre dois pés. Aqui se pinta correndo, bem depressa. Se corre pintando. O vermelho fica imenso. O amarelo é uma lua líquida. O roxo um pesadelo correndo atrás da gente. Ele é feito de veludo, ele é peludo, ele é pantanoso. A estrela é uma palavra imensa, bem vermelha mesmo, que seja escura. A palavra é uma estrela imensa. Aqui tem rima pobre, rima rica e rima rima. Aqui se ri muito. Pode ouvir. Ta todo o mundo falando junto. Ta todo o mundo rindo. Pode ouvir. Aqui tem uns desenhos lindos. Pode ver. Pode loar. Aquí ta todo mundo gritando : sol. O sol é uma palavra preta atolada num lugar. O lugar é o papel e o papel é feito o mar.” RAMOS,Nuno. In: 20 anos – Escola da Vila. 2000.

BREVE HISTÓRICO POÉTICO DE EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E DIÁLOGOS COM KANDINSKY

“(...) el taller son los niños, el taller es una ideología, es una forma de trabajar, es un tiempo de creación, es una dinámica peculiar de cada grupo; el taller es el arte que levan los niños dentro de sí, es una forma de asegurar su personalidad, el taller es libertad y es esfuerzo..., y es el drama continuo de la vida, porque es el realizarse día a día”.³

Em 2007 lecionei na Escola Estadual “Joaquim Mendes Feliz”, em Embu-Guaçu na Grande São Paulo, para crianças de 6 à 12 anos, de 1ª à 4ª série.

Iniciei as aulas com uma avaliação preliminar, pedindo que trouxessem o que gostavam de fazer na aula de artes ou em casa, cadernos, pastas ou trabalhos, com o objetivo de conhecer o repertório das crianças. Vi reproduções de desenhos de frutas e flores feitos comumente em panos de prato, coleções de figurinhas, cópias de personagens animados, como os da Turma da Mônica e super heróis, coleções de adesivos de flores, anjinhos, bonequinhos, moranguinhos, alguns grafites, etc. Percebi ser fundamental nesse momento aceitar e admirar o que as crianças trazem para se sentirem

seguras, à vontade, confiante na professora e assim, se inicie um processo de construção artística saudável. Os laços afetivos são indispensáveis, independente de nossas preferências e saberes. O que nos trazem são extensão do que são, não aceitar esses trabalhos é o mesmo que rejeitar cada um dos alunos.

Desde o início meu desejo era colaborar para que as crianças se aproximassem da arte de forma prazerosa, pudessem manifestar-se poeticamente, por meio do fazer significativo desenvolvendo e fazendo parte de sua cultura.

Minhas aulas eram fundamentadas na Abordagem Triangular de Ensino proposta por Ana Mae Barbosa, parâmetro para todo professor que leva a arte a sério, como conhecimento e não como uma atividade apenas. Dá-nos fundamentos amparados por uma estrutura que nos ajuda a desenvolver um trabalho significativo para nós e para as crianças. A história da arte, desde a primeira série era inserida de forma simples, contando a história de alguns artistas, mostrando algumas reproduções de obras de arte em livros, por meio de objetos

personais e/ou de acordo com o trabalho prático realizado, para alimentar esteticamente as crianças. Mostrando as diversas formas de criação às crianças, elas começaram a aceitar o que gostavam de fazer.

Observei que os alunos eram criativos, participativos e desejosos de inventar, era só proporcionar as condições de tempo e espaço adequados para que elas tivessem um desenvolvimento artístico.

A importância de se criar um ateliê na escola sempre foi muito clara no meu percurso educacional, pela minha formação essencialmente artística, não necessariamente um ateliê convencional com materiais e ferramentas adequados, pois nem sempre é possível na escola pública, mas um ateliê mental e interno que possibilite transformar qualquer espaço externo em um ateliê do qual pudéssemos nos apropriar.

Como mencionado sugeri que as crianças desenhassem o que mais gostavam, para identificar as preferências, os desejos e os sonhos. Observei que muitas ainda faziam desenhos estereotipados das árvores, do sol, das montanhas, etc. Na entrada da escola havia uma pequena área verde, com uma enorme árvore, nela

havia uma casinha de passarinho, aonde esses vinham bicar pedaços de abacate, mamão ali deixados, além disso, havia uma linda paisagem. Nesse lugar agradável organizamos nosso primeiro ateliê, ali conversamos sobre como era o sol, se dava para olhar para ele, qual era o seu formato, cor, como sua luz refletia nas folhas, os desenhos das sombras, a mudança das cores de acordo com o horário e infinitas conversas. No fundo da escola havia uma bananeira, também fomos observar e desenhar a bananeira, pudemos comparar a bananeira com a árvore, seus formatos, cores, formas, texturas e o que mais eles quiseram falar.

Mostrei para as crianças um jornal criado por uma artista com desenhos da mata amazônica, algumas ficaram folheando durante algum tempo, conversei com aquelas crianças que demonstraram interesse sobre como a artista observou a mata e como a desenhou, elas ficaram bastante admiradas.

Naquele ano dialoguei muito com eles sobre Portinari pela variedade de temas retratados em suas obras: retratos, brincadeiras, trabalhadores, etc. Prática e teoria caminhavam juntas. As crianças passaram a

³SANTIAGO, Las Artes Plasticas en la escuela, Buenos Aires, Servicio de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia, 1977, p.163)



chegar felizes e entusiasmadas, esse engajamento me contagiou. Criei o “caderno de vestígios” para registrar alguns dos trabalhos realizados pelas crianças, intitulado: “Fazer Feliz: desenhos e dizeres de crianças de 1ª a 4ª série”.

Reverendo o caderno de vestígios, percebo que desde aquela época buscava propiciar condições favoráveis para o desabrochar da essência de cada criança em seu fazer artístico, procurava de forma agradável aproximá-la da arte, como forma de conhecimento, contando histórias de artistas e mostrando o que eles fizeram. Hoje, depois do distanciamento, consigo reconhecer manifestações poéticas em seus desenhos.

A respeito da forma, Kandinsky diz:

*“A forma, no sentido estrito da palavra, não é mais nada que a delimitação de uma superfície por outra superfície. Essa é a definição de seu caráter exterior. Mas toda coisa exterior também encerra, necessariamente, um elemento interior (que aparece, segundo os casos, mais fraca ou mais fortemente). Portanto, cada forma também possui um conteúdo interior. A forma é a manifestação exterior desse conteúdo. Tal é a definição do seu caráter interior”.*⁴

Selecionei alguns desenhos dos alunos e como professora de artes me proponho a uma leitura visual, mas como ser humano me atrevo a uma leitura poética com o intuito de compartilhar meu olhar particular.

⁴KANDINSKY, Do espiritual na arte, São Paulo, Martins Fontes, 1954-2000, p.76.



O primeiro desenho é a imagem que tem me acompanhado durante todo o tempo em que traço dissertação. Carrego uma miniatura do desenho na agenda e todas as vezes que o cansaço me assolou olhei para essa imagem e recarreguei minhas forças. As linhas e as cores produzem sensações e sentimentos de pureza e beleza indescritíveis, transmitem a verdade visceral da criança que o criou, a sua verdade.

A criança que fez esse desenho tinha oito anos na época e estava na segunda série: Gabriel, sua paixão eram as girafas. Desde a primeira aula ele já sabia o que queria fazer: desenhar girafas, só não podia imaginar que poderia, pois no início me questionou várias vezes se podia realmente desenhá-las. Na época fiquei muito comovida com a alegria com que ele desenhava, pintava e depois vinha correndo me mostrar, contagiando-me com sua emoção e com o brilho dos seus olhos, mas não mais que o desenho, esse sim ficou gravado na minha memória para sempre.

A beleza dos traços seguros e firmes, sem o uso da borracha, linhas curvas em sua maioria criando movimentos na folha. Desenha o filhote mamando na girafa, esta come a grama, num movimento cíclico. As pernas da girafa são compridas e eretas, como seu pescoço, dando elegância ao animal, que mesmo comendo a grama não perde sua imponência. A girafa é seu animal predileto, cujo amarelo, capta o olhar do observador imediatamente, que observa posteriormente os outros

animais e o restante da cena.

Para Kandinsky:

*“(...) o amarelo se irradia, que adota um movimento excêntrico, e aproxima-se quase visivelmente do observador. (...) o primeiro movimento do amarelo, sua tendência para ir na direção daquele que olha, tendência que, aumentando a intensidade do amarelo, pode chegar até a incomodar; e o segundo movimento, o salto para além de todo limite, a dispersão da força em torno de si mesma, são semelhantes à propriedade de se precipitar inconscientemente sobre o objeto e se propagar em desordem para todos os lados, que toda força material possui. Considerando diretamente (numa forma geométrica qualquer), o amarelo atormenta o homem, espicaça-o e excita-o, impõe-se a ele como uma coerção, importuna-o com uma espécie de insolência insuportável. Essa propriedade do amarelo, que tende sempre para os tons mais claros, pode alcançar uma intensidade insustentável para os olhos e para a alma. Nesse grau de potência, soa como um trompete agudo, que fosse tocado cada vez mais forte, ou como uma fanfarra estridente. O amarelo é a cor tipicamente terrestre”.*⁵

O filhote mama com o pescoço ereto e corpo alinhado, numa elegância magistral compondo com a harmonia das linhas do corpo da mãe. Até seu rabo é ereto apontando para cima, em direção a mãe, e esta com o

rabo direcionado para baixo, supostamente protegendo a amamentação do filhote. Os pássaros voam numa linha reta imaginária, o pica-pau bica a árvore, a vaca amamenta seu filhote, o sol brilha no céu, toda cena sustentada pela terra, numa linha sólida e reta, abaixo do firmamento.

A harmonia das cores é visível. O tronco marrom da árvore compõe com as manchas marrons do corpo da girafa, do bico do pássaro, clareando um pouco no corpo do sol, este mais avermelhado, formando um círculo imaginário por meio dessa cor. O amarelo do corpo da girafa mãe e do filhote dialoga com o amarelo do bico do pássaro preto, prosseguindo pela nuvem amarela, passando pelas penas amarelas do pássaro azul traçando assim, um triângulo imaginário.

Podemos ainda observar o preto do pássaro em harmonia com as manchas pretas da vaca e a parte posterior do pescoço das girafas, sendo que o da mãe é mais escuro que o do filhote.

O olho da girafa é azul, se harmonizando com o azul do pica-pau e do pássaro e do céu.

O verde da grama emana sensações, como tão bem classificou Kandinsky:

“(...) Tudo fica em repouso. É a conclusão lógica, fácil de obter, pelo menos teoricamente. A ação direta da cor sobre os olhos e, finalmente, através dos olhos, sobre a alma, leva ao mesmo resultado. É um fato há

*muito reconhecido não só pelos médicos (em particular pelos oftalmologistas), mas por todos. O verde absoluto é a mais calma de todas as cores. Não é o foco de nenhum movimento. Não se faz acompanhar nem de alegria, nem de tristeza, nem de paixão. Nada pede, não lança qualquer apelo. Essa imobilidade é uma qualidade preciosa e sua ação é benéfica sobre os homens e sobre as almas que aspiram ao repouso. (...) A passividade é a característica dominante do verde absoluto. Mas essa passividade perfuma-se de união, de autossatisfação. (...) Esse verde é como a vaca gorda, saudável, deitada e ruminante, capaz apenas de olhar o mundo com seus olhos vagos e indolentes. O verde é a cor dominante do verão, o período do ano em que a natureza, tendo triunfado da primavera e de suas tempestades, banha-se num repousante contentamento de si mesma”.*⁶

Sobre a grama verde o olhar do observador repousa, imobilizado diante da cena. A copa da árvore pintada de um outro tom de verde mais sóbrio é uma potência em si mesma, capta nosso olhar por sua forma circular, circunspecta, adornada por seus frutos redondos e azuis.

“É no azul que se encontra essa profundidade e, de maneira teórica, já em seu movimento: 1º – movimento de distanciamento do homem; 2º – movimento dirigido para o seu próprio centro. O mesmo ocorre

⁵ Ibid, p. 89-92.

⁶ Ibid, p. 93-94.

quando se deixa o azul (a forma geométrica é, nesse caso, indiferente) agir sobre a alma. A tendência do azul para o aprofundamento torna-o precisamente mais intenso nos tons mais profundos e acentua sua ação interior. O azul profundo atrai o homem para o infinito, desperta nele o desejo de pureza e uma sede de sobrenatural. É a cor do céu tal como se nos apresenta desde o instante em que ouvimos a palavra “céu”. O azul é a cor tipicamente celeste. Ela apazigua e acalma ao se aprofundar. (...) A medida que vai ficando mais claro, o azul perde sua sonoridade, até não ser mais do que um repouso silencioso e torna-se branco.”⁷

O pássaro azul mais vibrante vai clareando no céu, num verde azulado, até se dissipar no branco, trazendo a esta imagem tranqüilidade e paz interior, cabe observar que há um leve contorno de linha curva quebrada abaixo dando a idéia de nuvem ao fundo.

Sobre o marrom localizado no tronco, nas manchas da girafa e no sol:

“É então que se forma o marrom, cor dura, embotada, estagnante, na qual o vermelho não passa de um murmúrio apenas perceptível. Apesar disso, desse som exteriormente tão débil nasce um som interior potente, fulgurante. O emprego necessário da cor

marrom produz uma beleza interior que não pode ser traduzida em palavras: a moderação.”⁸

Esse quadro mostra-nos o ciclo da vida:

“A composição que se baseia nessa harmonia é um acordo de formas coloridas e desenhadas que, como tais, têm uma existência independente, procedente da Necessidade Interior, e constituem na comunidade que daí resulta, um todo chamado quadro.”⁹

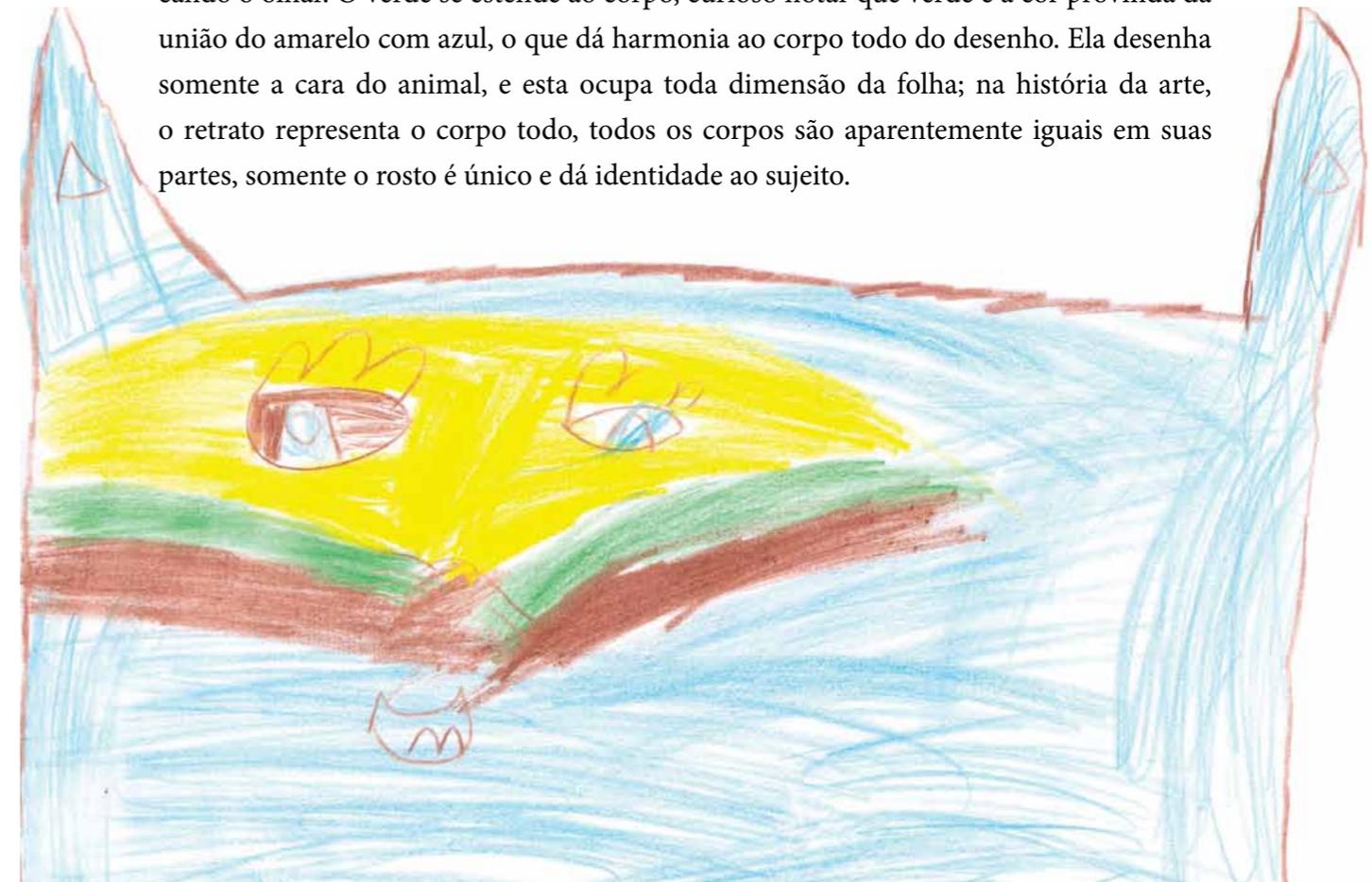
Gabriel não aprendeu a teoria das cores ou composição, a pintura do seu desenho é intuitiva, possivelmente alimentada pela paisagem de Embu-Guaçu, onde é comum ver pássaros, pica-paus, vacas e bezerros.

Antes de desenhar, Clara pede a aprovação da professora:

Professora, posso desenhar a minha gatinha?

A resposta positiva lhe assegura que o desenho será aceito.

O desenho da gata é de origem afetiva, ela não desenha qualquer gato desenha a sua gata. Seus grandes bigodes marrons dialogam com o contorno dos olhos, da boca e da cara da gata. Os olhos são azuis assim como seu corpo, também esverdeado dialogando com o verde acima do bigode. O amarelo contorna os olhos dando luminosidade e destacando o olhar. O verde se estende ao corpo, curioso notar que verde é a cor provinda da união do amarelo com azul, o que dá harmonia ao corpo todo do desenho. Ela desenha somente a cara do animal, e esta ocupa toda dimensão da folha; na história da arte, o retrato representa o corpo todo, todos os corpos são aparentemente iguais em suas partes, somente o rosto é único e dá identidade ao sujeito.



⁷ Ibid, p. 92-93.

⁸ Ibid, p. 98.

⁹ Ibid, p.104.



Edu adorava desenhar carros, no início repetia o mesmo desenho, depois, com o tempo, com as aulas, incentivando-o a observar um carro e desenhar, contando a história de artistas que inventavam coisas que não existiam ele passou a inventar os “seus carros”.



O Pedro, por exemplo, um aluno de seis anos que adorava desenhar, quando entrava na sala me abraçava, me beijava, segurava minhas pernas (era pequeno) e dizia: professora vamos desenhar? Lembro que um dia conversei com eles sobre Picasso, contei que desenhava desde criança como eles, quando o Pedro levanta-

to a mão e perguntou “professora agora nós vamos desenhar?” Um dia sua professora me contou que ele mora com a mãe, que sai quase todas as noites e o deixa sózinho. Conversando com ele perguntei-lhe o que fazia quando ficava sozinho, respondeu “eu fico desenhando professora”.

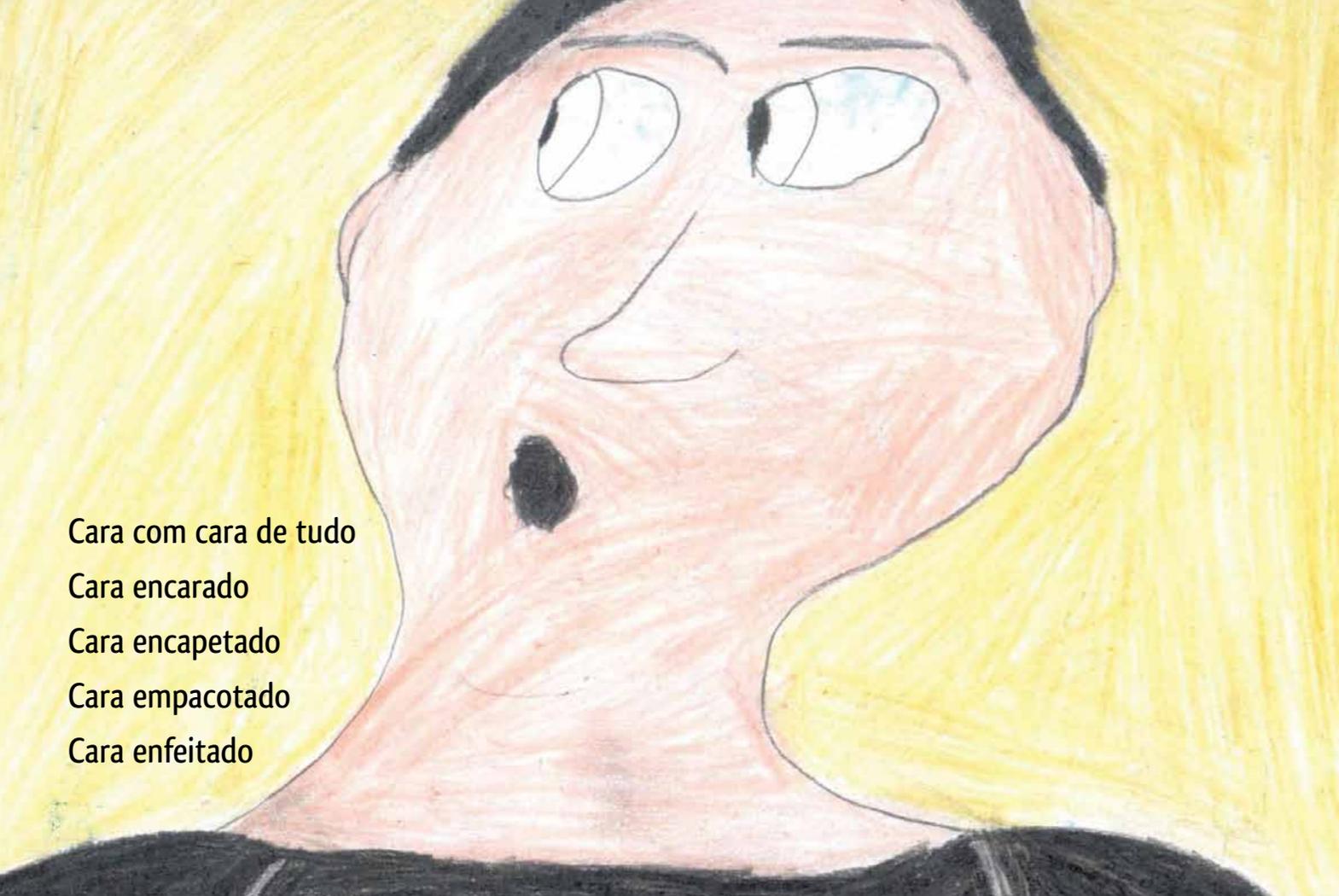
Os desenhos foram traçados numa aula de autorretrato. Coloquei dois espelhos na lousa, um de cada lado, as crianças se olhavam e depois se auto desenhavam.

Curioso observar, pois a aluna que o fez quase nunca fala, para ouvir sua voz eu era obrigada a abaixar e ela sussurrava no meu ouvido. A boca não tem lugar no desenho.



Intuitivamente, sua essência alcançou a forma exterior pelo ato de desenhar, advindo da motivação, nesse caso, o autorretrato.





Cara com cara de tudo
Cara encarado
Cara encapetado
Cara empacotado
Cara enfeitado

Para Alex, um menino de 9 anos da terceira série, desenhar era o que ele mais gostava de fazer.

O autorretrato do Alex é formado por linhas curvas, produzindo uma sensação de movimento no rosto, cujas linha sinuosas das sombrancelhas destacam os olhos, acompanhados pela elevação da linha da testa que acentua esse movimento do olho dando ar de curiosidade a expressão. A linha da boca, do nariz, dos olhos, enfim, todas as linhas convergem para o mesmo

lado, levando-nos a curiosidade de saber o que ele observa de esgueio.

A cor preta da blusa compõe com a cor da boca, dos olhos e do cabelo.

Ele usa apenas o essencial de cores, poderíamos chamar de uma pintura minimalista. A cor mais forte, o preto, mostra o principal, marcam os traços de um menino que ele mesmo elegeru em sua poesia como:

Em seu segundo autorretrato, ele representa a lousa onde estão os dois espelhos, ele no meio com o lápis ao se auto desenhar. O olhar continua para a lateral, porém sua boca agora abre-se num sorriso feliz, colo-

rida de vermelho. Observem os detalhes nos espelhos desenhados com as linhas diagonais com um círculo ao lado denotando a luminosidade dos espelhos.



O carro que adentra a folha numa curva notável pelos traços pretos pintados abaixo dos pneus em forma semicircular, acentuada pelos pequenos retângulos amarelos a esquerda que também acompanham o mesmo formato dando ênfase a curva. O fato de desenhar o carro pela metade nessa curva, remete-nos o olhar para dentro e fora do plano, o mesmo amarelo nas janelas do lado direito do carro são reforçados pela cor preta. Explica-nos Kandinsky:

“É no azul que se encontra essa profundidade e, de maneira teórica, já em seu movimento: 1º – movimento de distanciamento do homem; 2º – movimento dirigido para o seu próprio centro. O mesmo ocorre quando se deixa o azul (a forma geométrica é, nesse caso, indiferente) agir sobre a alma. A tendência do azul para o aprofundamento torna-o precisamente mais intenso nos tons mais profundos e acentua sua ação interior. O azul profundo atrai o homem para o infinito, desperta nele o desejo de pureza e uma sede de sobrenatural. É a cor do céu tal como se nos apresenta desde o instante em que ouvimos a palavra ‘céu’. O azul é a cor tipicamente celeste. Ela apazigua e acalma ao se aprofundar. Ao avançar rumo ao preto, tingem-se de uma tristeza que ultrapassa o humano.

(...) Como um ‘nada’ sem possibilidades, como um ‘nada’ morto após a morte do sol, como um silêncio eterno, sem futuro, sem a esperança sequer de um futuro, ressoa interiormente o preto. O que na música a ele corresponde é a pausa que marca um fim completo, que será seguida, talvez, de outra coisa – o nascimento de outro mundo. Pois tudo que é suspenso por esse silêncio está acabado para sempre: o círculo está fechado. O preto é como uma fogueira extinta, consumida que deixou de arder, é imóvel e insensível como um cadáver sobre o qual tudo resvala e nada afeta. É como o silêncio no qual o corpo entra após a morte, quando a vida consumiu-se até o fim. Exteriormente é a cor mais desprovida de ressonância. Por essa razão, todas as outras cores, mesmo aquela cujo tom é mais fraco, adquire, quando se destaca sob esse fundo neutro, uma sonoridade mais nítida e uma força redobrada.”¹⁰

É exatamente essa a ação do amarelo sobre os nossos olhos desse desenho acentuado pela cor preta.

O que nos aponta Kandinsky foi o que aconteceu com as cores amarelo e azul que nos saltaram aos olhos.



¹⁰ Ibid, p. 95-96.

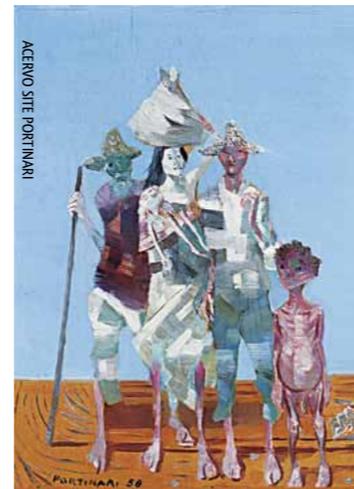
“A tristeza do pobre” foi um trabalho realizado por Alex depois de termos conversado sobre Portinari e como ele retratava cenas do cotidiano. Alex então, contou-nos a história que presenciou naquela manhã antes de chegar a escola. Uma senhora subia no ônibus quando esse disparou abruptamente e a senhora quase caiu. Interessante observar a relação que ele estabeleceu no desenho pelo fato de associar a senhora, utilizando o transporte público, com a pobreza, e a felicidade, utilizando homem que tem dinheiro, com a riqueza..

A expressão da senhora, em primeiro plano, com traços acentuados, demonstrando sua tristeza, seu tamanho em primeiro plano e o homem rico atrás, tamanho menor, em segundo plano.

A cor preta e cinza dando um tom de melancolia ao quadro, a cor azul clara, ademais, se dissipa no branco, o que leva a uma sensação de frieza e extensão dessa melancolia.

Observe que o pequeno homem com o saco de dinheiro, é uma parte do todo da composição que carrega as mesmas cores, porém essas acentuadas e não minimizadas na sua extensão, enfatizando o azul e o verde, mais iluminados, mostram o brilho da riqueza.

Não se pode deixar de observar que a criança pinta no mesmo tom de marrom tanto a calça do “homem rico” como a lata de lixo ao lado da senhora.



A privada é um desenho de memória visual e imaginativo, cuja beleza inigualável é formada por linhas que nos fazem perceber estarmos diante de um observador atento e sensível. Desenho harmonioso e proporcional, cujas linhas curvas dão leveza e movimento à composição.

A engenhosidade ao pintar de azul as águas que formam as ondas, nos transportando mentalmente para o mar, ativando nosso olhar atento e ao mesmo tempo nos fazendo imaginar. Kandinsky diz que o azul nos transporta para o infinito, e o que é olhar o mar, senão a comunhão com esse infinito.

A cor branca:

“No fundo, o branco, que muitas vezes é considerado uma não-cor, sobretudo depois dos impressionistas, “que não vêem branco na natureza”, é como o símbolo de um mundo onde todas as cores, enquanto propriedades de substâncias materiais, se dissiparam. Esse mundo paira tão acima de nós que nenhum som nos chega dele. Dele cai um silêncio que se alastra para o infinito como uma fria muralha, intransponível, inabalável. O branco age em nossa alma como o silêncio absoluto. Ressoa interiormente como uma ausência de som, cujo equivalente pode ser, na música, a pausa, esse silêncio que apenas interrompe

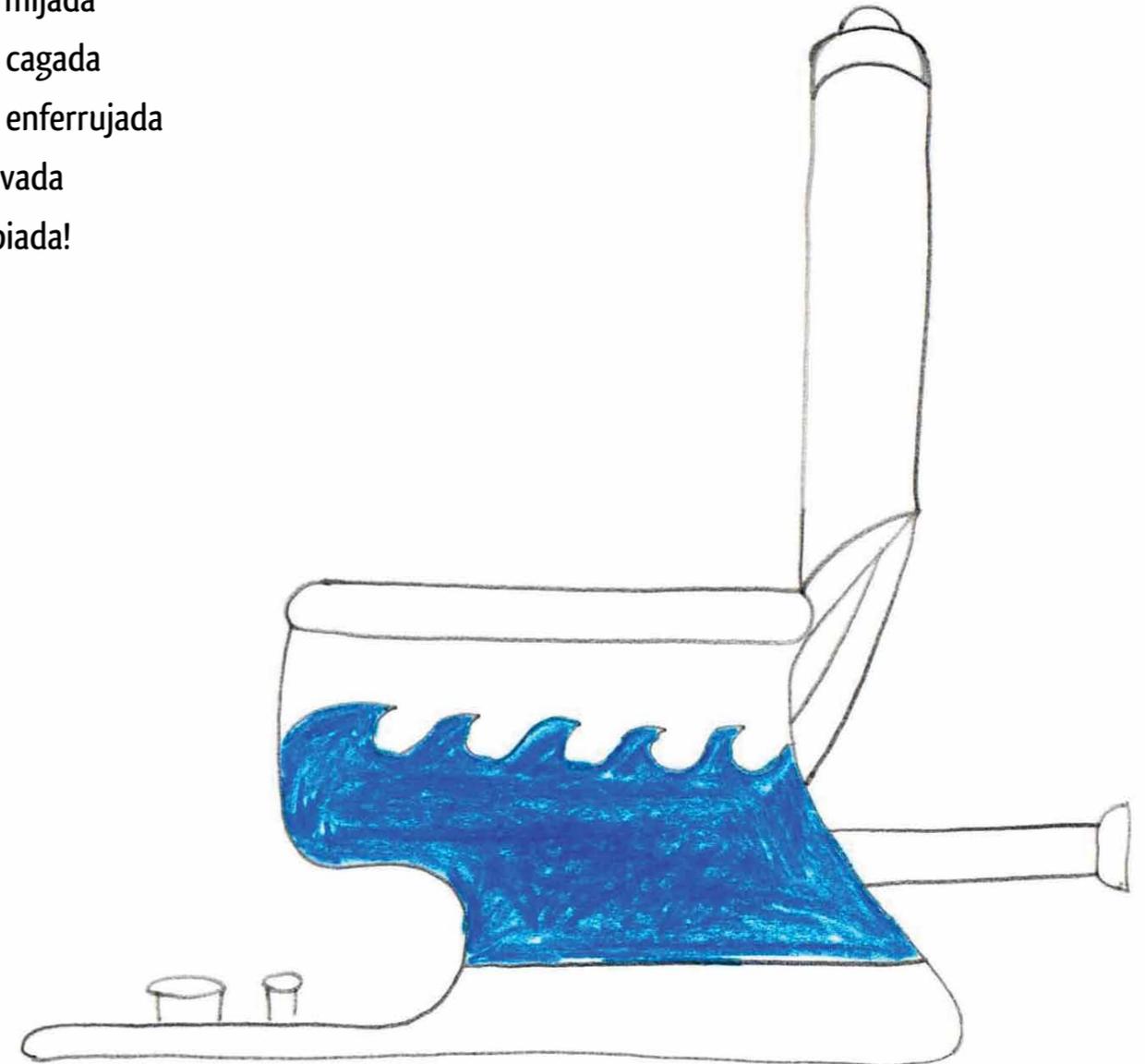
o desenvolvimento de uma frase, sem lhe assinalar o acabamento definitivo. Esse silêncio não é morto, ele transborda de possibilidades vivas. O branco soa como uma pausa que subitamente poderia ser compreendida. É um “nada” repleto de alegria juvenil ou, melhor dizendo, um “nada” antes de todo nascimento, antes de todo começo.(...)Não é sem razão que o branco é o adereço da alegria e da pureza sem mácula, o preto, o do luto, da aflição profunda, o símbolo da morte. O equilíbrio das duas cores, obtido por forma mecânica, dá o cinzento. O cinzento é sem ressonância e imóvel. Imobilidade diferente da do verde, é resultante de duas cores ativas. O cinzento é imobilidade sem esperança.”

As linhas cinzentas, oras curvas oras retas, não são de uma imobilidade completa em si mesmas?

Notamos a capacidade de representar uma ideia e, ao mesmo tempo, transformar o que seria receptáculo de sujeira e dejetos em um mar de beleza e humor, reconhecido pelo próprio criador em sua poesia:

A PRIVADA

Privada mijada
privada cagada
privada enferrujada
essa privada
é uma piada!



A conversa abaixo surgiu depois de mostrar uma reprodução da obra de Portinari. “Enterro na Rede”:

– Professora, o Portinari pintava tudo que ele queria, até um velório?

Pintava.

Professora, o meu avô morreu, mas eu não fui no enterro dele. O vovô é pai da minha mãe, do meu tio Marcos e do meu tio Marlon. Tio Marcos falou – vou sentir saudade, o Tio Marlon falou – pai, até a volta de Jesus, e a mamãe falou – Adeus pai!”

É notável observar a composição do quadro, formada por três retângulos distintos: casinha, caixão e as três pessoas abaixo.

Neste desenho as linhas são retas e singelas em sua simplicidade infantil. Porém, as cores são extremamente significativas, carregadas do sentimento da criança.

O caixão, pintado de amarelo capta a atenção do observador para o assunto principal: a morte do seu avô.

Creio que não temos as dimensões até onde nosso trabalho pode alcançar dando a oportunidade da criança reelaborar situações cotidianas pelo simples fato de permitir que o façam.





Claudio de 8 anos, segunda série é um menino de pequeno porte e sorriso tímido. Numa das aulas falava sobre a possibilidade de podermos fazer o que quisermos em nossos desenhos. Claudio contou que seu vizinho tinha um pássaro preso na gaiola e ele tinha muita vontade de ir até lá e soltar o pobre passarinho. Foi assim que surgiu a ideia desse lindo e expressivo desenho. Observemos que tanto o menino quanto o pássaro tem a mesma cor: o vermelho, e assim, como a gaiola que aprisiona o pássaro é laranja, intuitivamente o corpo que “aprisiona” o menino, também é laranja. Ele se identifica com o pássaro e sua condição. O vermelho e o laranja são as cores da vitalidade, conforme Kandinsky.

“O vermelho tal como o imaginamos, cor sem limites, essencialmente quente, age interiormente como uma cor transbordante de vida ardente e

¹² Ibid, p.97-99.

*agitada. (...) Apesar de toda a sua energia e intensidade, o vermelho atesta uma imensa e irresistível potencia, quase consciente de seu objetivo. Nesse ardor, nessa efervescência, transparece uma espécie de maturidade masculina, voltada sobretudo para si mesma e para qual o exterior conta muito pouco. (...) O vermelho quente, que a adição do amarelo, a que é aparentado, torna mais intenso, resulta no laranja. O movimento do vermelho, que estava encerrado em si mesmo, transforma-se então em irradiações, em expansão. Mas o vermelho, cujo papel é grande no laranja, acrescenta-lhe uma nota acessória de seriedade”.*¹²

Notem bem que o pássaro não tem asas, no lugar das asas uma faixa preta, suas asas são mortas, ele está impedido de voar, apesar de toda sua energia vital interior, expressada pela cor vermelha. A expressão do olho

do pássaro e do menino são as mesmas, arregalados, como perplexos diante da situação. Será que o menino também não se sente preso como o pássaro? Dentro dele uma profunda identificação com aquele ser. O menino do desenho pisa sobre a cor verde, vejamos:

*“ O azul tem um movimento totalmente oposto e tempera o amarelo. Finalmente, se continuar adicionando o azul, os dois movimentos antagônicos anulam-se e produzem a imobilidade, o repouso absoluto, o verde.(...) Mas o amarelo e o azul contidos no verde, como forças mantidas em xeque, podem voltar a ser atuantes. Há no verde uma possibilidade de vida (...) As duas cores que constituem o verde são ativas, possuem movimento em si mesmas. Já se pode, portanto, em teoria, determinar de acordo com o caráter desses movimentos qual será a ação espiritual das duas cores”.*¹³

O verde nesse desenho, como força espiritual, dá o repouso para que os pés da criança se firmem, mas é um lugar de repouso carregado de movimento, vitalidade e ação, pois é naquele lugar onde toda ação se realiza e onde há esperança de abrir uma porta.

As crianças precisam de alguém que lhes diga que eles já sabem, que eles podem, que são capazes e que o que fazem é bom e verdadeiro. Não precisam de parâmetros e modelos externos como padrões a serem seguidos, para desqualificar aquilo que eles tem dentro

¹³ Ibid, p.90-91.

de si e torná-los produtores de cópias insignificantes. É importante mostrar-lhes o que outros fizeram e fazem para que vejam a variedade e diversidade de possibilidades, como alternativas para resolução de problemas de ordem artística, mas não como padrões a serem seguidos. Para que também tenham a oportunidade de serem apreciadores.

O desenho da Bruna, de 7 anos, da primeira série, menina alegre e sorridente, é colorido e expressa sua alegria. Coincidência ou não seu nome significa: cheia de alegria. O sol bate nos prédios que a tudo ilumina, os

prédios são coloridos, mas as janelas são todas azuis. O azul infinito que dialoga com o azul do céu. Das janelas ela vê o céu, o céu se reflete nas janelas.



O desenho do Marcelo, mostra exatamente a árvore dentro do espaço da escola, o muro, o portão (grade com folhas) e do lado de lá da rua a casa (estilo alemão), cuja porta do quarto superior se abre para fora, mostrando o interior do quarto, que ele observou e desenhou com cama, tv e cadeira.

O desenho é formado por linhas retas horizontais, verticais, diagonais, e linhas curvas.

“Quando uma força vinda de fora faz o ponto se mover numa direção determinada, cria-se a primeira espécie de linha, que mantém inalterada, a direção tomada, com uma tendência a continuar direto ao infinito.

Isso é a linha reta, que apresenta em sua tensão a forma mais concisa das infinitas possibilidades de movimento.

*(...) 1. A linha reta mais simples é a linha horizontal ela corresponde, na concepção humana, à linha ou à superfície, na qual o homem repousa ou se move. A horizontal é, pois, uma base de apoio fria, que pode continuar em todas as direções. O frio e o plano são as ressonâncias básicas dessa linha, e podemos designá-la como a forma mais concisa da infinidade das possibilidades de movimentos frios”.*¹⁴

A composição é realizada em três planos, numa ordenação advinda da visão do aluno, no primeiro plano

está a árvore, que estava mais próxima dele, no segundo plano o muro e o portão, e, num terceiro plano, a casa e os animais. Esse plano é composto por uma superfície circular (árvore), triangular (quarto superior e teto) e retangular (casa).

*“A ação de uma força introduz vida num material dado, e essa vida se exprime em tensões. As tensões, por sua vez, proporcionam uma expressão interna ao elemento. O elemento é o resultado efetivo da ação de uma força sobre o material. A linha é o exemplo mais evidente e mais simples dessa criação, que, a cada vez, se produz de maneira precisa e lógica e requer, assim, um emprego preciso e lógico. A composição nada mais é, pois, que uma organização precisa e lógica das forças vivas contidas nos elementos sob forma de tensões”.*¹⁵

Ao lado das salas das primeiras séries também havia um pequeno jardim, desenhamos o jardim, conversamos sobre as cores das flores, das folhas, as tonalidades de verde, os nuances. Alternava as aulas levando livros com paisagens, conversávamos sobre como o artista pintava o sol, as montanhas, mostrei desenhos, pinturas e assim as crianças começaram a desenvolver trabalhos menos estereotipados e mais personalizados de acordo com sua potência de criação.

Cada turma tinha um movimento diferente, cada criança tinha necessidades e desejos únicos, portanto as aulas foram sendo planejadas de acordo com as necessi-



dade gerais da turma e paulatinamente de cada criança, na medida em que cada uma me trazia uma proposta.

Nas primeiras séries encontrei crianças incríveis que me ensinaram muito. Primeiro me ensinaram a não avaliar uma criança pela sua idade cronológica ou série. Aprendi na prática que a criança, independente de sexo ou idade, é um ser total em si mesmo, com

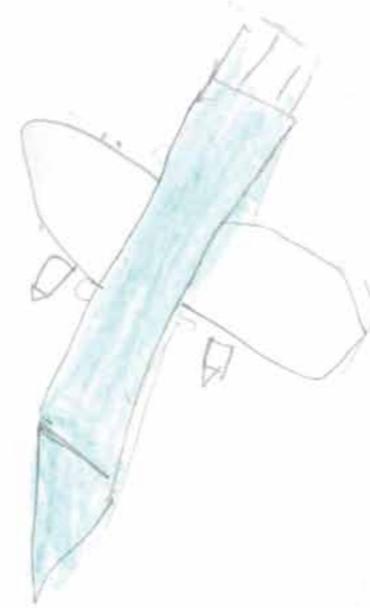
infinitas possibilidades de desenvolvimento, se não for “achatada” pelo sistema educacional, que muitas vezes bem intencionado impõe regras e minimiza o potencial de aprendizagem da criança que muito inteligente se adapta e aprende a fazer o que o sistema pede para ser feito e conseqüentemente aceita.

¹⁴ Ibid, p. 50-51.

¹⁵ Ibid, p. 81.

Esse é o autorretrato do Fabio, os braços abertos e o imenso coração dizendo que ama a professora, é resultado simplesmente do fato dele não ser impedido de desenhar e recortar em seguida seus desenhos e poder correr com eles brincando pela sala, essa é a sua necessidade interior, e sua felicidade por alguém ter “entendido”, “entendeu?” como ele diria.

Ele desenhava aviões, carrinhos, bolas, brinquedos, casinhas, animais e tudo que se pode imaginar, em seguida recortava e saía brincando com seu “desenho-objeto”. Interessante que ele se envolvia de tal forma com o desenho-objeto que não se incomodava com nada, não ouvia ninguém, ficava totalmente mergulhado naquele fazer e no brincar posterior. Depois guardava numa latinha, no estojo, ou na mochila, seus desenhos adquiriam vida imediatamente e passavam a fazer parte do seu mundo.



Na terceira série, por exemplo, descobri que havia uma aluna cujo pai era técnico em gravura, ela chegou a trazer um catálogo cujas obras seu pai havia impresso, trouxe também algumas gravuras e pudemos mostrar para os colegas e juntas explicamos como se fazia gravura. Nessa mesma turma, outro aluno levou uma caixinha de madeira feita por sua mãe, outra levou um totem feito pelo pai e a partir da realidade das crianças pudemos fazer a leitura desses objetos. Conversamos sobre o que é bidimensional, tridimensional, formas, cores, etc.

Levei esculturas em pedra sabão, madeira, cerâmica, levava livros com obras de arte e deixava pela sala, para quem quisesse ver e assim elas foram se familiarizando com a linguagem artística.

Contei-lhes um pouco sobre Candido Portinari, o que possibilitou um diálogo com os trabalhos que elas faziam, mostrei que ele pintava cenas de todos os tipos, desde operários, camponeses, trabalhadores, animais, até crianças, brincadeiras infantis, paisagens, retratos, etc.

Estes foram nossos fazeres felizes no ateliê-escola em 2007, com crianças de 6 à 12 anos.

Ao mesmo tempo que dava aulas para essas crianças colaborava com a Prof^a Dr^a Maria Christina de Souza Lima Rizzi na organização do Laboratório de Artes Visuais para Crianças e Adolescentes do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações

e Artes da Universidade de São Paulo. Providenciamos a reforma da sala, levantamento dos equipamentos e materiais necessários, fazendo a lista de compras, posteriormente adquirindo os materiais, alguns comprando pessoalmente, outros encaminhando ao depto de compras. Participava também do projeto Ciclovias junto a Professora Regina Machado, que não chegou a viabilização, mas deu início às discussões e reflexões sobre o futuro Ateliê de Artes a ser inaugurado em 2008.



“Klee acrescenta: ‘E agora me tornei também um burocrata, ao resolver compilar um catálogo extenso e exato de toda a minha produção artística desde a infância. Só não incluí os desenhos de escola, os estudos de modelo vivo, etc. porque lhes falta autonomia produtiva’ (Tagebücher, op.cit., p. 221, n.895). Essa observação se torna importante para a compreensão do que mais tarde seria seu critério principal para avaliar se trabalhos de crianças e de estudantes eram produções artísticas ou não. Nesse contexto, é instrutiva também uma conversa a que Hans Friedrich Geist se refere (In Erinnerung na Paul Klee. Organizado por Ludwig Grote, Munique, 1959, p.84). Geist, que era um professor de artes em Meuselwitz, na Saxônia, organizou em Dessau em 1930 uma exposição de trabalhos de crianças sob o título ‘O mundo das crianças’. Klee lhe deu conselhos a respeito. ‘Certa tarde examinamos os trabalhos. Klee pegava folha por folha, na maioria colagens feitas com diversos materiais, colocava os trabalhos à sua frente, calado, ordenava-os em grupo, escolhia alguns, e formava sua opinião. Quando nos despedimos, ele disse: ‘Posso imaginar o que esse mundo significa para o senhor. É a origem, por mais forte que seja a sua participação pessoal nessas produções. A criança quer a vida de verdade, como ela lhe parece, envolta em brincadeiras, vestida com suas fantasias.

Não se deve falar de arte da criança. Isso cria um erro! A arte é outra coisa.’ Numa conversa posterior Klee acrescentou: ‘A criança é plena, transbordante de imagens que a afligem, das quais precisa se libertar para encontrar seu caminho no mundo. Desenhar é uma necessidade biológica para ela! Desenha como anda, como fala! Precisa expressar o que é visto, desejado, sonhado, o que é hostil e o que é amistoso, precisa transformar, exorcizar, prender. Seus desenhos são incompletos, ainda a caminho, simples como seu espírito. A criança não deforma! Também não se contenta com suas criações. Deseja que sejam sempre melhores, ‘mais correspondentes’, mais reais. Ela compara! Configurações puras, como eu já disse ao senhor, são raras no caso de uma criança, são a exceção, um acidente, às vezes uma brincadeira que não deve ser levada à sério. O senhor deve tomar muito cuidado para não esclarecer esses trabalhos acrescentando algo de refletido e poético. Em vez disso, pergunte o que a criança quer dizer! O mais importante é a consistência real em uma forma dominada. Isso é sobretudo o que se pretende dizer! Todo o resto, o que é misterioso, o plano de fundo, o ilusório, são acréscimos, efeitos indesejados do material, dos instrumentos, da técnica. É esse o perigo! O senhor vê intenções que originalmente não estavam presentes! Interpretações correm um tal risco!’”



A young boy with dark hair, wearing a light blue textured sweater and light blue jeans, is crawling on a concrete sidewalk. He is looking down at a shadow cast on the ground. The shadow is of a person standing and is cast to the right. The sidewalk is made of large, rectangular concrete slabs. To the left of the sidewalk is a patch of green grass. The scene is brightly lit, suggesting a sunny day.

DESENHO 2

**Desenho do Laboratório de
Artes Visuais para Crianças
e Adolescentes**

“Mira, te he revelado el secreto: la Obra está en ti y contigo.”

Hermes Trimegistos

História

O Ateliê de Artes Visuais para Crianças é um curso de extensão oferecido semestralmente pelo Departamento de Artes Plásticas (CAP) à comunidade. Faz parte do Laboratório-Ateliê de Artes Visuais para Crianças e Adolescentes (doravante neste trabalho denominado LAAV), vinculado à disciplina “Metodologias do Ensino das Artes Visuais III e IV com Estágios Supervisionados”, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). O Ateliê corresponde aos objetivos do Programa de Formação de Professores da USP, garantindo qualificação da formação inicial e possibilitando aos licenciandos inserção à prática docente, conforme relato na artigo da revista ARS.¹

¹ RIZZI, Maria Christina de Souza Lima, MORAES, Sumaya Mattar, Ateliê de Artes para Crianças: Primeiros Registros e Reflexões de um Trabalho em Progresso, ARS - Revista do programa de pós-graduação em artes visuais da ECA/USP, São Paulo, ano 6, v. 11, p.73-77, 2008.

² CHAER, Ivan. Ateliê de Artes para Crianças: Início de percurso, ECA/USP, p.42-49, Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, São Paulo, 2008.

Concepção

“O desenho conceitual desse ateliê é experimentar e propor coisas para que os alunos possam ter coragem de experimentar. E coragem junto de uma fundamentação, uma experimentação com base em um estudo de grupo.”

Regina Machado

O LAAV, inicialmente denominado Laboratorio de Artes Visuais para Crianças e Adolescentes, foi idealizado pela Prof^a Dr^a Regina Stela Barcelos Machado, durante o período em que atuou como professora no CAP da ECA-USP. A mesma fez parte de um grupo de estudos da USP, juntamente com Maria Luisa Pupo, do Departamento de Artes Cênicas (CAC), e Pedro Paulo Salles, do Departamento de Música, representantes da ECA-USP, com o propósito de estudar e propor mudanças nos cursos de formação de professores a partir de Resoluções do Conselho Nacional de Educação, nos anos de 2001 e 2002, conforme relata em entrevista.²

Em 2005, com a implementação do Programa de Formação de Professores na Universidade de São Paulo, surgiu a oportunidade concreta de reestruturação curricular e recriação do Projeto Pedagógico, realizado pela Profa Dra Regina Machado. Segundo ela, era necessário “um desenho pedagógico” para Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, por meio da Proposta Pedagógica.

Alguns excertos da Proposta Pedagógica e Estrutura Curricular Renovada adaptadas ao Programa de Formação de Professores da USP, de 17 de novembro de 2005:

Introdução

No início do ano de 2005 o Departamento de Artes Plásticas da ECA desencadeou um processo de discussão de questões relacionadas à sua reestruturação curricular, focalizando principalmente a necessidade de uma reformulação conceitual e programática da articulação entre Bacharelado e Licenciatura. (No 2º semestre do 2009 essa articulação ocorreu no ateliê com a participação do aluno de Bacharelado Tom, num desenvolvimento profícuo para o ateliê).

O Departamento considera o atual projeto de implementação do Programa de Formação de Professores na Universidade de São Paulo uma oportunidade para realizar sua reestruturação curricular há muito almejada e entende também que seu Projeto Pedagógico deve ser resultado de ampla discussão entre o corpo docente e discente como um todo, envolvendo o Bacharelado nas suas inter relações com a Licenciatura.

Pensar o ensino da arte na Universidade, longe de ser um exercício monótono na busca de receitas pedagógicas, deveria ser uma aventura estimulante e multidisciplinar nos domínios da imaginação criadora, ou seja, da poesia.

De modo análogo à ação do artista, que configura sua obra configurando-se a si mesmo em múltiplos planos significativos, a ação de um departamento de arte também tem uma obra a configurar. Obra que é estrutura orgânica, feita de um movimento multifacetado das diferenças: as abordagens dos artistas em diálogo com as dos historiadores da arte, críticos, filósofos e pensadores do ensino da arte, em que as divergên-

cias são estimulantes e as peculiaridades de cada um tornam-se partes integrantes do todo. O desenho conceitual de um Projeto Pedagógico não é unanimidade de pensamento, nem uma idéia ou metodologia comum, mas pluralidade significativa e dinâmica, poiesis, configurada na ação conjunta com o corpo docente.

Apresentamos a seguir um desenho pedagógico para a Licenciatura do Departamento de Artes Plásticas adaptada ao Programa de Formação de Professores da USP explicitando as novas disciplinas que atendem às solicitações deste Programa, já incluídas no seu currículo desde o primeiro semestre de 2005.

As novas disciplinas, conforme estão definidas no item Educação e Formação Científico Cultural dos Núcleos de disciplinas da Licenciatura (pág. X) são:

História do Ensino da Arte I e II e Fundamentos da aprendizagem artística

Objetivos do Curso

O Curso de Educação Artística – Licenciatura, Habilitação em Artes Plásticas, que doravante propomos seja designado “Licenciatura em Artes Visuais” (ver relação das alterações em anexo), tem por objetivos gerais:

- Propiciar a formação profissional inicial de professores de Artes Visuais para o Ensino Básico Fundamental e Médio, abrangendo os seguintes processos de conhecimento:

I – O conhecimento do objeto de estudo ARTE, entendido como fenômeno cultural e estudado em suas relações com a

aprendizagem humana, por meio de processos de investigação.

1- No domínio Teórico

Contribuições da História da Arte, Estética, História do Ensino da Arte, Desenvolvimento cognitivo e aprendizagem artística, Abordagens e estudos de disciplinas afins, autores fundamentais para o ensino e aprendizagem da arte.

2- No domínio Crítico

Leituras de obra de arte.

Leitura de trabalhos de alunos em processo de aprendizagem artística.

3- No domínio da prática artística

Durante o processo criador de formas artísticas que pavimenta o percurso de aprendizagem dos alunos do Departamento, tanto do Bacharelado quanto da Licenciatura.

II – O conhecimento que envolve a investigação de recursos pessoais – percepção, intuição, imaginação, reflexão e processos afetivos exercitados na aprendizagem artística estética.

III – O conhecimento relativo ao contexto pedagógico, envolvendo as relações da instituição escolar enquanto universo interdisciplinar, bem como em suas relações com a comunidade.

IV – O conhecimento do universo profissional e organizacional que envolve a atuação dos artistas professores nas instituições escolares.

Compreendendo a aprendizagem artística como resultante da investigação prática e teórica no âmbito de três eixos interligados, o da prática artística, o da leitura de obras de arte e o da reflexão sobre o fenômeno artístico, estudando-o em seus diversos contextos, os conteúdos programáticos das disciplinas da Licenciatura do Departamento são desenvolvidos a partir da definição de três ações que tomam a forma de três verbos:

Conceber

Movimentar a capacidade de estabelecer relações estruturais, no plano imaginativo, realizando desenhos mentais, hipóteses, possibilidades de arcações que alicerçam:

- o fazer artístico
- a percepção estética
- a reflexão sobre arte

Perceber

Observar significativamente objetos da cultura – formas criadas pelo ser humano, entre elas obras de arte e formas da natureza. Exercício de percepção de relações formais, procedimentos poéticos, ressonâncias, experiências de diferentes pontos de vista entendidas como atuação da flexibilidade perceptiva, que podem embasar:

- a produção de obras artísticas
- a leitura de obras artísticas
- a contextualização da arte

Concretizar

Dar forma, manifestar substancialmente o desenho imaginário e perceptivo pessoal, na organização de uma rede de relações em uma síntese integrada, cuja natureza pode ser:

- produtiva
- apreciativa
- reflexiva

Tal desenho conceitual dos objetivos da Licenciatura estrutura-se a partir do princípio de que os planejamentos a serem realizados pelos alunos na sua futura prática educativa são resultados de uma articulação pessoal, portanto significativa, entre propósitos, conteúdos, estratégias e procedimentos de avaliação. É essa articulação pessoal que será responsável pelo

êxito de uma coerente formulação metodológica, pelo desenvolvimento de projetos inter e transdisciplinares, pela reflexão crítica sobre os diferentes contextos em que se inscreve a prática educativa, pela eficiente avaliação do processo de ensino e aprendizagem em cada situação particular.

A transposição didática de conteúdos, abordagens e procedimentos técnicos é focalizada na Licenciatura como um exercício que pressupõe a apropriação significativa dos princípios acima delineados, principalmente por meio:

- da compreensão da atuação dos três verbos: conceber, perceber e concretizar, em processos de criação artística
- da análise sistemática de métodos e materiais didáticos existentes
- da observação das características das diferentes faixas etárias dos alunos das escolas da rede municipal e estadual
- da constante avaliação de processos de aprendizagem artística e práticas educativas
- do constante exercício de um processo criador de uma poética pessoal
- do estudo sistemático dos conteúdos das diferentes disciplinas da Licenciatura

Metodologia do curso

A licenciatura do Departamento propõe uma constante inter-relação entre reflexão e prática no encaminhamento metodológico de suas disciplinas, por entender que o modo por excelência da ação artística é de natureza teórico-poética.

Assim, os conteúdos são apresentados tanto em forma expositiva, quanto em forma de investigações pessoais e grupais dos alunos, que se manifestam em seminários, criações de aulas, discussões temáticas em sala e pesquisas de campo.

Ressaltamos que a criação do Laboratório de Artes Visuais para Crianças e Adolescentes, que deverá funcionar a partir de 2007, deverá impulsionar e dinamizar as práticas educativas dos alunos da licenciatura, desafiando a busca de novas direções metodológicas no enfrentamento concreto de questões fundamentais do ensino e aprendizagem da Arte.

(...)

Propostas de Ação para 2007:

Laboratório de Artes Visuais para Crianças e Adolescentes
O Laboratório de Artes Visuais para crianças e jovens está concebido como um espaço de extensão universitária, que atende tanto às crianças e adolescentes da comunidade USP e o entorno, como também visa oferecer uma situação de caráter formativo para os alunos da Licenciatura do Departamento.

Como espaço formativo, o Laboratório visa disponibilizar uma experiência de prática de ensino para os alunos da Licenciatura. Tal situação compõe-se, dentro de uma articulação entre o plano teórico e o plano de ação educativa, de uma sequência de procedimentos: a concepção de uma estrutura de ação, realizada pela interligação entre fundamentos teóricos e metodológicos, conteúdos determinados, estratégias e propostas de avaliação dos processos de trabalho.

Nesse espaço, os alunos realizarão horas de atividades distribuídas entre:

- planejamento de aulas
- aulas dadas para os alunos do Laboratório
- relatórios sobre atividades realizadas
- estudos de textos que fundamentam projetos de ensino para o laboratório.

Como atividade de extensão universitária, o Laboratório de

Artes Visuais para crianças e jovens tem como objetivo oferecer um programa de qualidade para os filhos dos funcionários e professores da USP e também atender à comunidade do entorno.

É importante que o desenho desse Laboratório seja fruto de uma dinâmica articulação entre a reflexão presente nos estudos da área de ensino e aprendizagem da arte e abordagens metodológicas continuamente reinventadas pelos alunos da Licenciatura, a partir de seus estudos e experiências práticas no contato direto com a escola e com outras instituições, como Museus e ONGs.”

O projeto pedagógico inclui um laboratório de artes visuais para crianças e adolescentes, cujas propostas de ação estavam previstas para 2007, porém, vindo a ser concretizado somente em 2008.

No seu último ano como docente da Licenciatura, a Professora Regina ainda iniciou o projeto “Ciclovias”, do qual fazíamos parte, com o objetivo de conceituação do Ateliê. A idéia principal era que, por meio de seminários, estudos, iniciativas e, principalmente, por meio de ação coletiva de docentes e discentes, tal processo se iniciasse ainda no ano de 2006; porém, tal trabalho acabou não se concretizando por dificuldades de tempo e de articulações do próprio grupo, além de outras demandas na época, como a Semana de Arte Educação de 2007.³

Desta forma, as atividades do LAAV só iniciariam no ano de 2008.

Concretização

A efetivação e concretização do LAAV, a partir da aposentadoria da Prof^a Dr^a Regina Machado, ficaram sob a responsabilidade da Prof^a Dr^a Maria Christina de Souza Lima Rizzi do CAP da ECA-USP.

Durante os anos de concepção do projeto do Laboratório, ela acompanhou a Profa Dr^a Regina Stela Barcelos Machado e pode colocá-lo em prática colaborando para a nova fase na história da formação dos professores de artes na ECA-USP.

No primeiro momento, só tínhamos à nossa disposição uma sala durante o período de regência da disciplina Artes Visuais EAV-III com Estágios Supervisionados, onde deveriam acontecer as aulas do Ateliê. Iniciou-se, então, uma jornada de trabalho árduo para preparar minimamente esse ambiente para as atividades do ateliê. O Programa de Formação de Professores da USP destinou orçamento para implementação do Laboratório-Ateliê. Com a verba, foi possível pintar a sala, montar o painel em cortiça para exposição de trabalhos, ocupando meia parede lateral, reformar as fórmicas das mesas, adaptar o encanamento das pias para trabalhos com argila, instalar armários para guarda de materiais gerais sob as pias e prateleiras para trabalhos tridimensionais, reformar a mapoteca e armário de aço, adquirir cadeiras, bancos e um espelho de parede, além de comprar materiais diversos

(lápis, pastel, guache, barbantes, papéis, pincéis, argila, etc) para o uso nas aulas. Ainda foi possível, com o uso daquela verba, adquirir câmera fotográfica, três microcomputadores completos, projetor multimídia e computador portátil. Tal trabalho demandou tempo e muito esforço, uma vez que a maioria dos itens não consta no sistema da USP, tratando-se de aquisições específicas para um Ateliê, devendo, portanto que ser inserido nesse sistema, o que burocraticamente não é nada fácil.

Nessa empreitada, a professora contou com a colaboração desta aluna da pós-graduação, vinculada à bolsa-trabalho do Programa de Formação de Professores da Pró-Reitoria de Graduação da área de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da USP e da aluna Juliana Corrêa, vinculada à bolsa-trabalho, oferecida pela Coordenadoria de Assistência Social (COSEAS) da USP.

O LAAV conta, desde a fase de implementação, com a colaboração do Sr. Antonio Henrique Sobrinho, operador de audiovisual, que participou em todas as fases do processo de aquisição dos equipamentos de multimídia. É o responsável pela instalação semanal dos equipamentos no ateliê, e pela manutenção, além de orientar os educadores quanto ao manuseio, quando necessário.

A infraestrutura do LAAV foi implementada pelo Sr. Vanderley Martins de Souza, técnico da marce-

naria, que prontamente nos ajudou na colocação da cortiça, na confecção das prateleiras e do armário sob a pia, além de continuar executando os trabalhos de manutenção e executando trabalhos de acordo com a necessidade do ateliê; e pelo Sr. Olavo José da Silva, técnico da serralheria, que reformou o armário de aço e a mapoteca.

Na área administrativa, o LAAV tem o suporte do Sr. Raul Cecílio Meneses Junior, funcionário do Departamento de Artes Plásticas responsável pelos cursos de extensão, grupos de pesquisa e publicações, que divulga o curso, efetua as matrículas e coordena as questões burocráticas, como fichas, arquivos, avaliações do mesmo e encaminhamentos pertinentes junto da reitoria.

Contamos ainda com o apoio indispensável de Stela Maria Martins Garcia, desde as questões de ordem burocrática até as de ordem prática; e de Solange dos Santos, na divulgação do ateliê e no suporte necessário para os eventos.

A concretização e manutenção desse ateliê só foi e é possível graças ao trabalho de caráter coletivo instituído pela Professora Christina Rizzi, que conta com a participação e colaboração de todas as pessoas citadas e envolvidas nesse processo. Nesse primeiro curso de extensão tivemos filhos de funcionários e de alunos da universidade matriculados o que colaborou para maior envolvimento de todos no processo de constituição

³ ibid.

do ateliê. A presença das crianças no departamento também trouxe estranhamento inicial mas foi sendo assimilada por alunos da faculdade, pelos funcionários e professores que aos poucos foram compreendendo essa nova dinâmica inserida na rotina universitária.

No primeiro semestre de 2008, o Ateliê funcionou apenas no período vespertino; já no segundo semestre, com a contratação da Prof^a Dr^a Sumaya Mattar Moraes,⁴ passou a funcionar também no período matutino. No âmbito desse trabalho, vamos nos restringir à formação do Ateliê no período da tarde, sob a responsabilidade da Profa Christina Rizzi, pois foi durante esse período que acompanhei os trabalhos e coletei material e registros especificamente para esta dissertação de mestrado.

Proposta

A proposta do LAAV é propiciar experiência prático-teórico-poética e reflexiva de regência de aulas de artes visuais aos alunos da Licenciatura em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas⁵ da ECA-USP; e ofertar curso de extensão para crianças, adolescentes e, futuramente, adultos da comunidade USP e entorno. Além disso, possibilita um ambiente rico para pesquisas educativas e artísticas desenvolvidas por alunos graduandos e pós-graduandos e por docentes da ECA-USP.

A proposta do Laboratório está alicerçada na concepção do ensino de artes visuais preconizada pela Abordagem Triangular de Ensino da Profa Dra Ana Mae Barbosa.

⁴ RIZZI, Maria Christina de Souza Lima, MORAES, Sumaya Mattar, Ateliê de Artes para Crianças: Primeiros Registros e Reflexões de um Trabalho em Progresso, ARS - Revista do programa de pós-graduação em artes visuais da ECA/USP, São Paulo, ano 6, v. 11, p.73-77, 2008.

⁵ A alteração do termo “Artes Plásticas” para “Artes Visuais” ainda está em andamento.

Breve histórico do Ateliê de Artes para Crianças Primeiras experiências

A primeira experiência prática do LAAV ocorreu no primeiro semestre de 2008. As primeiras propostas de aulas foram construídas semanalmente ao longo do curso: planejávamos e ministrávamos as aulas; a seguir, relatávamos, refletíamos, analisávamos, avaliávamos e preparávamos a próxima aula. Tudo sob a orientação da Profa Christina. Muitas vezes, o tempo depois da aula com as crianças era curto para reflexão, avaliação e planejamento da próxima aula, então, nos comunicávamos por e-mail: o professor pela aula enviava sua proposta e os outros colaboravam com sugestões.

A Profa Christina, desde as primeiras aulas, quando ainda estávamos muito envolvidos com a preparação da sala e dos materiais, conduziu as discussões do grupo no sentido de se trabalhar com propostas de aula que contemplassem os interesses, as necessidades e os desejos dos licenciandos, em harmonia com as expectativas e os anseios das crianças. Assim, possibilitou a aplicação dos conhecimentos adquiridos durante a graduação e a vivência de cada aluno, de tal forma que as aulas foram significativas para todos, privilegiando o fazer artístico, a leitura de imagens e a contextualização.

Participaram da primeira experiência os licenciandos, em fase de elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC): Juliana Corrêa, Ivan Chaer, Ligia Carvalho e esta mestrandia. Todos sob a coordenação e orien-

tação da Profa Dra Maria Christina de Souza Lima Rizzi, com a colaboração da Profa Dra Sumaya Mattar Moraes, aprovada em concurso público, em processo de contratação, nas aulas iniciais.

No primeiro dia de aula estavam presentes: as Profas Dras Regina Stela Barcelos Machado, Maria Christina de Souza Lima Rizzi, Sumaya Mattar Moraes; a aluna de pós-graduação Margarete Barbosa Nicolosi Soares; e os alunos da graduação Juliana Córrea, Ligia Carvalho e Ivan Chaer.

O ateliê acontecia das 14h às 15h30, logo após, das 15h30 às 17h45, ocorria a aula com a participação dos professores (alunos da graduação) e da Profa Christina. Naquele momento, relatávamos o processo da aula; mostrávamos os trabalhos das crianças e as fotos do percurso da aula; fazíamos uma avaliação e planejávamos a aula seguinte. Momento profícuo, de intensas discussões, reflexões e análises sobre a trajetória da aula. Fizemos algumas experimentações de procedimentos em aula e chegamos a uma sistematização adequada para aquele momento, em forma de rodízio, por meio do qual cada professor passava pela experiência de exercer uma das funções: regente, assistente, relator e fotógrafo. O relatório era enviado via e-mail para o grupo e durante a semana nos comunicávamos, discutindo e acrescentando elementos ao trabalho.

Nossa primeira turma de alunos matriculadas no curso de extensão era formada por filhos de funcionários da USP e por moradores da região.

“A função da arte

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar”.*⁶

O relato que faço a seguir é um recorte desenhado pelo meu olhar particular e significativo dentro da minha experiência, outros olhares podem captar outras nuances num percurso de infinitos momentos de ensino aprendizagem.

Para registrar as primeiras experiências do LAAV criei um caderno de vestígios, dei esse nome por ser impossível narrar todos os acontecimentos de uma aula, portanto, nesse caderno constam as experiên-

*cias que mais me marcaram. Ao mesmo tempo vestígios também são uma referencia ao meu trabalho artístico: vestígios do ser, humano ser. O caderno de vestígios traz marcas, impressões desenhadas, advindas do desejo de registrar a experiência.*⁷

Nosso primeiro dia de aula, 25 de março de 2008, foi marcado por grande ansiedade, as crianças em volta da mesa, cuja cor branca a deixava maior ainda, e como disse a Prof^a Christina Rizzi: “emblemática”, pois realmente tudo estava em branco, ou seja, por fazer.

*“(…) o branco é como o símbolo de um mundo onde todas as cores, enquanto propriedades de substâncias materiais, se dissiparam. Esse mundo paira tão acima de nós que nenhum som nos chega dele. Dele cai um silêncio que se alastra para o infinito como uma fria muralha, intransponível, inabalável. O branco age em nossa alma como o silêncio absoluto. Ressoa interiormente como uma ausência de som, cujo equivalente pode ser, na música, a pausa, esse silêncio que apenas interrompe o desenvolvimento de uma frase, sem lhe assinalar o acabamento definitivo. Esse silêncio não é morto, ele transborda de possibilidades vivas. O branco soa como uma pausa que subitamente poderia ser compreendida. É um “nada” repleto de alegria juvenil ou, melhor dizendo, um “nada” antes de todo nascimento, antes de todo começo”.*⁸

Quando penso na mesa, reflito no espaço que ela ocupa, na relação com as pessoas, no quanto a sua disposição no ambiente interfere nas várias relações das pessoas nesse lugar.

A sensação era exatamente essa descrita tão bem por Kandinsky: um profundo silêncio, um nada antes do começo, nascia ali o Ateliê de Artes Visuais para Crianças, que daria oportunidade de aprendizagem educativa e artística a tantos licenciandos e crianças.

Creio que nós professores quando transpomos experiências para um caderno de vestígios, ou de anotações, ou memórias, ou registros, reelaboramos aquela situação vivida e compreendemos sua dimensão em nós.

As primeiras vezes que nós alunos e professores sentamo-nos ao redor dessa mesa, várias questões surgiram e percebi que mergulhávamos no infinito. Sob o desenho da mesa outros desenhos se configuravam.

Estávamos ali como desbravadores iniciando um trabalho importante muito sonhado e desejado e agora ele estava ali em nossas mãos para executá-lo. A responsabilidade era enorme e a inexperiência também, pois era a primeira vez que os alunos da graduação iriam dar aula.

Nessa fase inicial do ateliê todos estávamos empenhados em planejar as aulas. Cada aluno-professor trás consigo um repertório peculiar, dada a vasta gama de opções que as linguagens artísticas oferecem. Assim

como o artista demanda tempo para o amadurecimento de sua obra, o professor necessita de tempo para desenvolvimento desde o planejamento até a avaliação das aulas. Como o artista que faz, refaz, desmancha e faz de novo, o professor da mesma forma precisa ter a experiência para refazer e fazer novamente, algo que planejou funciona com um aluno, não funciona com o outro, ele precisa pesquisar, estudar, praticar novamente e assim sucessivamente.

É importante ressaltar algumas características peculiares desse ateliê pelo fato de ser organizado numa sala do Departamento de Artes Plásticas que também é utilizada para aulas da Graduação e Pós-Graduação. Sendo assim, ao término da aula do ateliê todos os materiais são guardados, possíveis rastros são apagados. E isso se repete semanalmente, sendo mais trabalhoso para o professor, dando certa complexidade ao processo. Esperamos ainda num futuro próximo que tenhamos um ateliê exclusivo para uso desses alunos, o que colaboraria para identidade do grupo e para sentimento de pertencimento ao lugar. Mas esses fatores não são mais importantes do que o desenvolvimento



⁶ GALEANO, Eduardo. Livro dos Abraços. Porto Alegre LP&M, p.15

⁷ SOARES, Margarete Barbosa Nicolosi, Vestígios do Ser, Humano Ser: reflexões sobre o fazer artístico e o aprendizado, ECA/USP, Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, São Paulo, 2006.

⁸ KANDINSKY, W. Do espiritual na arte, São Paulo, Martins Fontes, 1954-2000, p. 96)



margarete

ivan

juliana

ligia

do ateliê mental e interno de cada educando e não prejudicaram a produção dos mesmos.

Esse primeiro semestre foi marcado por experimentações de várias ordens, permeado pela ansiedade dos alunos-professores, comum ao início de qualquer trabalho.

As crianças desenvolveram trabalhos com desenhos escritos, recortados, colados, costurados, desenhados e simbólicos, conforme registrei no caderno. Os professores mostraram obras do artista plástico Leonilson e outros.

Fizeram trabalhos ao ar livre e experimentaram materiais. Fizeram desenhos da paisagem humana e da paisagem da natureza.

Observaram os colegas fantasiados e os desenharam, estes por sua vez foram ampliados por meio de xerox e depois foram trabalhados novamente com pinturas e colagens, transformando-os em outros desenhos.

A surpresa da ampliação trouxe a possibilidade de

observar e perceber detalhes que no desenho menor não eram perceptíveis, o que estimulou a leitura estética dos mesmos.

O desenho do Charles observando o Lucas, deixou transparecer na xerox marcas do apagamento de partes do rosto (olhos, nariz e boca) e da gravata, trazendo um estranhamento a imagem e sensação de movimento, o desenho do acaso somando e surpreendendo no resultado final.

No encerramento do curso os educadores promoveram um encontro com os pais, onde compartilharam junto com os alunos os conteúdos práticos e teóricos das aulas. As crianças receberam um CD com fotos das aulas.

*“(...) entre os poetas, nos quais se vê em ação certo ‘cultivo da forma’, uma verdadeira ‘ética da forma’ que conduz ao ‘trabalho infinito’”.*⁹

⁹ Valery in NOVAES, Adauto. Arte Pensamento. São Paulo, Martins Fontes, 1994, p.157.











No segundo semestre de 2008, contamos com a participação das alunas Juliana Corrêa, Ligia Carvalho e Carolina Pires (graduada pela ECA-USP, em 2007, na condição de colaboradora). Estabelecemos no transcorrer desse semestre, uma dinâmica onde cada professor da equipe orientava um grupo de crianças, com o intuito de desenvolver projetos individuais dos alunos e também coletivo. O processo mostrou-se bastante eficiente, pois cada um pôde dedicar mais atenção às crianças de seu grupo, promovendo discussões e coordenando os

trabalhos individuais e/ou coletivos. As professoras mostraram obras do artista plástico e Mauritis Cornelis Escher e outros.

Os registros das aulas foram feitos por meio de fotos, relatórios e um caderno de registros e anotações, no qual cada professor deixou suas impressões sobre o curso. Além disso, elaboramos apresentações e montagens digitais que foram distribuídas às crianças no dia da exposição final dos trabalhos.

Como resultado das experiências educacionais realizadas no primeiro ano do LAAV, foram elaborados dois trabalhos de conclusão de curso pelos alunos: Ivan Chaer e Juliana Corrêa.

No TCC: “Ateliê de Artes para Crianças: Início de percurso”, Ivan relata:

“Com as crianças pude pensar no uso da música em aula. (...) foi uma realização pessoal indescritível perceber, no decorrer das aulas, que o ensino concomitante de artes visuais e de música – dois interesses que convivem em mim desde a infância – é estimulante para quem ensina e para quem aprende.”

No TCC: “Ateliê de Arte para Crianças: dando luz à experiência”, Juliana descreve:

“Para mim, o mais marcante ao longo das aulas, como resultado tanto da prática, quanto de nossas reflexões, foi termos encontrado, para a nossa turma, naquele determinado momento, um modo de trabal-

ho no qual pudemos conhecê-los melhor e no qual eles também puderam seguir um caminho de desenvolvimento de sua autonomia. Prestar atenção aos alunos, ouvindo-os e dialogando é parte de uma prática educativa na qual tanto docentes quanto alunos são agentes de nossa construção de conhecimentos.”





Mosaicos

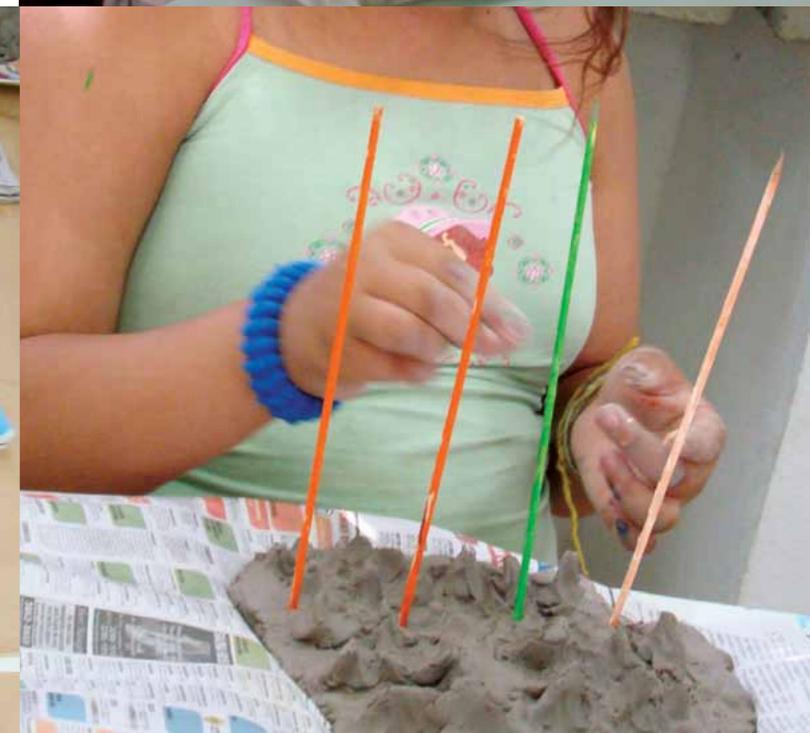


Tridimensional



Desenho de observação do colega

aquecimento



Trabalhos
Individuais

▶ Pintura coletiva

projetos coletivos

74

75 | Desenho 2

Comentários de crianças



Vinicius *Aqui é o espaço da cidade .*

Bianca *Essa é a Rosela-Rosa e o apelido é Flora. Foi inspirada no pokemon de flor do Pedro. Ela é a rosa preferida, a mais linda das flores, tem essa capa de monstro porque ela gosta de capas, mas ela é boazinha.*

Juliana *Fizemos um lugar para descanso, nos inspiramos no que os alunos daqui fizeram, mas quisemos fazer algo mais colorido, como a meia da Margarete, porque aqui é muito branco e com um jardim porque aqui tem muito cimento.*

Luanda *Essa é a Nova São Paulo, fica no meio do mar, composta por várias ilhas, é muito moderna, tem shopping, hospital e prédios. Uma ilha se liga a outra por essas pontes. Aqui a chuva é colorida e o sol é quadrado. Vamos cortar agora a fita de inauguração do que a natureza fez para imaginar a Nova São Paulo. A tesoura por favor. (Alguém deu a tesoura e ela cortou o laço, todos bateram palmas)*

Lucas *A parte de trás é a mais importante: a casa do astronauta.*



“*Há um minuto do mundo que passa, não o conservaremos sem ‘nos transformarmos nele’, diz Cézanne*”.¹⁰

Vlagem, percurso, participação, memória

No 2º semestre 2009 fizeram parte do ateliê as licenciandas: Adriana Bento e Carol Cortinove, com participação da aluna da Universidade Estadual Paulista, UNESP: Karina Nakahara e minha colaboração.

Na dinâmica desenvolvida as professoras criaram um projeto coletivo e dividiram as aulas em três partes, ficando cada uma responsável pela regência de aulas de uma dessas partes. Para elaboração do planejamento

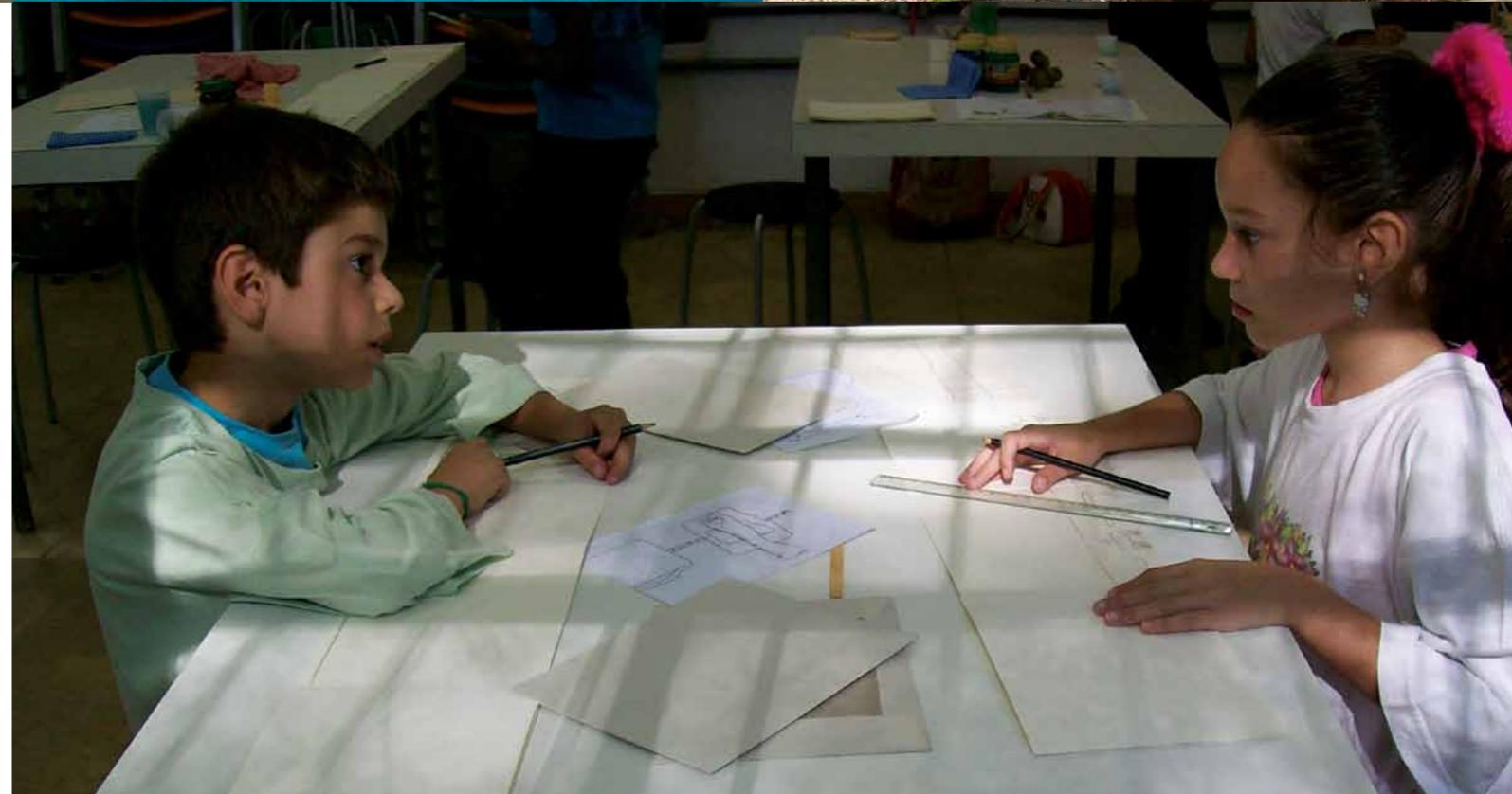
lançaram mão da metáfora de uma viagem, conforme narrado em encarte entregue às crianças na finalização do curso, cujo conteúdo, elaborado pelas três alunas, transcrevo abaixo acrescentando as imagens.

“*A viagem é uma experiência que só é sentida na sua integridade quando participamos dela. E é uma metáfora que pode ser usada para pensar nosso curso.*

Ao refletir, podemos perceber que uma viagem traz inúmeras possibilidades de ações, planos e vivências.

Quando viajamos sempre planejamos: o local que iremos conhecer, de que maneira nos deslocaremos, que dia e horário, etc.

Ao planejar e decidir, arrumamos nossa bagagem: escolhemos somente aquilo que é necessário e essen-



¹⁰ DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. O que é a filosofia. São Paulo, Editora 34, 1992, p.219



cial. Deixamos sempre um espaço para aquilo que traremos de volta: as lembranças.

Na viagem sempre nos deslocamos criando um percurso. Pode ser o planejado, mas também pode mudar muitas vezes e ir se redesenhando.

Ao viajarmos nos preocupamos em registrar: fotografar, filmar, trazer souvenirs para ajudar nossa memória a recordar aquilo que vivenciamos.

Além disso, a viagem só é acontecimento quando ela não é apenas passagem por lugares, mas também interação com o ambiente, com outras pessoas e com a cultura. Pensando nessa metáfora o curso foi dividido em três módulos:

Percurso; 2. Interação. Participação; 3. Memória.

A viagem começa

Observando a paisagem

Lupas, luneta, rolinhos coloridos e a abertura de um

disquete de computador. Em nosso primeiro percurso usamos objetos para focar a paisagem. Escolhemos elementos da paisagem e desenhamos as coisas de perto.

A viagem continua com a observação da paisagem do alto, num lugar bem aberto, onde podemos correr, abrir os braços e sentir o vento. Do alto vemos as coisas de outra maneira: as pessoas parecem menores e os prédios, à distância, parecem tão fininhos com suas inúmeras janelas.

Em um momento de nossa viagem registramos em um pequeno livro o trajeto do ateliê até a casa ou da casa até o ateliê, trazendo o que mais nos chamou a atenção. Parques, árvores crescendo, uma árvore florida, casas, a Raposo Tavares, o Parque do Ibirapuera, prédios, o portão 1 da USP e a Praça do Relógio. Como será a paisagem que pintamos ou desenhamos daqui a alguns anos?

Como a paisagem se transformará com o tempo e a partir de nosso olhar?

E a viagem continua

Interagindo com o outro

O que seria de uma viagem se nós não interagíssemos com aquilo que o novo lugar nos oferece? As pessoas que o habitam, sua cultura. Por enquanto, já fizemos algo muito importante: observar, desenhar e recriar a paisagem. Nessa parte da viagem, na companhia de dois artistas brasileiros Hélio Oiticica e Lygia Clark, começamos a entender que, assim como

nas obras destes artistas, as pessoas são um ponto fundamental para uma viagem acontecer. Assim, começamos nossas aulas fazendo o “Caminhando” de Lygia Clark. Para isso, precisamos de fitas, tesouras e do nosso colega ao lado. Depois na outra aula, em grupo, jogamos o Jogo da Experimentação de Materiais e fizemos moldes das partes do corpo. Estas duas atividades, assim como a viagem e as propostas de Oiticica e L. Clark só existiram na companhia de outras pessoas. Sozinhos, nada disso aconteceria.

Por último, fizemos e vivenciamos o Parangolé, trabalho que resume um pouco o sentido desta parte



da viagem: ela só existe quando participamos de modo integral, com nossas mãos, olhos, corpo e alma e em companhia de outras pessoas.

Arrumar a bagagem

Mochila nas costas

Fim de viagem ou início de outras?

As duas coisas! Pois, o fim e o início acontecem sempre ao mesmo tempo. Chegando ao fim do nosso curso é hora de juntarmos as coisas. E quantas coisas diferentes nós podemos juntar num mesmo lugar? Numa mochila, por exemplo? E quantas coisas diferentes nós podemos encontrar numa mochila? Um objeto pode assumir inúmeros significados, cada um de nós constrói os seus. E a partir de tudo aquilo que aprendemos aqui (e fora daqui e em todo lugar) podemos realizar essas transformações.

Muitos artistas trabalharam “transformando” objetos. Marcel Duchamp foi um dos primeiros: virou um urinol de ponta cabeça (A Fonte – 1917), pregou uma roda de bicicleta em um banco de madeira (Roda de Bicicleta – 1913). Leonilson colocou camisas brancas em cadeiras dentro de uma capela (Instalação na Capela do Morumbi – 1993), e então vemos fantasmas, padres, uma roupa secando depois da chuva. Experimentamos, transformamos e os significados se multiplicam.”

Adriana foi responsável pelo módulo “viagem e percurso” e as crianças criaram um pequeno livro de

paisagens. Carolina ficou com o módulo “interação, participação” e os alunos fizeram parangolés e Karina finalizou com o módulo “memória” e as crianças transformaram uma mochila.

As aulas foram encerradas com uma apresentação do curso para os pais organizada pelas crianças e professoras. Cada criança recebeu um CD com fotos do curso e o encarte.



“O ritmo resulta do caráter do tempo que passa dentro dos planos. Em outras palavras, o ritmo do filme não é determinado pelo comprimento dos pedaços montados, mas pelo grau de intensidade do tempo que transcorre neles”.¹¹

Nosso ateliê animado

No 2º semestre de 2009 contamos com as licenciandas: Cíntia Yuri Nishida e Mariana Guizelini Pinhal e o aluno de Bacharelado em Pintura: Tom Ribeiro Pereira, com experiência em multimídia. Foi um momento bastante especial e rico pela integração entre alunos de Licenciatura e Bacharelado.

Os graduandos planejaram trabalhar com os conceitos de stop-motion e animação. Criaram o blog do ateliê: www.nossoateliemovido.blogspot.com, a partir de então as aulas foram registradas no blog, possibilitando a participação das crianças, professores, familiares e amigos com comentários.

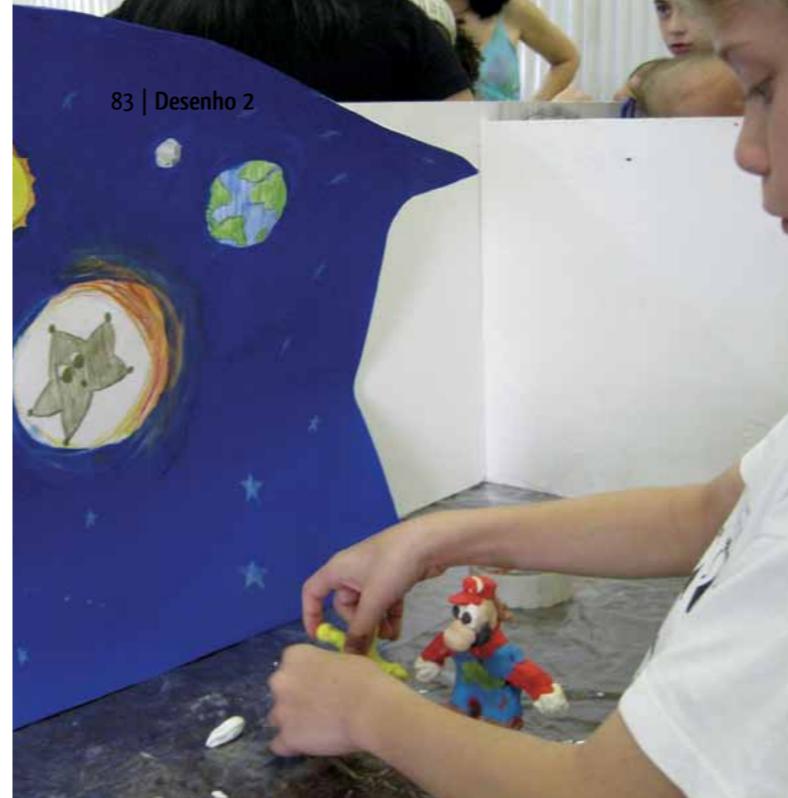
Inicialmente os alunos fizeram flip books, posteriormente foram divididos em quatro grupos e cada um criou uma história para animação. Criaram o cenário, fotografaram, fizeram a iluminação e gravaram as vozes dos personagens.

Vanderley, técnico da marcenaria construiu uma divisória de madeira para que cada grupo trabalhasse em um espaço específico.

No decorrer do processo as crianças foram se identificando com as funções e áreas com as quais mais se afinavam, algumas crianças preferiam desenhar o cenário, outras gostavam de fotografar, porém, todas experimentaram todas as etapas. Os professores alimentavam o processo levando vídeos de animação e conversando sobre cinema.

Participamos da III Jornada das Licenciaturas da USP: Resignificando a Formação de Professores, no mês de outubro de 2009 em Ribeiro Preto com um banner sobre o ateliê de animação.

Para finalizar, os filmes foram apresentados para os familiares e amigos no CINUSP – Cinema da Universidade de São Paulo Paulo Emilio. A exibição dos filmes no cinema



¹¹ Tarcovsky” AUMONT, Jacques. As teorias cinestas.Papirus, 2004, p.36)



foi experiência indescritível para as crianças, conforme relatos gravados no CD-ROM. Cada criança recebeu um DVD com os quatro filmes criados: Pingüim, Avestruz, Mário e Pizza.

Depoimento do Tom:

“Lembro quando a professora me mandava desenhar um sol, uma cachoeira, minha família e uma casinha. Lembro também que não gostava muito desse tipo de desenho e que todos os desenhos da turma sempre ficavam parecidos. Quando pensei na aula que daríamos, pensei no que nunca aprendi e teria adorado aprender. Pensei na aula que nunca tive, mas sempre sonhei. E foi isso que fizemos. Ensinamos com base no processo audio-visual de curta-metragem sobre proporção, tempo, espaço, dinâmica, desenho, cenário, cor, luz, fotografia, som, roteiro, história em quadrinho, trabalho em grupo e muito mais. Um projeto novo e inovador, sem dúvida, que deixa suas marcas na construção de um Brasil mais consciente e, quem sabe, de um mundo muito mais sábio. Tom, julho de 2010.”

Depoimento da Cintia:

“Aquilo que fica”
Ainda não apaguei as fotos de minha câmera. Algumas vezes, as revejo e as lembranças voltam, como se nunca pudessem ser esquecidas. Pode parecer exagero, mas foi uma experiência que me transformou. Descobri-me como professora e também como

peessoa – aprendi na prática que não preciso ser extrovertida, falante e agitada para que me entendam. Em conjunto com o Tom e a Mari, criamos um trio de personalidades que se completavam, de educadores com a mesma sintonia na alma e de crianças que perceberam tudo isso e puderam conferir ao processo uma sensação de fluidez, de um percurso límpido e forte, que não reconhece barreiras, rumo a uma experiência completa. E é isso que eu sinto. E é isso que fica. Cintia, julho de 2010.”

Pintura luminosa

Ateliê de Artes para Crianças
Estimulando a produção em artes visuais, desenvolvendo arte, cultura e construindo poéticas
Escola de Comunicação e Artes - Departamento de Artes Plásticas

A animação
é basicamente uma ilusão de óptica que nos dá a sensação de movimento por meio da passagem rápida de 24 frames (ou quadros) por segundo, desde que eles possuam uma sequência lógica de cada etapa de determinada ação.

Para trabalhar
com crianças de 7 a 12 anos com o conceito de “stop-motion” (animação tridimensional), foi preciso conduzi-las primeiro por experimentações com o “flip book” (animação bidimensional, feita em papel), e orientar suas habilidades em:

Assim, a criança vivencia e experimenta todas as etapas de conceituação, criação e realização de algo que geralmente vem pronto, apenas para ser consumido.

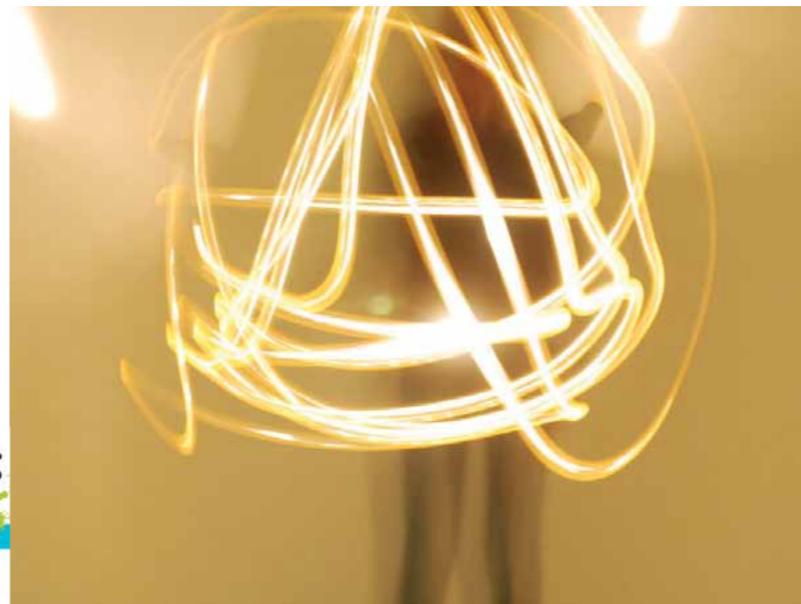
O ateliê então passa a cumprir seu objetivo e torna-se local de encontro de ideias, pessoas, diálogo, afetividade, acolhimento, criação, imaginação e materialização de sonhos e fantasias.

Ateliê de Artes para crianças, curso de extensão departamental, está vinculado à disciplina de graduação “Metodologias do Ensino em Artes Visuais III com Ênfase Supercurricular” oferecida pelo Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da USP. Trata-se de um projeto aprovado, primeiramente, pela Profa. Dra. Regina Sônia Sarraceni Machado e que desde 2008 está sendo realizado em prática no âmbito do Programa de Formação de Professores da USP. A ideia e a proposição foram introduzidas entre ensino, pesquisa e extensão. Garantir a qualidade da formação dos futuros professores introduzindo uma interdisciplinaridade entre ensino, pesquisa e extensão. Garantir a qualidade da formação dos futuros professores introduzindo uma interdisciplinaridade entre ensino, pesquisa e extensão. Garantir a qualidade da formação dos futuros professores introduzindo uma interdisciplinaridade entre ensino, pesquisa e extensão.

Com esse poder de transmutar o cotidiano em maravilhoso e elevar o mais íntimo do ser à existência, a arte é justamente o conhecimento que nos agita com força e violência que nos acordam para a existência.”
Newton Ramos de Oliveira

Ateliê de Artes para crianças, curso de extensão departamental, está vinculado à disciplina de graduação “Metodologias do Ensino em Artes Visuais III com Ênfase Supercurricular” oferecida pelo Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da USP. Trata-se de um projeto aprovado, primeiramente, pela Profa. Dra. Regina Sônia Sarraceni Machado e que desde 2008 está sendo realizado em prática no âmbito do Programa de Formação de Professores da USP. A ideia e a proposição foram introduzidas entre ensino, pesquisa e extensão. Garantir a qualidade da formação dos futuros professores introduzindo uma interdisciplinaridade entre ensino, pesquisa e extensão. Garantir a qualidade da formação dos futuros professores introduzindo uma interdisciplinaridade entre ensino, pesquisa e extensão.

Com orientação e supervisão da docente do curso de Licenciatura Maria Christina de Souza Lima Rizzo, o trabalho conta com a participação de duas alunas do curso de licenciatura em Artes Plásticas, Cintia Yuri Nishida e Mariana Galzolini Pinhal. Com a participação do aluno de licenciatura em multimídia e intermídia, Tom Ribeiro Pereira, e da aluna de pós-graduação Margarete Barbosa Nicolasi Soares, monitora bolsista do Programa de Formação de Professores da USP.





Desenho 3

Buscando compreender o essencial para o ateliê

*“Alterius non sit, qui suus esse posit.
(No sea de outro quien pueda ser de si mismo.)”*

Paracelo, 1540. CHITI, F. p.236

“Conscientemente ou não, os artistas seguem o ‘conhece-te a ti mesmo’ de Sócrates. Conscientemente ou não, voltam-se cada vez mais para essa essência da qual a arte deles fará surgir as criações de cada um.”¹

Com o intuito de aplicar os conhecimentos adquiridos durante a pesquisa e a participação no Ateliê de Artes Visuais para Crianças e Adolescentes, organizamos um curso de extensão de três meses (março, abril e maio) às terças-feiras, das 9h00 às 11h00.

Tendo como principio a arte e conseqüentemente o processo artístico do artista em ateliê, busquei as teorias e práticas mais significativas para mim para encontrar o essencial, o que é vital para construção poética em um ateliê de artes visuais para e com crianças.

“É essa integridade da arte: uma concentração incansável na unidade formal, a vitalidade estilística, com o objetivo de servir a arte à consciência evolutiva da humanidade, no esforço total de estabelecer um mundo humano em meio a um universo indiferente.”²

O trabalho educativo nesse ateliê fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Abordagem Triangular do Ensino da Arte proposta pela Prof^a Dr^a Ana Mae Barbosa, que funciona como uma bússola, guiando no ensino e aprendizagem da arte, como campo de conhecimento, por meio do fazer, ler obras de arte e contextualizar.

Soma-se a essa abordagem os conceitos de poética, técnica e práxis postulados pelo artista plástico Prof^o Dr. Evandro Carlos Poyares Frasca Jardim.³

Ele nos dá os ponteiros poéticos, teóricos e práticos para o ensino aprendizagem da arte em ateliê de artes visuais.

Em 1987, época em que a Prof^a Ana Mae implantava a Abordagem Triangular no MAC – Museu de Arte Contemporânea na USP convidou o Professor Evandro Jardim para inaugurar um ateliê de gravura, o Ateliê Experimental Francesc Domingo Segura.⁴

Os professores do curso de extensão: “Ateliê de Artes para Crianças” oferecido pelo Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP estudaram alguns textos para fundamentação do trabalho.^{5,6,7}

¹ KANDINSKY, Wassily. Do espiritual na arte, São Paulo, Martins Fontes, 1954-2000, p. 57

² READ, Herbert. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1965-1981, p. 191.

³ JARDIM, Evandro. Arte como manifestação poética. In: Seminário Ações Singulares II – História e Ensino da Arte: Experiências, São Instituto Tomie Otake, 2009, p. 108-113.

⁴ MACAMBIRA, Yvoty. Evandro Carlos Jardim. São Paulo, Edusp, 1998, p. 81.

⁵ JARDIM, Evandro. Arte como manifestação poética. In: Seminário Ações Singulares II – História e Ensino da Arte: Experiências, Instituto Tomie Otake, 2009, p. 108-113

⁶ MACHADO, Regina. Bagagem I – Aquisições e equipamentos de viagem. In: Acordais, São Paulo, 2002, p.50-64.

⁷ RIZZI, Maria Christina S. L. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae, Ensino da Arte: Memória e História.

Abordagem Triangular do Ensino da Arte

Este texto é baseado no capítulo: Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte, de autoria da Professora Christina Rizzi, do livro Ensino da Arte: Memória e História, organizado pela Professora Ana Mae Barbosa.

A Abordagem Triangular foi elaborada pela Professora Ana Mae Barbosa a partir do estudo minucioso de três abordagens epistemológicas: as “Escuelas al Aire Libre”, mexicanas; o “Critical Studies”, inglês e o “Discipline Based Art Education (DBAE)”, americano. Essa nova proposta foi testada no Museu de Arte Contemporânea da USP, entre 1987 e 1993, no Projeto Arte da Escola entre 1989 e 1996.

O movimento Escuelas al Aire Libre proclamava a idéia de arte como expressão e cultura. O Critical Studies postulava a apreciação com possibilidade de leitura, análise e reconhecimento da obra de arte como parte do universo histórico, estético e técnico. O DBAE, Arte-Educação entendida como Disciplina, questionava como os alunos aprendem arte, o que é importante ser ensinado em artes e como os conteúdos de aprendizagem em arte podem ser organizados. A proposta conclui que há necessidade de inclusão da produção de arte, crítica de arte, estética, história da arte e um novo paradigma. Visão contemporânea que valoriza a construção e elaboração como procedimento

artístico, enfatiza a cognição relativa à emoção, procura acrescentar à dimensão do fazer artístico, a possibilidade de acesso e compreensão do patrimônio cultural da humanidade.

A Abordagem Triangular do Ensino da Arte propõe que a construção do conhecimento em arte ocorra com o cruzamento entre experimentação, codificação e informação. Para Ana Mae preparar o educando para entender artes visuais é o mesmo que prepara-lo para entender a imagem, seja artística ou não. Ao prepararmos a criança para leitura de obras de arte, decodificando uma gramática visual, estamos alfabetizando-a para leitura de qualquer imagem. Conhecer arte e história possibilita a consciência da identidade nacional.

A abordagem preconiza que:

“(...) a composição do programa do ensino de arte seja elaborada a partir das três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com arte. São elas: fazer arte, contextualizar e ler obras de arte.”

Essas ações podem ser operacionalizadas a partir da articulação pertinente, orgânica e significativa dos domínios de conhecimento de seis sequencias de possibilidades articuladas entre: apreciar, fazer e contextualizar, sem ordem estabelecida, de forma flexiva de acordo com a necessidade.

Não é um procedimento hierárquico e dominante. Aponta para o conceito de pertinência, escolha de várias ações e seus conteúdos. Nessa proposta são importantes os conceitos de organicidade e flexibilidade.

A Abordagem Triangular é melhor compreendida pela apresentação visual do processo criado por Christina Rizzi (CD-ROM). Compreende a articulação de três ações básicas:

Fazer: envolve procedimentos e técnicas artísticas e tecnologias para desenhar, pintar, modelar, esculpir, pintar, fotografar, filmar, editar, etc.;

Apreciar (crítica e estética): leitura do fazer dos alunos e dos fazeres de artistas populares e eruditos;

Contextualizar: os artistas e os alunos no seu tempo e espaço, por meio da História da Arte e outras áreas como história, sociologia, filosofia, antropologia, biologia ou qualquer campo de conhecimento.

A Abordagem Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional entre as partes e o todo e vice-versa.

POÉTICA, TÉCNICA E PRÁXIS

O Professor Evandro Carlos Jardim é conhecido como artista plástico e gravador renomado, porém, poucos sabem como começou sua relação e preocupações com ensino e aprendizagem da arte. Por isso, descrevo abaixo um breve relato, baseado no livro de Macambira.⁸

Começou a lecionar no Ginásio Estadual Vocacional Oswaldo Aranha em 1964, cujo projeto propiciava uma experiência revolucionadora no ensino das artes. Até aquele momento o ensino de artes estava circunscrito ao desenho geométrico, ocasionalmente ao desenho decorativo.

“As escolas vocacionais visavam proporcionar aos alunos uma formação crítica e com engajamento social, além de desenvolver projetos e pesquisas de ensino em todas as áreas do conhecimento. O projeto de ensino integrado do Vocacional exigia a participação do grupo de professores no planejamento conjunto de todas as disciplinas. Os pais e alunos também opinavam a respeito dos planejamentos e de outras decisões da escola. O ensino de artes não se restringia apenas aos programas de desenho geométrico e de observação, completamente desvinculados da realidade do aluno, mas era integrado à formação como um todo. Visava à informação e transmissão da cultura, mediante procedimentos práticos da fatura das artes. Nas aulas de artes plásticas, o aluno aprendia um fato da his-

tória da arte correspondente ao período da história geral que estava estudando. Em uma aula de matemática, tinha oportunidade de desenvolver cálculos matemáticos necessários para desenvolver o projeto de desenho de um móvel, por exemplo, elaborado na aula de desenho geométrico.”⁹

Nesse mesmo ano, 1964, apóia a idéia de Itajay Feitosa Martins, professor da escola e inauguram uma Galeria de Arte em uma das salas do Colégio. A proposta da galeria é voltada mais para difusão cultural do que para o mercado de arte. A primeira exposição contou com mais de 300 obras, entre pinturas, desenhos e gravuras de alunos. No ano seguinte, Jardim passa a ser responsável pela galeria e atua como coordenador da área de artes do Colégio. No mesmo ano, 1965, a proposta é apresentar obras de artistas conhecidos, Evandro Jardim expõe gravuras ao lado de pinturas de Bassano Vacarini (professor de artes plásticas do Vocacional de Batatais), com texto de ambos no catálogo, imbuídos dos princípios que norteavam o projeto do Vocacional: a pesquisa e a consolidação de valores éticos:

“Através da pesquisa a arte amplia o compasso geo-cósmico, reformula os valores primordiais e existentes no artista adaptando-os à nova situação. A in-

quietação sofre uma constante transladação para o universal.”¹⁰

A experiência da galeria de São Paulo se multiplicou para Americana, Batatais, Ribeirão Preto, Barretos e Rio Claro.

Outros artistas que expuseram na galeria: Zanini, Menotti Del Picchia, Marcelo Grassmann e Mário Gruber.

Evandro Jardim é nomeado colaborador com a área de artes plásticas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e acompanha o projeto para todas as universidades vocacionais do estado.

A seleção dos professores era rigorosa, o professor trabalhava em período integral e era reavaliado anualmente.

Em 1968 após uma intervenção na escola, pelo regime militar, apesar de ser concursado, demitiu-se ao concluir que aquele projeto pedagógico chegava ao fim e o Oswaldo Aranha voltava a ser convencional, o que não o interessava. Afastado, porém, colaborou até 1976. A partir dos anos 70 inicia sua atividade docente na universidade, leciona na Escola de Belas Artes, na FAAP e no Departamento de Artes Plásticas da ECA.

Para o Professor Jardim o ensino de artes visuais envolve conceitos importantes como: arte, obra de arte, linha, desenho, plástica, forma, matéria, estética, estilo, ética, necessidade interior, que permeiam a poética, a técnica e a práxis, a serem cultivados e aprofundados pelos professores que desejam ser orientadores em um

⁸ MACAMBIRA, Yvoty. Evandro Carlos Jardim. São Paulo, Edusp, 1998, p. 81.

⁹ MACAMBIRA, Yvoty. Evandro Carlos Jardim. São Paulo, Edusp, 1998, p. 44.

¹⁰ Ibidem - p. 48.

ateliê de artes visuais. Em conversas com o professor sobre esta pesquisa, em bancas de trabalho de conclusão de curso, doutorado e seminário, coletei dados sobre o seu pensamento a respeito destes conceitos.

*Em 2009 participei de Seminário, Seminário Ações Singulares 2 – História do Ensino da Arte: Experiências, promovido pelo Instituto Tomie Ohtake, cujo desfecho se deu com palestra do Professor Evandro Carlos Jardim: Arte como manifestação poética, transcrita em publicação do mesmo seminário. A partir desse texto e de anotações em palestra proferida na Semana de Arte-Educação do Departamento de Artes Plásticas, de falas do professor nas bancas de doutorado de Ayao Okomoto, Os cadernos de apontamentos: percurso e fabulação do desenho pelo universo das sensações, 2008, e de Beatriz Milioli Tutidare, cartão-portal, 2009, bancas de TCC de Adriana Bento, fazeres em transformação: reflexões sobre a prática artística e pedagógica, 2009 e de Adriana Siqueira, Guardadores de memórias, construtores de sonhos: o caderno, 2009, além da minha própria banca de TCC: Vestígios do Ser, Humano Ser: reflexões sobre o fazer artístico e o aprendizado, 2006.*¹¹

A Arte:

“(...) um fenômeno humano e, como tal, uma decorrência natural de uma manifestação poética. Seria também um anseio de totalidade que nos levaria a

*uma questão que entendo como de um projeto pessoal. Por outro lado, nesse mesmo ato, nesse mesmo acontecimento ou realidade, concentram-se também as energias das civilizações. Se de um lado é manifestação pessoal, de outro lado eu penso em algo coletivo, que está sempre conosco, está sempre presente.”*¹²

A obra de arte:

*“(...) eu penso nela ao mesmo tempo como um resultado dessa ação. Ela se manifesta como matéria e espírito, como forma e conteúdo. Para mim, essas questões sempre se transformaram em conceitos básicos a serem pensados e vividos”.*¹³

O Desenho, questão igualmente importante:

“Que desenho seria esse? Um desenho muito aberto, que naturalmente não vai ficar restrito a uma expressão gráfica só. Muitas vezes, quando se fala em desenho, a impressão que se tem é que se associa isso a

¹¹ Em 2009 participei de Seminário, Seminário Ações Singulares 2 - História do Ensino da Arte: Experiências, promovido pelo Instituto Tomie Ohtake, cujo desfecho se deu com palestra do Professor Evandro Carlos Jardim: Arte como manifestação poética, transcrita em publicação do mesmo seminário. A partir desse texto e de anotações em palestra proferida na Semana de Arte-Educação do Departamento de Artes Plásticas, de falas do professor nas bancas de doutorado de Ayao Okomoto, Os cadernos de apontamentos: percurso e fabulação do desenho pelo universo das sensações, 2008, e de Beatriz Milioli Tutidare, cartão-portal, 2009, bancas de TCC de Adriana Bento, fazeres em transformação: reflexões sobre a prática artística e pedagógica, 2009 e de Adriana Siqueira, Guardadores de memórias, construtores de sonhos: o caderno, 2009, além da minha própria banca de TCC: Vestígios do Ser, Humano Ser: reflexões sobre o fazer artístico e o aprendizado, 2006.

¹² JARDIM, Evandro. Arte como manifestação poética. In: Seminário Ações Singulares II – História e Ensino da Arte: Experiências, São Instituto Tomie Otake, 2009, p. 108-113

¹³ Ibidem – p. 108.

*uma expressão gráfica, mas o desenho é muito mais do que isso. O desenho é um fenômeno, no meu modo de ver, inerente ao ser. “Então, se ele é um fenômeno inerente ao ser, já como princípio ele pode se manifestar de duas maneiras: de uma forma interna e de uma forma externa no ser.”*¹⁴

A raiz da palavra desenho originalmente significa desígnio, também é um projeto de vida, pode ser proposto como um projeto estético de vida, ligado ao conhecimento sensível.

A Representação,

“(...) é muito importante, temos a realidade e nossa imaginação criativa. A representação da realidade do mundo é algo que nos inquieta. Podemos explicar isso através do sujeito e do objeto. Não existe objeto sem sujeito. Os processos de representação de uma realidade do mundo envolvem em artes visuais, dois conceitos: o que é o olhar humano e um pensar-sentir. O desenho de observação é um grande desafio.

Sempre surge um terceiro momento, quando terminamos o trabalho e deixamos esse seguir o seu destino.

Deixe aquilo se consumir como tal, ele só tem um sentido próprio, uma vida própria” Jardim.

A Composição

¹⁴ Ibidem – p. 108

¹⁵ JARDIM, Evandro. Arte como manifestação poética. In: Seminário Ações Singulares II – História e Ensino da Arte: Experiências, São Instituto Tomie Otake, 2009, p. 112

¹⁶ READ, Herbert. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1965-1981, p. 69.

“é sinônimo de cordialidade, ato cordial, corda é sentimento, é coração, você tem que sentir. Existe aí uma operação completa do olhar. Os filósofos da natureza, já conheciam o olho do ponto de vista fisiológico e pela virtude da alma, intuição dos sentidos. Se fundir as duas qualidades, a composição pode ser cordialidade. Amizade com o modelo é amor ao modelo. Se há amor você perde o temor, porque temor implica castigo”.

A **Matéria** é o material concreto para produção de um trabalho artístico.

*“Você tem que tentar se aproximar da matéria, conversar: você cede um pouco e eu cedo um pouco, vamos ver o que dá pra fazer, porque também não é possível que você não ceda nem um pouquinho, assim não dá, assim não daria pra fazer nada, a gente consegue.”*¹⁵

O que torna a matéria obra é a **Forma**: aparência dada a artefatos pela intenção humana, uma realização manifestante do ser. Os artefatos são sinais sensíveis de grande importância para nós. A forma se coloca como: configuração, estilo e expressão.

*“A forma na arte é a aparência dada a um artefato pela intenção e pela ação humana. (...) A forma é dada também aos objetos naturais, seja pelo processo de crescimento, ou pela cristalização ou por quaisquer outras modificações físicas, havendo toda uma ciência da forma na natureza a que chamamos morfologia, segundo a palavra grega para forma.”*¹⁶

A **Plástica** é a arte de plasmar, de modelar, que visa à reprodução das formas. A palavra “plasto”, em grego, é empregada para designar um núcleo, de onde nasce e se desenvolve cada coisa. Por isso podemos aprender a ver as coisas de dentro para fora. A plástica é primeiramente uma modelagem, é uma forma modelada que você vai perceber concretamente. Modelagem nesse contexto com a função de explicar o conceito, a idéia, o signo ou sinais como sinais sensíveis que significam. É um caminho possível para apreensão das realidades do mundo.

O **Estilo** são os limites de nossas possibilidades, até onde podemos ir, aquilo que conseguimos atingir. Na ação a matéria é nosso grande desafio.

*“O estilo, como Goethe observou, pertence às bases mais profundas da personalidade. É um registro visível que ocorre na psique entre o espírito e a matéria, e nos informa até que ponto, nesta arena, o espírito pôde moderar a matéria para atender às suas necessidades de externalização ou expressão. (...) Esse traço de nossa singularidade em nosso estilo, e, embora possamos ser influenciados pelo modo pelo qual outras pessoas expressaram, ou estão expressando, a sua singularidade, considera-se que temos um estilo se formos fiéis ao nosso próprio eu, à nossa sensibilidade singular.”*¹⁷

¹⁷ READ, Herbert. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1965-1981, p. 192-193.

¹⁸ Ibidem – p. 200.

A compreensão **Estética** não é quantificação numérica, é identificação com o próprio objeto contemplado.

*“Essa bela distinção entre a existência e o deleite, entre a satisfação e o prazer, é conseguida pelo processo estético – pela discriminação das formas e pela apreensão sensória da coisa, daquilo que existe-em-si e que excede o existir-para-uma-finalidade.”*¹⁸

De acordo com Jardim, a manifestação poética advém de uma necessidade interior.

O princípio da **Necessidade Interior**, na concepção de Kandinsky, é constituído por três necessidades místicas:

“1º – Cada artista, como criador, deve exprimir o que é próprio da sua pessoa. (Elemento da personalidade)

2º – Cada artista, como filho de sua época, deve exprimir o que é próprio dessa época. (Elemento de estilo em seu valor interior, composto da linguagem da época e da linguagem do povo, enquanto ele existir como nação.)

3º – Cada artista, como servidor da Arte, deve exprimir o que, em geral, é próprio da arte. (Elemento de arte puro e eterno que se encontra em todos os seres humanos, em todos os povos e em todos os tempos, que aparece na obra de todos os artistas, de todas as nações e de todas as épocas, e não obedece, enquanto elemento essencial da arte, a nenhuma lei de espaço nem de tempo.)

O espírito progride e é por isso que as leis da harmo-

nia, hoje interiores, serão amaná leis exteriores cuja aplicação só continuará em virtude dessa necessidade que se tornou exterior.

Em suma, o efeito da necessidade interior e, portanto, o desenvolvimento da arte, é uma exteriorização progressiva do eterno-objetivo no temporal-subjetivo. É pois, em outros termos, a conquista do subjetivo através do objetivo.

(...) Seus olhos devem estar abertos para sua própria vida interior, seus ouvidos sempre atentos à voz da Necessidade Interior.

*(...) Todos os procedimentos são sagrados, se são interiormente necessários.”*¹⁹

Para Jardim, as propostas no ateliê de artes visuais só tem sentido quando associamos à poética, a técnica e a práxis. Sem reduzir a modelos apriorísticos, escapar dos modelos e ter sempre essa maravilha que é o mundo visível a disposição para uma aproximação em diferentes níveis.

Poética

“Sabes que o conceito de criação (poiesis) é muito amplo, já que seguramente tudo aquilo que é causa de que algo (seja o que for) passe do não ser ao ser é criação, de sorte que todas as atividades que entram na esfera de todas as artes são criações; e os artesãos

¹⁹ KANDINSKY, W. Do espiritual na arte, São Paulo, Martins Fontes, 1954-2000, p. 83-86

²⁰ BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. São Paulo, 2001, p.14.

*destas são criadores ou poetas (poietés).”*²⁰

A poética é uma necessidade de manifestação do ser, é um chamado interior, significa dentro de nós a passagem de um não ser a ser. Operamos a poética por meio da intuição e do intelecto.

*“Poética não é privilégio de uns. Todo ser humano tem essa capacidade, é um presente que o ser humano recebe, chama-se manifestação poética e significa chamado interior. (...) A manifestação poética significa para nós uma passagem interior de alguma coisa que não era e passa a ser por presente. De repente estou um dia pensando e digo: “gostaria de desenhar, eu quero desenhar”. Isto é um presente, se eu ouço essa voz interior, me ponho em disponibilidade para isso, eu quero desenhar, eu vou procurar saber como. Tudo vai bem porque estou fazendo uma coisa que é para mim muito boa, não estou me contrariando. Este presente me coloca em uma perspectiva de futuro: vou desenhar o que, de que jeito, aonde esse desenho vai me levar? Tenho uma coisa importante para fazer, porque fui chamado para isso e estou respondendo ao chamado. (...) Mas a manifestação poética é importantíssima, está no núcleo de cada um de nós, é intocável. (...) Poderíamos dizer que é um chamado que engendra e dá forma às coisas.”*²¹

²¹ JARDIM, Evandro. Arte como manifestação poética. In: Seminário Ações Singulares II – História e Ensino da Arte: Experiências, São Instituto Tomie Otake, 2009, p. 108-113

Técnica

*“A arte é uma produção; logo, supõe trabalho. Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato da potencia, o cosmos do caos. Thécne chamava-na os gregos: modo exato de perfazer uma tarefa, antecedente de todas as técnicas dos nossos dias.”*²²

A técnica é tão importante quanto o fenômeno da manifestação poética, ao contrário do que muitos pensam.

*“Não é, porque a técnica é o pressuposto do conhecimento, a técnica nos coloca em ação porque você vai estudar, você vai aprender para poder fazer. Nessa altura, se você ouviu sua voz interior, você já está se emancipando, porque vai procurar saber para poder fazer. E depois tem mais uma coisa, depois que você atendeu sua voz interior, aprendeu um pouco, você vai para prática, você vai construir. Na prática você vai ter um grande embate, porque é aí que se vê como são as coisas.”*²³

A técnica leva à práxis e o domínio da técnica nos permite inventar, criar, transformar.

Práxis

Para Jardim, a prática não fica em segundo plano, o embate com a matéria é importante por meio da prática, é um desafio, deve ser assumido seriamente é fundamental na aprendizagem.

“Não manda serrar, tenta serrar. O embate com a matéria se faz de uma forma maravilhosa. Você cede um pouco eu cedo um pouco, diálogo com a matéria. O embate é um desafio, tem que assumir seriamente, é fundamental no aprendizado. Como começar? Experimentando, nas experimentações a vida toda.”

Com base nestes princípios planejamos um ateliê experimental de artes visuais para crianças.

“Uma ocasião perguntamos a um caipira na cidade de Jambéiro, (Estado de São Paulo) com quem ele aprendera fazer “figurinhas” de barro para presépios, quem lhe dera os modelos; quem lhe ensinara. Respondeu, diante de uma pequena escultura: – ” O desenho é meu mesmo”. Naquela oportunidade, os estudantes que nos acompanhavam, ficaram surpresos com o sentido de termo. Para a maioria dos jovens, desenho era, apenas, registro gráfico, expressão em linhas, manifestação de formas em duas dimensões, esboço, traçado. Em verdade, os estudantes estavam mais próximos às lições do neoclassicismo que tanto influíram no ensino artístico brasileiro. Herdeiros dos mestres franceses que chegaram em 1816, eles esta-

vam perplexos com o sentido mais amplo de um desenho que se identificava à concreção do pequeno objeto elaborado por um caipira. Ali estava uma situação paradoxal. O caipira se nos afigurava um herdeiro do sentido da palavra “desenho”, de proveniência anterior à Missão Francesa. Ele que como indivíduo vivia dentro das maiores carências e mais parecia a imagem melancólica do Jeca Tatu; ele que parecia viver em “tempo parado”, era também um profundo conservador, e restituía uma significação mais rica e mais humana. O que se perdeu da palavra em boa parte se perdeu do homem.”

ATELIÊ EXPERIMENTAL

Com o objetivo de investigar os princípios essenciais para desenvolvimento do trabalho significativo em um Ateliê de Artes para Crianças, de acordo com a Abordagem Triangular de Ensino de Arte, com os conceitos de Poética, Técnica e Práxis somados a experiência pessoal adquirida e a pesquisa realizada, o ateliê foi incluído no Departamento de Artes Plásticas como curso de extensão para comunidade, uma vez por semana, às terças-feiras, por um período de duas horas, das 9h00 às 11h00, durante um trimestre.

Nos ateliês anteriores, em 2008 e 2009, a aula durava uma hora e trinta minutos, porém, esse tempo era escasso, não havia tempo suficiente para o desenvol-

vimento, conclusão de maneira satisfatória da aula e também para que as próprias crianças arrumassem os materiais antes do término, na maioria das vezes, os professores precisavam permanecer por no mínimo trinta minutos para terminar de guardá-los. Entendemos que a organização do ateliê faz parte do processo da criança e esta precisa concluí-lo.

*“Los propios niños son los que deben organizar su taller, con ayuda del maestro, y crear un ambiente apropiado que facilite la expresión plástica. Deben organizarlo ellos y responsabilizarse de su cuidado, tener a punto los instrumentos, que no falten materiales, respetar el orden y el lugar de las cosas, etc.”*²⁴

Por estas razões este ateliê experimental passou para o período de duas horas por aula.

Contei com a participação e colaboração dos estagiários Ana Helena Rizzi Cintra, formada em Filosofia, pela FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do último ano de Pedagogia da Faculdade de Educação – USP; e do estudante Daniel Virissimo, do último ano de Pedagogia da UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Avaliação Inicial

No período de inscrição elaborei e apliquei uma avaliação como ponto de partida, por meio de conversa com as crianças e com os pais.

“(...) partindo de uma perspectiva ampla, entende-se

²² BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. São Paulo, 2001, p.24.

²³ JARDIM, Evandro. Arte como manifestação poética. In: Seminário Ações Singulares II – História e Ensino da Arte: Experiências, São Instituto Tomie Otake, 2009, p. 108-113

²⁴ SANTIAGO, Adriana. Las artes plásticas en la escuela. Madrid, Servicio de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia, 1977, p. 171.

por avaliação a realização de um conjunto de ações direcionadas ao recolhimento de uma série de dados sobre uma pessoa, fato, situação ou fenômeno, com o fim de emitir um juízo sobre a mesma.”²⁵

Nos ateliês anteriores a avaliação era realizada coletivamente na primeira aula, com o objetivo de identificar quais eram as expectativas das crianças. Observei ser difícil detectar evidências significativas no espaço coletivo, principalmente no primeiro dia, pois a criança fica muitas vezes envergonhada, ainda não conhece o grupo e não se sente segura para se expor.

Programamos 30 minutos para essa avaliação inicial, tendo a consciência de que esse processo se estende ainda nas primeiras aulas.

“Na avaliação inicial, a intenção é detectar os conhecimentos que os estudantes já possuem ao iniciarem um curso ou estudo de um tema. Com ela, os professores podem posicionar-se diante do grupo para planejar melhor o processo de ensino.”²⁶

Cada criança e família apresentam um perfil único e diferenciado, portanto, para estabelecer um contato inicial, elaborei um roteiro aberto:

- Linguagens artísticas preferidas
- Materiais que mais gosta
- Presença na família de artista plástico ou artesão

- Frequência a exposições, museus ou galerias
- Artistas plásticos preferidos
- O que gostaria de fazer no ateliê

Para o nosso primeiro encontro, promovi três situações. A primeira consistia em ver os trabalhos das crianças e estabelecer um diálogo a partir deles, a segunda em reconhecer seu traço por meio de um desenho e a última em conhecê-la pelo olhar de seus próprios pais.

“(…) os professores poderiam obter informação de grande valor para seu planejamento posterior pela criação de situações de sala de aula em que os alunos pudessem expressar-se sobre um determinado problema, responder a uma pergunta-chave em relação ao tema a ser estudado.”²⁷

As crianças trouxeram caderno de artes, pastas ou trabalhos feitos em casa ou na escola. Solicitei aos pais que escrevessem tudo que achavam importante informar sobre seu filho partindo do princípio da razão do desejo de participar de um ateliê de artes e quais as expectativas para tal.

Enquanto a mãe ou o pai escrevia sobre seu filho eu conversava no ateliê com a criança. Pedi que me mostrasse seus trabalhos e falasse sobre eles, conduzindo a conversa, quando necessário, a partir do roteiro.

Depois, pedia para que a criança fizesse um desenho. O roteiro não foi seguido à risca em função do tempo, algumas crianças falam mais e outras menos e tínhamos um tempo determinado. Enquanto a criança dese-

nhava, conversava com os pais e também usava alguns dos itens do roteiro para dinamizar a conversa, quando necessário.

O primeiro encontro é muito importante, sua relevância se dá pela coleta de dados e para que os participantes sintam-se a vontade.

O fato de ouvir as pessoas primeiro e ter um roteiro aberto permite acessar dados que às vezes não prevíamos, mas que são ricos para a avaliação.

Os nomes dos alunos citados são fictícios, porém, na sua maioria foram as próprias crianças que escolheram seus “nomes artísticos” para este trabalho.

Amparo e Francisca são irmãs, cuja mãe solicitou que fizesse o encontro com ambas, pois são amigas e se dão muito bem. Raissa, Laura, Letícia, Malu e Juliana estudam na mesma escola, as mães argumentaram que são muito amigas, fazem tudo juntas e solicitaram que estivessem juntas no primeiro encontro. Com o objetivo de analisar a experiência de avaliação inicial individualmente e em grupo, atendi os pedidos.



Pampa

Pampa tem 7 anos, é muito falante e desinibida, trouxe três trabalhos que chamou de “abstratos” feitos especialmente para esse encontro. Disse que gosta muito de trabalhos abstratos e prefere os tridimensionais com madeira ou argila. Sua mãe contou-nos que

ela é divertida, esperta e muito sabida, tendo em vista saber a resposta para todas as perguntas. Disse também que é carinhosa, criativa e muito inquieta, sempre está inventando jogos e criando coisas com os mais diversos materiais que recolhe por onde passa.

Berenice e Pri, crianças que não se conheciam também fizeram a avaliação juntas, por uma questão de adequação de horário. Teria assim, mais um índice de comparação nas avaliações.



Paquita

Paquita tem 10 anos, está no 5º ano e é irmã de Pampa. Gosta de pintura e marcenaria, serrou a madeira para construir seus objetos tridimensionais na escola.

No ateliê gostaria de fazer trabalhos tridimensionais, de preferência com argila.

Sua mãe disse que ela é muito sensível, carinhosa e doce. É tímida e sempre preocupada em agradar. É responsável, perseverante e caprichosa. Adora pintar, desenhar, criar e explorar. É muito autocrítica e exigente consigo mesma.



Marie Claire

Marie Claire tem 9 anos, está no 5º ano, trouxe vários trabalhos, três tridimensionais em madeira e seu caderno de artes. Dmons-

²⁵ HERNANDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre, Artmed, 2000, p.144

²⁶ Ibid – p.149

²⁷ Ibid – p. 149

trou ter gostado muito de trabalhar com madeira. Gosta também de desenhar com pastel, fazer maquete e pintura em tela. Gostaria muito de trabalhar com argila.

Segundo sua mãe, é uma menina doce, observadora, sensível, atenta e divertida. Tem uma maneira de olhar que é única, consegue ver o que dificilmente é notado. É cheia de entusiasmo e alegria. Gosta de trabalhar em grupo, é agregadora e dona de uma personalidade marcante. Gosta muito de ler, um de seus programas preferidos é ir a uma livraria. Tem um irmão de 4 anos e uma irmã de 17 anos, com irmãos de idades e fases tão diferentes tem a oportunidade de experimentar muitas vivências e transitar com segurança por diferentes propostas.

A expectativa dos pais é que ela se solte mais em seus projetos de arte, se expresse com maior fluidez e encontre outras maneiras de se comunicar e expressar. O pai é leiloeiro de arte, o que lhe dá acesso a muitas obras, já visitou o ateliê de Mário Gruber, Aldemir Martins, entre tantos outros, a profissão dele é herdada do avô, artista plástico que levava o filho ao ateliê de Dijanira e Di Cavalcanti. A família frequenta exposições e Marie Claire acompanha a preparação do leilão do pai.

Bia

Bia tem 8 anos, está no 4º ano. No colégio faz desenhos e pinturas, onde incentivam muito a cópia de obras.

Bia trouxe os últimos trabalhos feitos na escola, desenhos e uma releitura de um quadro da Tarsila do Amaral.



Ayao

Ayao veio junto com seu pai e sua mãe, percebi que estava um pouco reticente comigo e bastante envolvido com os pais, achei conveniente conversar com os três juntos para que ele se sentisse mais a vontade. Tem 8 anos, está no 4º ano e trouxe vários personagens que ele desenhou e recortou.



Nasceu no Japão e veio para o Brasil com 5 anos. Gosta de desenhar, recortar, colar, fazer personagens de papel. Trouxe uma pasta cheia deles e um livro de bichos que acabou de comprar. Tem vários livros sobre dinossauros, sua maior paixão. Oito livros são só da coleção do “Capitão Cueca”. Já trabalhou com argila, mas não gostou porque sujava as mãos, então prefere desenhar e recortar. Concentrado e dedicado, desenhou dois dinossauros coloridos, só entregou o desenho após terminar. Ainda, gosta muito de ir ao museu de Geociências.

Trouxe uma pasta cheia deles e um livro de bichos que acabou de comprar. Tem vários livros sobre dinossauros, sua maior paixão. Oito livros são só da coleção do “Capitão Cueca”. Já trabalhou com argila, mas não gostou porque sujava as mãos, então prefere desenhar e recortar. Concentrado e dedicado, desenhou dois dinossauros coloridos, só entregou o desenho após terminar. Ainda, gosta muito de ir ao museu de Geociências.

Janaina

Janaina trouxe o caderno de desenho e uma escultura. Ela tem 10 anos e está no 5º ano, sua mãe contou-

-nos que ela gosta muito de artes plásticas, mas não gosta muito de pintura, prefere desenho, escultura e modelagem. Comunica-se por meio do desenho desde os dois anos, também não gosta de esporte, mas adora livro de bichos e quer muito aprender a fazer animação.



Estudou durante dois anos em um ateliê de artes, adorava o armário de materiais. O que ela mais gostava era abrir o armário e escolher o que iria produzir no dia. Tem orgulho do que produz, principalmente quando seu irmão mais velho de 16 anos a elogia. Está com grande expectativa com relação ao curso, principalmente por ser na USP, local onde pretende estudar quando crescer.

Lolita

Lolita relatou-me que gostou muito de fazer uma escultura em madeira na escola. Ela colou as partes, pregou e pintou. Contou que costuma copiar desenhos das colegas e que gostaria muito de trabalhar com argila. Trouxe o seu caderno de artes e mais dois trabalhos tridimensionais. Sua mãe disse que Lolita nunca fez “artes” fora da escola. Ela gosta muito de desenhar e inventar brincadeiras com retalhos e traços, mas tem muita dificuldade em gostar do que faz. Ela gosta de esporte e gosta muito de dança.



Sempre que pode está desenhando, pintando ou recortando alguma coisa.

A expectativa é mostrar para a Lolita que a arte, ou fazer arte, é uma forma de mostrar sensibilidade e delicadeza. O trabalho não precisa estar com traços definidos, mas precisa ter som, luz e cheiro, pura sensibilidade.

Mainá

A Mainá tem 10 anos, está no 5º ano. Trouxe pinturas em tela. Começou dizendo que não sabe desenhar, acha seus desenhos feios e que gostaria de trabalhar com argila, gesso e escultura. Sua mãe comentou da dificuldade que tem de gostar dos próprios trabalhos. Acha sempre que não sabe desenhar e nunca teve uma experiência com artes plásticas,



além da proporcionada pela escola. Percebe que ela prefere os desenhos mais conhecidos e simplificados. O mesmo não acontece quando o tema é dança, tem experiências desde os três anos e se expõe mais, diz que “dançar é sua vida”.

Tem muita disponibilidade para experimentar materiais novos: põe a mão, mexe e adora materiais úmidos e de diferentes consistências. A expectativa é que possa soltar-se um pouco mais e curtir mais suas produções.

Lara

Lara tem 7 anos, trouxe vários trabalhos em papel, desenhos figurativos e abstratos, feitos com aquarela e pastel. Sua mãe contou que Lara sempre foi incentivada na escola a desenvolver prática artística, além do incentivo da mãe, com a qual comentou ter feito bichinhos de argila num sitio e curtido muito.



O pai é fotógrafo e Lara adora fotografar pessoas, praia e cachorro. Gosta de brincar de mamãe e filhinho, pega-pega e esconde-esconde. Também gosta muito de desenhar e pintar, inclusive já fez um arco e flecha de bambu.

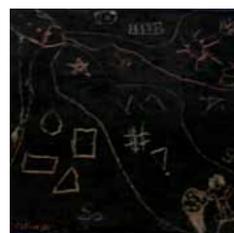
Rosangela

Rosangela tem 10 anos e está no 5º ano, trouxe trabalhos tridimensionais em madeira e argila. Gostaria de trabalhar com bisqui, gesso, argila e escultura mas ressalta que prefere fazer trabalhos abstratos.



Pri

Pri tem 9 anos, está no 5º ano, trouxe o seu caderno de artes e um trabalho tridimensional. Comentou gostar muito de piano, e disse ter ouvido absoluto, do qual muito se orgulha. Gosta de competir e para ela é importante ser sempre a melhor. Falou



sobre suas medalhas e premiações. Tem um irmão de 24 anos e uma irmã de 26 anos, faz ballet, toca piano e cantou no casamento da irmã. Seu sonho é ser regente de orquestra. Gosta de Aldemir Martins, música clássica e sinfonias. Ano passado leu 14 livros. Sua história preferida é “Raul da ferragem azul”.

Sua mãe disse que nas férias as duas pintam juntas. Elas fizeram um tapete de amarelinha todo colorido, personalizado e ela também fez cartões para vender na feirinha do colégio.

Pri já fez estudos em tela das obras de alguns artistas como Romero Brito, Tarsila do Amaral, etc. Já fez alguns bichinhos em argila. Gosta muito de música clássica, histórias bíblicas, “Cinderela” e o “Pequeno Príncipe”, faz natação, gosta de brincar de vídeo game e nadar na piscina. Tem dificuldade de concentração, se distrai com facilidade. É muito criativa e sensível. Valoriza muito seus trabalhos. Desenvolve sua espiritualidade, gosta mais de plantas do que de animais atualmente.

A expectativa da mãe é que o ateliê seja muito superior em qualidade de ensino, dinâmica, interatividade, produtividade em relação a outros estabelecimentos, porque a ECA-USP é escola conceituada na sociedade, tem um nome respeitado e crê que é devido ao trabalho de formação que já realizaram no decorrer dos anos.

Berenice

Berenice tem 10 anos, está no 5º ano. Gosta muito de

desenhar, não trouxe desenhos no primeiro dia, mas vai trazer posteriormente. Gosta muito de falar. Seu pai contou que ela gosta muito de grafite e carvão. Aprimorou técnicas sozinha. Já fez diversos origamis, olhando em livros e era freqüentadora assídua das oficinas do Sesc quando mais nova.



Assiste “Mister Make”, no Discovery Kids. Adora patinar, fazer natação (nado sincronizado). Adora o filme “Fada do Dente”, o “Harry Potter” e “Crepúsculo”. Gosta de amarelinha e do Museu de Ciências do Parque Dão Pedro, “Catavento” pois tem uma sala que pode mexer nas coisas. Aprendeu a fazer ponto cruz com as tias em Pernambuco e também gosta de fazer bijuterias de miçangas. Seu artista preferido é o Monet. Gostou muito de uma instalação interativa no Museu da Língua Portuguesa que permitia formar palavras.

Para seu pai, Berenice sempre demonstrou muita vontade de aprender mais sobre arte, além do que a escola oferece. Este curso pode despertar nela o gosto para levar a arte mais a sério. Seria uma importante parte da formação dela aprofundar conhecimentos e habilidades artísticas.

Amanda

Amanda tem 9 anos e está no 4º ano. Não trouxe

nenhum trabalho pois não encontrou o trabalho que queria trazer, provavelmente a empregada jogou fora, segundo informou. Contou também que já fez papel machê, já trabalhou com argila e gosta muito de tinta. Gosta de brincar de patinete e patins, queimada, pega-pega e pular corda. Gosta mais de brincar com as amigas do que sozinha, de desenhar flores e a natureza. Assiste sempre o programan “Mister Make”.

Sua mãe contou que ela já fez teatro com ela, que sua avó paterna é artista plástica, trabalha com reciclagem e dá aulas na Universidade de Brasília. Amanda inventa o dia inteiro, gostou muito de mexer com argila na escola, assiste Art Atack e Mister Make. Ela é muito carinhosa, gosta de falar e fazer amigos, adora artes. A avó faz tricô, crochê, pinta quadros, faz cerâmica e muitos trabalhos manuais, e a Amanda sempre observou-os e pediu materiais para poder criar. Prefere brincar ao ar livre.

Natália

Natália tem 10 anos e está no 5º ano. Trouxe sua coleção de “smiles” feito de argila, são os preferidos. Sua mãe conta que ela não desenha muito, mas faz o que a escola pede, é muito criativa e desde pequena gosta de fazer coisas diferentes. Aprendeu a desenhar com o irmão mais velho e quer ser professora ou estilista. Gosta muito de colagem.



Izabelha

Izabelha tem 9 anos e está no 4º ano, trouxe vários trabalhos e de períodos diferentes. Gosta muito de



contar a história dos trabalhos. Contou que ganhou um prêmio com um ano e meio de idade em Itapira, uma pintura que exibe orgulhosa. Adora sua tela com “paninho de estimação”. Mostra

duas pinturas abstratas que fez quando era bebê com as mãos. Gosta de fazer tudo. Sua avó é pintora premiada e sempre a incentivou.

No colégio já fez releitura de Romero Brito, Aldemir Martins, Van Gogh e Matisse, que trouxe para mostrar. Toca atabaque, joga voley, vídeo game, gosta de brincar de esconde-esconde. Gosta de ir a Pinacoteca, Museu Ciência Interativo porque pode fazer coisas. Gosta de tela, argila, giz de cera e artistas como Van Gogh e Miró. Atualmente faz muitos desenhos. Já trabalhou com a mãe fazendo papel machê, mostrou seu gato e uma minhoca.

Ela trouxe a foto de um dos seus trabalhos prediletos, pois se trata de um autorretrato muito grande. Adora uma almofada que pintou e dois lenços de cabelo, uma caixa de madeira. Já fez também um coração com arame, um anjo de argila e adora tinta. Se pudesse inventar um mundo diferente seria com casas de chocolate, sem guerra, só teria paz, as lojas seriam de mashmellow e ela teria super poderes para voar. Sua mãe contou que

Izabelha fez curso de desenho durante pouco tempo na Casa da Fazenda, fez pinturas, esculturas, pintura em tecido, sendo que muitas dessas habilidades adquiriu em casa com a mãe e a avó. Ela gosta de experimentar materiais diferentes. O que mais gostou até agora foi tinta acrílica, guache, areia e papel machê. Já fez alguns objetos em argila e curtiu muito.

Sua mãe é formada em desenho industrial, trabalha com seda, desenho têxtil, papel machê e tela. Sua avó é artista plástica, hoje com 90 anos, pintora reconhecida teve seus trabalhos expostos no MASP, no Louvre e em outros museus e ganhou vários prêmios.

Izabelha não gosta que as pessoas dêem opinião para que ela mude o que está fazendo. Ela quer fazer do jeito dela, com os seus traços. Gosta de mostrar e ensinar, observa tudo e pede que observemos também, principalmente as árvores, o céu, as cores, as sombras, as pessoas, tudo que estiver ao seu redor.

Gosta de brincar com jogos, às vezes de futebol. Costuma freqüentar exposições e feira de antiguidades. Gosta muito de instalações e trabalhos tridimensionais. É mais criativa quando trabalha sozinha, mas gosta de trabalhar em grupo. Está começando a colecionar moedas antigas e selos. É muito tranqüila, gosta de conhecer novas técnicas e possibilidades artísticas.

A expectativa da mãe é que ela se solte e conheça novas opções de materiais, desenvolva cada vez mais o seu lado criativo. O nosso encontro foi bastante pecu-

liar dada a desenvoltura ao falar sobre seus trabalhos, naquele momento, havia duas pessoas conversando sobre trabalhos artísticos. Ali não importava a diferença de idade das duas, foi um momento de troca. Aprendi muito com aqueles lindos trabalhos.

Izabelha, de forma singela falou sobre fazer o que se tem vontade, pelo puro prazer, fez-me lembrar como é bom criar sem preocupação de fazer arte, pelo puro prazer de criar. O carinho tirado da mala e sacola os seus pertences, como se fossem filhos, e colocando sobre a mesa e depois o mesmo cuidado para guardar. A felicidade de tê-los feito, o valor que cada um tinha.

Vini e Ana Luiza foram os últimos a se inscreverem, não havendo tempo hábil para avaliação.

Reflexão sobre a avaliação inicial

O encontro com Paqueta e Pampa, as irmãs, transcorreu bem, sentiram-se bastante à vontade, falaram de suas criações e uma complementava o que a outra dizia.

A conversa com Berenice e Pri, as duas meninas, que não se conheciam, apesar de ambas terem se colocado muito bem por serem desinibidas suscitou certa comparação entre elas, quando uma dizia que fazia determinada coisa a outra imediatamente também queria contar algo que substituísse, gerando certa competição velada.

A reunião com o grupo de alunas da mesma escola: Lolita, Marie Claire, Janaina, Natália, Mainá foi boa,

pois elas realmente sentiam-se a vontade umas com as outras e cada uma falou sobre seu trabalho e a relação entre elas. Porém, o tempo de uma hora para a atividade foi escasso. Em virtude da variação de temperamentos e necessidade de falar não foram tão bem ouvidas, de forma igualitária, algumas peculiaridades não puderam ser evidenciadas, uma vez que o tempo estipulado foi de meia hora para cada criança, possivelmente, se tivéssemos duas horas teria sido mais produtivo.

Esta experiência demonstrou que a flexibilidade no roteiro, nas relações com as crianças e pais é fundamental para além de colhermos dados, iniciarmos um relacionamento afetivo e educativo em bases claras.

Planejamento

I – Com base na Abordagem Triangular planejamos:

Fazer: produção de modelagens com massa cerâmica, vivenciando o processo de modelar, colocar no forno para queima, passar engobes e queimar novamente;

Ler: contato com obra de arte contemporânea, conhecer o monumento Lugar com Arco da artista Norma Grinberg, visitar o Espaço Norma Grinberg para conhecer as obras da artista, entrevistá-la para saber como ocorre o processo de criação do artista; Visita ao MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia para conhecer objetos e obras de arte significativos na cultura e civilização;

Conhecer obras em cerâmica dos artistas: Pablo Picasso, Francisco Brenand e da cultura popular: do

mestre Vitalino, Figureiras de Taubaté e as Bonecas da família de dona Izabel do Vale do Jequitinhonha, por meio de livros e sítios na internet;

Leitura das formas da natureza: conhecer a casa do João de Barro na Praça do Relógio, observar as formas produzindo ao ar livre;

Leitura dos trabalhos das crianças;

Contextualização: dialogar com a história da arte, outras áreas de conhecimento e também com obras de artistas das famílias das crianças se for possível.

Para trabalharmos a modelagem com a massa cerâmica, obtive orientação da Professora Dra Norma Grinberg, do Departamento de Artes Plásticas. Ela orientou-me quanto às técnicas, bibliografia para consulta, materiais adequados, fornecedores, a importância de compartilhar sobre a história da cerâmica na civilização, mostrar a utilização da massa cerâmica para confecção de objetos utilitários, objetos decorativos, industriais e como linguagem artística.

Para Prof^a Norma:

“A argila, a massa plástica, um material sem formas, tem o poder de, pressionada com a mão, com ou sem ferramentas, assumir formas. Volume oco, aberto ou fechado, alto ou baixo, largo ou estreito, a argila tanto obedece ao primeiro gesto quanto se presta à transformação, até se solidificar pela ação do fogo, que lhe dá

*cores e sentido de eternidade”.*²⁸

II – Ações em ateliê de artes visuais

Poética: Propiciar as condições adequadas para que a criança possa fazer o que ela deseja no ateliê ou se ela não souber o que fazer: sensibilizar e incentivar a produção de trabalhos significativos para ela, o que ela gosta, fazer perguntas sobre suas histórias preferidas, personagens, brincadeiras, coleções, observar as formas na natureza, propiciar sensibilização por meio de movimentos corporais, ouvir músicas, promover nutrição estética por meio do contato com obras no MAE, no Espaço Norma Grinberg, no ateliê de cerâmica do Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP, tendo contato com livros, no fazer coletivo junto aos colegas de ateliê;

Técnica:²⁹

Apresentar às crianças as ferramentas e equipamentos necessários para modelagem com massa cerâmica:

- Apresentar às crianças as ferramentas e equipamentos necessários para modelagem com massa cerâmica:
- suas mãos;
- estecas de arame: para escavar peças maciças e alisar superfícies;
- estecas de madeira ou metal: para unir, retocar, alisar, polir e dar textura;
- espátulas de metal: para cortar tiras, placas de massa cerâmica e alisar superfícies;
- espátulas de madeira e silicone: alisar e modelar; para abrir placas;

- fio de nylon: para cortar a massa cerâmica;
- esponja: para limpeza e alisamento da peça.
- rolo: para fazer placas;
- lona: para conformar a massa cerâmica, para que ela não grude na mesa,
 - b. Processos construtivos:
 - serão apresentados de acordo com a necessidade do que a criança deseja construir;
 - modelagem por placa: amassar e modelar a massa cerâmica em forma de placa com o rolo;
 - modelagem em bloco: esculpir ou modelar um pedaço de massa cerâmica;
 - modelagem de potes segundo método de tiras e/ rolinhos com costuras³⁰ com as mãos e com rolinhos e placas
 - técnicas de pintura na peça biscoitada e peça crua com engobe;
 - técnicas de pintura com esmalte cerâmico brilhante na peça biscoitada.
- Práxis:
 - Modelar com placas, em bloco, e como a criança desejar para criar intimidade com o material;
 - Exercícios para exercer práticas diversas: modelagem com os olhos fechados, modelagem de observação e modelagem com texturas.

Obs.: os exercícios são sugestões, não são impostos quando a criança já apresenta o desejo de fazer algum

30 CHITI, Jorge Fernández, Curso prático de cerâmica, Tomo 1, Ediciones Condorhuasi, 1990) com as mãos e com rolinhos e placas

trabalho.

Planejando o ateliê experimental

A partir da avaliação inicial, pude identificar, entre outras evidências, o desejo ou a disponibilidade da maioria das crianças para modelar com argila.

Nossos fundamentos eram o fazer artístico, leitura de imagens, contextualizar dialogando com a história da arte e outras áreas do conhecimento, por meio da manifestação poética, da técnica e da práxis. Trazer minha “*presença*”, imprimindo um ritmo e uma técnica significativos.

Elaboramos a partir dessas premissas um planejamento, suscetível de alterações durante seu desenvolvimento, conforme as necessidades e manifestações das crianças e dos orientadores.

Conforme experiências nos ateliês anteriores e participação no projeto “Eu Na USP JR”, que propiciou desenvolvimento de oficinas conjuntas entre os Departamentos de Música, Artes Cênicas e Artes Plásticas, compreendi a importância da preparação dos sentidos como aquecimento para as aulas no ateliê para crianças. Ana Helena preparou os aquecimentos de forma integrada às ações planejadas.

“O aquecimento é fundamentalmente coletivo e em construção. Procuo idéias que dêem o tom do ateliê.” Ana Helena
Ou ainda,

“Como ocorre em todas as artes que incluem a performance – o teatro, a dança ou a música – o Thought

28 Lugar com Arco. Tese de Doutorado. São Paulo, ECA/USP, 1999.

29 Tagusagawa, Silvia Noriko, Dissertação de Mestrado: Articulações: poéticas do corpo – A experiência do corpo expressada através da cerâmica, 2009, ECA/USP

Watching corresponde a um período de aquecimento. (...) jogos teatrais que afinam habilidades perceptivas; atividades planejadas para elevar a motivação, a participação na crítica; partituras musicais selecionadas para desenvolver a atmosfera ou o humor perceptível; sequências de movimentos que aumentem as respostas sensoriais; poesia e literatura selecionadas para afinar a sensibilidade; diálogos e leituras que elevem as possibilidades da compreensão – tudo torna-se aceitável para ser empregado durante essa etapa.”³¹

O *Thought Watching* é uma das etapas da abordagem *Image Watching*, sistema criado para sensibilização e preparo dos alunos para a atividade de leitura de obras em museus. Essa atividade é de grande valor como instrumento de conscientização dos alunos quanto às atividades de análise da produção.

Essa prática, adaptada para o ateliê, possivelmente possibilitou à criança maior conscientização de si mesma, do seu entorno, das formas a serem observadas na natureza e no cotidiano e do seu trabalho artístico.

“Um exemplo de como o Thought Watching foi usado inicialmente pode ser encontrado no estilo de ensinar de Itten, o colorista do Movimento Bauhaus. Ele desenvolveu procedimentos similares despertando e liberando o potencial criativo de seus alunos. Em geral comprometido com aulas técnicas e teorias da cor, Itten reservava um tempo em suas aulas para seus alunos exercitarem seus corpos e mentes através de mo-

vimentos físicos, respiração controlada e práticas de meditação o que favorecia a prática de interpretação necessária para o conhecimento das teorias da cor.”³²

Habitamos esse mundo de várias formas e nos sentimos seguros com essa forma de existir, por estarmos acostumados, e assim nosso ser vai se desenvolvendo, dentro de uma forma de existir. O ateliê possibilita um deslocamento desse “habitar”, acreditamos que pode proporcionar uma outra forma de existência no mundo. Uma forma que talvez possa lhe oferecer a oportunidade de criar um projeto estético de vida, que vai sendo constituído paulatinamente por meio de vivências estéticas.

De acordo com Herbert Read, o artista ousou ser além de reprodutor, criador, isto é, *“transcender o nível aceito da existência.”³³*

O ambiente com música, a arte “imaterial”, pode ajudar a colaborar para sensibilização da criança preparando-a para este novo habitar poético.

Combinamos uma reunião semanal para avaliação do encontro com as crianças e o replanejamento do encontro seguinte, além da leitura de textos e possibilidade de reflexões.

31 Ott. In: BARBOSA, Ana Mae, Arte.-Educação: leitura no subsolo. São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 128

Ibid – p. 128

32 READ, Herbert. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1965-1981, p. 201.

33 READ, Herbert. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1958-1981, p.21

Primeiros desenhos

No primeiro dia a professora Christina Rizzi apresentou a proposta do ateliê, como objeto desta pesquisa, aos pais, assim como, a escolha da modelagem da massa cerâmica, como linguagem escolhida a partir da avaliação inicial. Conversei com os pais sobre o ateliê e tirei suas dúvidas.

Enquanto isso, Ana Helena e Daniel iniciaram uma dinâmica com as crianças para que todos soubessem os nomes dos colegas. Os participantes fizeram uma roda, o professor disse seu nome, olhou para uma criança que repetiu o nome dela, esta olhou para outra que fez o mesmo e assim sucessivamente. Numa segunda etapa, o educador olhava para uma criança e dizia o nome da desta criança, ela, por sua vez olhava para outra e repetia o nome da outra e assim sucessivamente, até todos terem falado. Os professores colaboraram como facilitadores, auxiliando quando alguma criança errava algum nome, procurando não deixá-la constrangida. Por meio dessa brincadeira, todos memorizaram os nomes uns dos outros com facilidade e rapidez.

Em seguida, Ana Helena propôs exercícios de sensibilização corporal, procurando conscientizá-los do próprio corpo, dos contornos e linhas dele. O primeiro desenho do ser humano é seu próprio corpo. Depois todos andaram pelo espaço, observando o lugar e os colegas.

34 SANTIAGO, Adriana. Las artes plásticas em La escuela. Madrid, Servicio del Ministerio de Educación y Ciencia, 1977, p.73

O dia a dia da vida urbana, inclusive das crianças, com horários preenchidos por cursos de línguas, esportes, dança, etc, fazem-nas vivenciar um existir apressado e sem tempo para se perceber, conhecer e encontrar. Senti e olhar, ações importantes para aquele momento.

Pretendemos com isso criar uma forma de passagem para outra forma de existir, de habitar, que possibilita tempo para olhar, sentir, perceber, escolher e criar.

Na avaliação inicial identifiquei algumas ideias cristalizadas sobre desenho e para ampliar o significado dessa ideia de desenho, planejei duas situações: a primeira foi o desenhar com olhos fechados e com olhos abertos, ao som de uma música. Perguntei a eles se a música fosse nossa mão como ela faria o desenho. Quando dizemos que é a música que vai desenhar, de certa forma a expectativa quanto ao resultado diminui, afinal, o desenho é da música, possibilitando assim que as crianças se soltem mais. Algumas delas não fecharam os olhos, então sugeri que olhassem para um ponto fixo a sua frente.

“ (...) es interesante que el niño intente, en el campo de su expresión plástica, plasmar lo que otras artes no plásticas le pueden transmitir, por ejemplo, hacerles escuchar una música y pedirles que le interpreten, o una poesía, o un cuento..., a veces, mucho más abstracto, sólo un concepto, el frío, el calor, la alegría. ¿ No es esto, acaso, potenciar su imaginación?”³⁴

O Ayao, um dos meninos, desenhou um dinossauro sem fechar os olhos, demonstrando já nesse momento sua simpatia pelo animal, seu objeto de afeto. A oportunidade de fazer outros exercícios pode ampliar esse fazer, desde que ele concorde, não pode ser imposta, o que o afastaria ao invés de aproximá-lo do desenho. Ele ficou feliz em desenhar o dinossauro, mesmo enquanto os outros fechavam os olhos e criavam outros desenhos.

A Berenice relutou um pouco no começo, repetia que não conseguiria desenhar com os olhos fechados, sugeri então que olhasse para frente, mas ela não gostou, tornei a sugerir então que desenhasse com os olhos abertos, ela atendeu por metade do tempo,

a outra metade o fez de olhos fechados côm as outras crianças, todavia não gostou do resultado. Essas duas crianças citadas gostam muito do desenho gráfico.

A Bia preferiu tentar a nova experiência e gostou de fazer algo diferente, percebeu que podia desenhar sem ver. As três experiências apontam para o fato de que uma mesma proposta encontra na criança diferentes respostas. Cabe ao professor ter sensibilidade para corresponder a cada criança, não criando resistências.

“(...) la memória visual siempre va acompañada de una memoria afectiva, que de hecho manifestamos cuando nos expresamos. En el niño la memoria afec-



tiva tiene más grandes dimensiones, ya que sus primeras relaciones con lo que le rodea son de tipo afectivo, sentimental. (...) debemos siempre tener en cuenta la importancia de la memoria afectiva, y procurar no atrofiar en el niño la facilidad de trasladar sus sensaciones, ya sean sentidas del mundo exterior, como de sua proprio yo, a manifestações plásticas, que son como un testimonio de aquello que siente.”³⁵

A segunda tratava-se de fazer um outro desenho ouvindo uma música também, agora com os olhos abertos. Nos desenhos iniciais as crianças fazem o que mais gostam ou acham que sabem fazer melhor. É possível perceber alguns afetos, alguns gostam de animais, outros de paisagens, outros de pessoas, é um bom repertório para o professor conhecê-las e poder dialogar com elas.

Em seguida, mostrei algumas obras de Paul Klee e Kandinsky, por terem sido pintores e músicos, estabelecendo uma relação estreita entre a música e a arte visual, a fim de possibilitar a observação e percepção de linhas, cores e formas figurativas e abstratas. Fiz algumas perguntas sobre as obras e as crianças foram descrevendo o que viam: quais eram as cores, como eram as linhas, os formatos, o que sentiam, etc. As pranchas das imagens foram plastificadas, depois de escaneadas as obras, assim, as crianças puderam pegá-las e olhar, tocar e trocar umas com as outras, escolher as que mais gostavam. Havia obras figurativas e

outras abstratas. Pudemos comparar e conversar sobre as diferenças e semelhanças.

“Recentemente traduzi uma composição musical em linguagem plástica. Portanto agora posso imaginar também o inverso e me perguntar como nós, como indivíduos, com nossa estrutura, seríamos ouvidos na forma de música.”³⁶

Para finalizar, colocamos os trabalhos no painel e fizemos uma leitura, elencando cores, linhas, formas, texturas, gênero, etc. Algumas crianças falaram sobre os próprios desenhos. Comparamos os desenhos feitos de olhos fechados e abertos. Rafaela disse que gostou muito de desenhar porque se soltou mais com a música.

No final colocamos os desenhos num painel e fizemos uma breve leitura das imagens, falamos das cores, das linhas, etc. Algumas das crianças falaram dos próprios desenhos. Rafaela disse: *“foi o mais louco”*.

³⁵ Ibid – p. 72

³⁶ KLEE, Paul. Sobre a Arte Moderna- Confissões criadoras. Rio de Janeiro. 2001.p.25



O círculo

*“(...) o objetivo da educação é o encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence.”*³⁷

A avaliação inicial apontava para dois grupos distintos na turma: um formado por amigas de uma mesma escola, com vínculos afetivos substanciais e outro por crianças de origens diversas que não se conheciam ainda. Na primeira aula o grupo das amigas ficou evidente para os outros participantes. Conversando mais com as crianças também pudemos perceber, por exemplo, uma tendência pela preferência de brincadeiras individuais às coletivas. O espaço do ateliê é lugar onde se realizam trabalhos individuais e/ou grupais num espaço coletivo, portanto criar um objeto num ateliê com outras pessoas, não é o mesmo que criar um objeto no seu quarto.

Com o objetivo de integrarmos as crianças, alargarmos os laços afetivos e ao mesmo tempo iniciamos um processo de sensibilização interior para criação de formas significativas para elas escolherem desenvolver o conceito de mandala.

“Mandala, palavra sânscrita, significa círculo ou círculo mágico. Seu simbolismo inclui toda imagem

³⁷ READ, Herbert. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1958-1981.



*concentricamente disposta, toda conferência ou quadrado tendo um centro e todos os arranjos radiados ou esféricos. O centro da mandala representa o núcleo central da psique (self), núcleo que é fundamentalmente uma fonte de energia: ‘A energia do ponto central manifesta-se na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se aquilo que ele é, do mesmo modo que todo organismo é impulsionado a assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias’*³⁸

A mandala desde tempos remotos trabalha a quietude do centro e a expansão pelo movimento. O trabalho com a mandala propicia um encontro consigo mesmo e ao mesmo tempo permite a relação com o todo.

O espaço do ateliê propicia um desenvolvimento pessoal dentro de um ambiente coletivo. Acreditamos que fazer um exercício com a mandala possa propiciar contato consigo mesmo e com os outros.

Ana Helena organizou uma roda e todos dançaram várias cirandas.

*“Viver no mundo é movimento, atividade, dança. Nossa vida é um dançar constante ao redor do centro, um incessante circundar o Uno invisível ao qual nós – tal como círculo – devemos nossa existência. Vivemos do ponto central – ainda que não o possamos perceber – e temos saudades dele. O círculo não pode esquecer sua origem – também nós sentimos saudades do paraíso. Fazemos tudo o que fazemos porque estamos à procura do centro, do nosso centro, do centro.”*³⁹

*“O fato de insistir na linha talvez seja novo, mas não é naturalmente uma invenção da dança ‘moderna’: tanto quanto o balé clássico, as danças populares em todo momento de sua ‘evolução’ servem-se da linha.”*⁴⁰

Nas férias de fevereiro de 2010 vivenciei o projeto “EU NA USP JR”, promovido pelo Museu de Ciências da USP, acompanhei as oficinas integradas de Artes Cênicas, Artes Visuais e Música. Participei em alguns momentos dos exercícios de movimentos corporais e pude perceber que a conscientização do meu corpo e

³⁸ SILVEIRA, Nise. Jung, Vida e Obra. Paz e Terra. 1997-2001.

³⁹ DAHLKE, Rudiger. Mandalas. Pensamento, 1985, p.6

⁴⁰ KANDINSKY, W. Ponto, Linha e Plano. Edições 70. 1997-2001, p.88.

suas relações no espaço me sensibilizavam para criação artística. Se o corpo cria a linha e o desenho, conscientizamo-nos disso incorporando e expressando através das manifestações artísticas. Por isso, acredito que essa prática pode colaborar para preparar a criança para o momento de produção.

Depois da ciranda, observamos que as crianças estavam mais descontraídas e receptivas, notamos pela participação animada e calorosa na conversa sobre as mandalas. Perguntei se sabiam o que era uma mandala e algumas delas já conheciam e se manifestaram com diferentes comentários. Izabelha disse que tinha uma em casa. Pri contou-nos que um dia estava passeando

na praia e encontrou uma “bolacha do mar”, e que seu formato é bastante parecido com de uma mandala.

Mostrei imagens de mandalas na natureza, no corpo humano, na arquitetura e outras. Quando o Ian viu o formato do olho e do cérebro, disse: “Mas isso é ciência, não é arte”. Ana Helena comentou que era uma questão para refletirmos, se arte era ou não ciência. Quando apareceram alguns desenhos em formato circular o Ian comentou: “ah sim, agora é arte, eu também quero fazer”.

Preparamos uma mesa com alguns materiais, eles deram uma volta na mesa, observaram-na e retornaram para os seus lugares, pensaram e esboçaram um projeto de como seria sua mandala, por meio de desenhos e palavras. Depois pegaram o material e confeccionaram.

“No começo está o ato. Entretanto, mais além se encontra a idéia. E como o infinito não possui nenhum começo determinado, como um círculo, a idéia pode ser o que vem primeiro.”⁴¹

A Amanda percebeu que o tecido não colava, tentou costurá-lo e depois grampeá-lo, mas não ficava como ela gostaria, resolveu então envolver a lã no arame e amarrar uma flor direto no mesmo. Demonstrou, com sua atitude, perseverança e paciência diante da dificuldade encontrada no contato com a matéria. Amanda se deparava com o embate entre sua ideia e a matéria.

⁴¹ Klee, Paul. Sobre a arte moderna e outros ensaios, Rio de Janeiro, Zahar, 1987. p.25

“A simples revelação da matéria (dos objetos) amplia os horizontes (da criança) até os extremos limites do ser e o dota ao mesmo tempo de um conjunto de chaves para decifrar o ser de todos os fatos humanos.”⁴²

A partir do problema trazido à tona por Amanda, pudemos conversar sobre a diferença de idealizar e fazer, sobre as dificuldades e os embates que o material apresenta. Ainda, sobre as possibilidades que surgem e são partes da construção do fazer artístico.

Na medida que as crianças terminavam sua mandala individual, sentavam em almofadas no tapete e construía a mandala coletiva.

“Estas distintas formas de reaccionar ante lo exterior, estas distintas formas de expresarse cada niño con sus peculiaridades propias, se transmiten al ambiente enriqueciéndolo de tal forma, que éste adquiere su propia personalidad, su propia dinámica. Así, se llega a producir una tensión creadora en el grupo, de modo que sin darse cuenta, todos participan de ella, y beben de ese ambiente enriquecio, al hacer sus realizaciones para expresarse. Por eso, las obras de los niños hechas en el taller, son distintas a las que hacen en sus casas solos.”⁴³

Os meninos, inicialmente, disseram que qualquer coisa estava bom, as meninas assumiram então a mandala coletiva e colaram várias flores. Os meninos associaram flor ao aspecto feminino e não gostaram. No final conversamos sobre a experiência de constru-

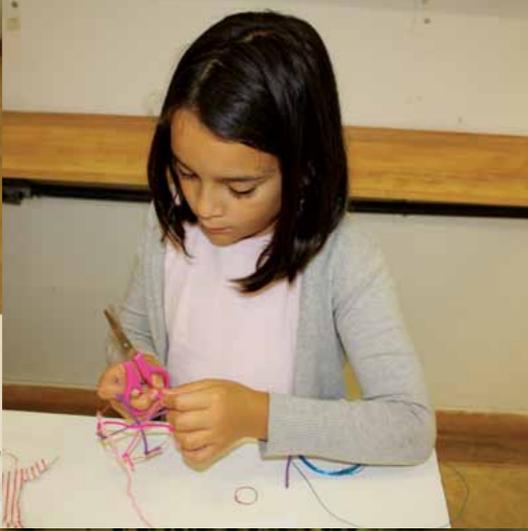
ção da mandala. Os meninos reclamaram de novo, disseram que não era justo ter mais meninas do que meninos no grupo. Lara, de 7 anos, respondeu a eles: “Mas vocês disseram que não tinham ideias e que podia ser de qualquer jeito a mandala”. Vini respondeu: “Eu falei que queria fazer mandalas pequenas em volta, desenhar”. Lara: “Mas você não fez”. Então, Ana Helena interveio dizendo: “Venceu quem insistiu mais” Vini concluiu: “Isso parece uma floricultura”. Todos riram.

Percebemos que eles gostaram muito de sentar nas almofadas no chão e criar a mandala juntos, apesar das divergências e opiniões. Esse exercício possibilitou que conversassem, construíssem algo junto e trocassem ideias, onde puderam defender seus gostos e opiniões.

⁴² SARTRE, Jean Paul. História da Filosofia. O homem construtor de si mesmo. Coleção: Os pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

⁴³ SANTIAGO, A. Las artes plásticas em La escuela. Madrid, Servicio de Publicaciones Del Ministerio de Educación y Ciencia, 1977 .p.173







Amassando a massa

Este seria o nosso primeiro encontro com a argila ou massa cerâmica, na sua mais pura essência, com a terra.

“Este es el movimiento perpetuo: ‘Cambiar la Tierra em Agua; el Agua em Aire; y el Aire em Fuego’. El Cosmopolita, 1671.”⁴²

Para este dia, Ana Helena realizou exercício corporal em dupla e em grupos, onde cada grupo modelaria um amigo. Gostaram muito de modelar o colega e ser modelado. A ideia de construir esculturas humanas foi um deslocamento da forma habitual de pensar uma escultura, de modelar formas com gestos e movimentos. Eles se divertiram muito, participaram com intensidade, riram e se concentraram no exercício com veemência.

Visitamos o ateliê de cerâmica do Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP. Os olhares curiosos, as expressões pensativas, o estar neste outro lugar e observar outras formas de existir eram novidade. Silêncio e muita atenção era o que podíamos observar.

As crianças conheceram o Donizete, técnico em cerâmica do Departamento de Artes Plásticas, responsável pelo ateliê de cerâmica, coordenado pela professora Norma Grinberg. Ele conversou com as crianças sobre os instrumentos que iam usar, fez algumas demonstrações, deixando-as tocar, mexer na argila, experimentar,

⁴² CHITI, J. F. Curso prático de cerâmica. Tomo 1, Argentina, Ediciones Condorhuasi, 1969-1988, p.263



perguntar, explorar o que quisessem. Puderam acompanhar também o trabalho de alunas da graduação. Fizemos perguntas sobre as peças que viram prontas na mesa e sobre os fornos.

Depois, voltamos para o ateliê. Era nosso primeiro contato com a argila. Para nos familiarizarmos com a massa cerâmica, pegamos a argila, amassamos, sentimos a textura, fizemos bolinhas e potinhos na palma da mão, pressionando o polegar. Depois fizemos rolinhos e aprendemos a fazer “costuras”, unir uma parte na outra para não soltar... A partir daí cada um fez o seu próprio pote. *

*“Pero la vida surgió de un pedacito de arcilla, y nunca dejaremos de nacer porque la muerte es mentira. La mitología indígena mexicana refiere el origen de la vida como un asombro, un descubrir. Descubramos, pues. Quitemos los siete velos. Que aparezca el Arte, el amor. La fusión, el amor. El estrato corporal, el amor. La Nada, el amor. Sentémonos en el centro de la Pirámide amarilla. Donde no llega el daño. Sólo una vasijita, humana. Adelante.”*⁴⁵

* Estes exercícios foram propostos pela professora Norma Grinberg.⁴⁶



⁴⁵ Ibid - p.5

⁴⁶ Estes exercícios foram propostos pela professora Norma Grinberg.

Lugar com Arco e casa do João de Barro

Neste encontro mostramos o site do “Espaço Norma Grinberg” para que as crianças conhecessem algumas obras da artista, professora do ateliê de cerâmica do Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP, que eles haviam conhecido na aula anterior.

Em seguida fomos conhecer a obra “Lugar com Arco”, na Universidade de São Paulo. Andamos ao redor do arco, passamos por dentro dele. Perguntei como se sentiam próximos do arco, responderam que se sentiam pequenos e que o arco era enorme. Imaginamos e dialogamos sobre como aquele arco fora construído. O Ian perguntou sobre a parte ao lado do arco, observaram e perceberam que parecia que essa parte havia se soltado do arco. O Ayao foi atrás dessa parte e empurrava tentando encaixá-la. Amanda comentou: quantos sacos de argila ela usou?

Pri e Lolita correram para ver o arco de longe. Comentaram: “agora ele ficou pequenininho”.

Depois caminhamos até a praça do relógio, no caminho fomos conversando sobre o arco, alguém disse: “acho que ela pensou em biscoitos pra fazer aquele arco”. Ao chegarmos à praça vimos a casa do João de Barro numa árvore, imediatamente alguém comentou: “ahhhh ela tirou a idéia daqui!” Conversamos sobre como o João de Barro constrói a casinha com seu bico. Alguém exclamou: “olha o João de Barro ali!”



Retornamos para o ateliê, abrimos placas de argila e continuamos fazendo potinhos, pratinhos e espirais com rolinhos. As crianças estavam muito concentradas com os próprios trabalhos, algumas já ousavam criar alguns formatos diferentes.

No próximo sábado faríamos uma visita ao Espaço Norma Grinberg, lá as crianças entrevistariam a artista e mais dois ceramistas que estavam expondo suas obras no Espaço. Reunimos as crianças que elaboraram algumas perguntas para fazerem à ceramista.





Conversa com artistas no Espaço Norma Grinberg

Nos dias 27 e 28 de março o Espaço Norma Grinberg estava inserido no circuito “9ª Arte da Vila”. O Espaço estava expondo obras dos artistas: Alberto Cídraes, Silvia Tagusagawa e Megumi.

Assim que chegaram ao Espaço, algumas crianças começaram a tirar fotos com câmeras e celulares. Queriam fotografar tudo. Ficaram encantadas com o lugar. Todos gostaram muito da fonte, ficaram muito tempo conversando perto dela, foi unanimidade.

A professora Norma apresentou os artistas convidados: Alberto Cídraes do “Atelier do Antigo Matadouro”, arquiteto, design e artista plástico e Silvia Tagusagawa, artista plástica, mestra em Poéticas Visuais, pela ECA/USP, premiada recentemente na Europa; em seguida iniciamos uma conversa com as crianças.

Margarete: “Na aula passada conhecemos o monumento: ‘Lugar com Arco’”. O Ian tentou até encaixar uma parte do Arco que fica ao lado.

Ana Helena: “Ian, você viu aqui alguma coisa parecida com o que nós vimos lá?”

Luca: “Vi, tem um monte ali, aqui, quebrado também.”

Norma: “Foi assim que nasceu aquele Arco, aquele monumento. Eu comecei a fazer vários arcos. Primeiro fiz os humanóides, depois de um tempo eu pensei: ‘poxa vida eles ficam todos deitados nas gavetas, pois eram corpos de prova. O que é corpo de prova? É um

pedaço de argila que a gente queima, vira cerâmica, depois a gente esmalta, faz outras queimas, interfere sobre esses corpos, ao invés de fazer os corpos de prova eu fazia os humanóides. Eu pensei, eles precisam morar em algum lugar, precisam ter seus ninhos.’ Foi assim que nasceu a idéia. Nessa época fui para Europa, estive lá na Hungria, foi muito forte minha experiência lá, estavam vivendo uma mudança muito grande, lá tem muitas construções com arcos, são construções antigas do império húngaro. Fiquei fascinada com esses arcos. Aqui no Novo Mundo nós não conhecemos. Conhecemos mais construções como paredes, muros, que outras civilizações fizeram e os invasores construíram em cima. Não é o caso do Brasil, mas é o caso do México e do Peru, dessas cidades e países que tiveram um desenvolvimento maior de culturas indígenas, os maias, os astecas, os toltecas, eles tinham mais construções, não aproveitavam a pedra para outra construção e foi isso que eu conheci. Essas construções me fascinaram tanto que falei: ‘vou fazer umas moradas’, aí comecei a fazer essas construções, esses arcos, esses totens. Comecei esses arcos que geraram aquele monumento que está na USP.”

Ayao: “Qual foi o seu primeiro arco?”

Norma: “Meu primeiro arco foi esse aqui, por isso que eu preservo.”

Ayao: “Diferente desse aqui, porque ele é de pedra.”

Norma: “É pedra porque o barro depois que queima vira pedra entendeu? Tem uma poesia do Cabral de Melo Neto que diz que o barro depois que entra nas grandes atmosferas de queima ele volta a ser o que era, ele volta a ser pedra.”

Berenice: “Mas os humanóides não cabem dentro do arco.”

Ayao: “Naquele lá na USP cabe um monte.”

Norma: “Esses aqui são pequenos, na exposição que eu fiz também cabiam.”

Pri: “Aquele lá cabe.”

Norma: “É que esses aqui são os ensaios.”

Ayao: “São os treinos.”

Norma: “Os treinos que já são, pois, existem por si só. Não pensei assim, vou fazer um monumento e um protótipo, eu fui fazendo aí depois é que veio a ideia e o convite para transformar no monumento.”

Berenice: “Quais são os principais materiais que você utiliza?”

Norma: “Basicamente a argila, sabe aquele barro que gruda no pé da gente?”

Ayao: “E é difícil de sair?”

Norma: “É o melhor, não para o nosso sapato (risos), mas para o trabalho é. Os materiais têm vários usos. A argila é o material básico, aí misturamos argila com outros minerais, porque a cerâmica é a mescla de minerais. Você mescla os minerais e tem essa massa gostosa que vocês trabalham. Não é só barro, tem argila, tem

um pouco de caulim, de calcário, são várias pedras”.

Alberto: “Água”.

Norma: “Sem água é impossível, tem que por água porque é um pó, como é que você vai modelar o pó sem água? Não dá”.

Ayao: “É impossível”.

Norma: “Você põe a água para que fique flexível, maleável e vocês possam trabalhar”.

Alberto: “Posso falar mais sobre a argila?”

Norma: “Por favor”.

Alberto: “A argila é formada por palhetas, plaquinhas microscópicas que não dão para ver e elas deslizam umas sobre as outras. Sabem o que é plasticidade do barro? É o que faz com que o barro seja maleável, a água é o lubrificante que faz umas deslizarem sobre as outras, por isso que ela tem plasticidade”.

Norma: “Todo mineral que eu colocar água vai ficar assim plástico? Não, isso é uma característica da argila. A argila tem essas plaquetas, com água elas se esbarram e fica aquela coisa gostosa de trabalhar, você aperta e ela se deixa apertar, você desloca, faz um furo, faz os rolinhos, vai construindo um pote, pode usar em casa”.

Ayao: “A primeira aula”.

Natália: “Qual é o tipo de trabalho que você mais gosta de fazer?”.

Norma: “Eu gosto de criar, sempre estou inventando, não somente obras. Sabe a criação, você vê alguma coisa e diz ‘que legal’, você tem uma ideia, é o que eu



mais gosto: fazer, concretizar. Porque a gente tem muitos sonhos, é bom ter sonhos, mas eles não viram realidade por si só, eles viram realidade porque a gente acredita neles e constrói, isso é o que eu mais gosto, criar coisas novas”.

Pri: “A quantos anos você é artista?”

Norma: “Você nem tinha nascido ainda, talvez a mãe, eu me formei em 74”.

Natália: “Por que vocês quiseram ser artistas?”

Silvia: “Quando era pequena eu gostava de representar o mundo. Não tem explicação lógica, com o caminhar eu queria representar algo. Achava fascinante a transformação da terra crua. Tinha muita curiosidade. Isso me levou a cerâmica: uma busca. Faço com paixão. Você gosta, você ama e quando conclui você fala: ‘que máximo, que legal!’ Não importa se você é médico, artista, você vai estar feliz”.

Alberto: “Minha família e a sociedade a minha volta mostravam uma visão do mundo. Eu era rebelde, queria um mundo diferente do mundo dos adultos. Me expressar por desenhos me fazia construir esse mundo”.

Norma: “Tive contato com dança e era um grande prazer criar. Minha mãe queria que eu fosse enfermeira ou professora de línguas, achava que assim viajaria o mundo inteiro. Só espanhol eu falo bem, minha língua primeira. Fui para as artes. Quando estava na faculdade, tinha aulas pela manhã, a tarde ia para o meu ateliê escondido, uma sala que meu primo me ajudou

a alugar, dizia para minha mãe que ficava na faculdade o dia todo e lá comecei a trabalhar. Era desenho de cerâmica. Até que a cerâmica se sustenta por si mesma. Tenho duas filhas, uma é atriz, cantora e pedagoga, colega da Ana e a outra é médica. O artista tem versatilidade, atua, canta, é a paixão que suplanta qualquer imposição externa”.

Alberto: “Será que a gente pode dizer que fazer arte é ser rebelde?”

Silvia: “Nós ficamos felizes, extremamente felizes”.

Mãe da Mayra: “Vocês sempre ficam felizes com o que produzem?”

Silvia: “Tem um processo, não é só inspiração”.

Alberto: “Dez por cento é inspiração e noventa por cento é trabalho”.

Natália: “De onde vem essa inspiração?”

Alberto: “De dentro de nós. Dentro de nós há um universo”.

Silvia: “Às vezes vem de experiências que você tem, você pode estar no trânsito e ter uma ideia”.

Norma: “De uma leitura, de uma poesia, uma história, um livro, o desejo de tornar essa história a sua verdade. Um canta, dança, desenha, modela. No trabalho uma forma leva a outra. Primeiro: desejar fazer algo, não em palavras, mas um trabalho visual, uma maneira de se colocar no mundo. O que vc mais gosta de fazer? (Perguntou para Letícia)”.

Natália: “Não sei”.

Norma: “Alguma coisa”.

Natália: “Desenhar trabalhos demorados”.

Norma: “Então é isso, se você gosta, tem um trabalho, uma expressão”.

Fomos conhecer o espaço do ateliê, onde Norma trabalha.

Norma: “Todos os trabalhos nessa prateleira são experimentais”.

Mãe da Marie Claire: “Você sempre sabe o que vai fazer?”

Norma: “Às vezes tem um projeto e aí é fechado”.

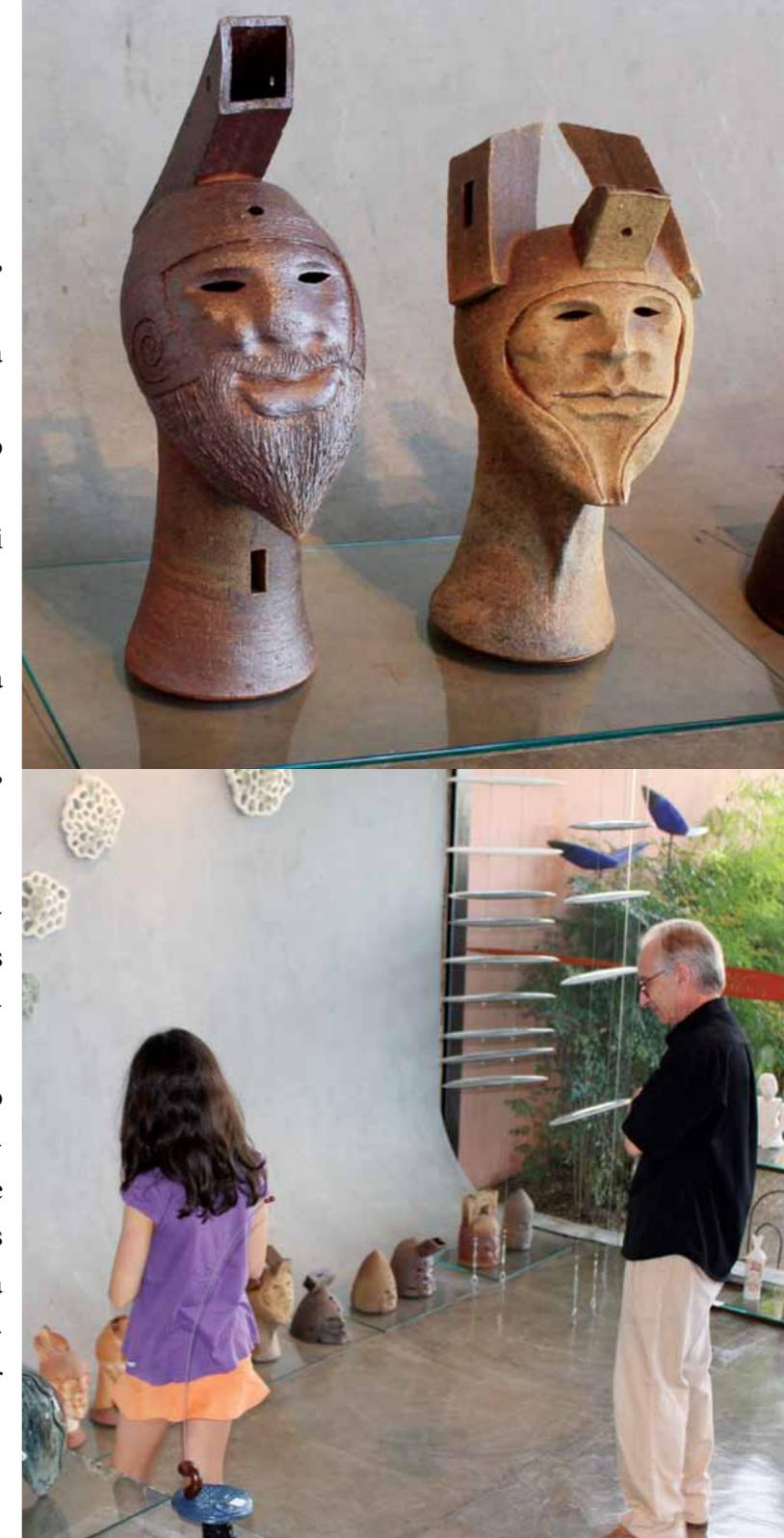
Mãe da Marie Claire: “Tem uma técnica que você usa mais?”

Norma: “Eu uso um molde, aí faço intervenções, alguns módulos eu já trabalho há muito tempo”.

Rosângela: “Você ainda vai no ateliê escondido?”

Norma: “Não. O ateliê agora é esse aqui que eu construí. Ateliê é um lugar, uma sala, onde você coloca os seus pertences. Eu sonhei com esse ateliê e virou realidade, é como eu sempre sonhei”.

Os artistas continuaram no espaço conversando individualmente com as crianças sobre as obras. Berenice gostou muito das “cabeças” feitas pelo Alberto e ficou falando com ele. Disse sobre os outros trabalhos “não tem muita ideia, são parecidos, repetem sempre a mesma forma, ele (Alberto) não, ele faz cabeças diferentes”. A criança demonstrou apreciação estética por meio do gosto pessoal.





A descoberta

A Ana Helena preparou um ambiente especial com lindas mantas no chão, onde as crianças se acomodaram, a princípio fizeram vários movimentos corporais acompanhando o ritmo da música.

Até os alunos quando chegam atrasados, o que é comum com o trânsito da cidade de São Paulo, ao deparar com esse ambiente, entram em silêncio, tiram os sapatos e já se posicionam. Algumas crianças em alguns momentos não quiseram participar ficando sentadas observando.

Conversamos sobre a visita ao ateliê da Norma, a obra que as crianças mais gostaram foi “a fonte”. Berenice gostou das “cabeças blindadas” do ceramista Alberto Cídraes. Várias crianças contaram que gostaram do “ateliê escondido”. O Vini ficou encantado com a colocação das obras no lugar, a disposição do espaço e o fato de ser construído para expor.

Depois sentamos no chão e modelamos com os olhos fechados, ao som de música, sentindo a argila, projetando com as mãos um sentir-pensar. Depois abrimos os olhos e modelamos observando. Alguns preferiram continuar modelando com os olhos fechados.

Essa aula ajuda a se desprender, a se soltar, a perceber que são capazes de fazer com as mãos, mesmo sem olhar, exercitam outra percepção. Alguns preferiram

⁴⁷ * Faz-se necessário uma pesquisa que estude as formas de aquecimento para ateliê.

continuar produzindo no chão, outros preferiram ir para as mesas. Essa variedade de opções ajuda a criança a encontrar o seu melhor espaço. Algumas ficam em grupos, outras preferem trabalhar sozinhas.

Nessa aula as crianças foram convidadas a inventar e modelar as peças em massa cerâmica que desejassem.

“O que me excita quando trabalho é isto aqui, esta manchinha branca no chão. Há quem prefira que lhe leiam poemas, textos, sei lá o que mais. Para mim, essas coisas estão absolutamente descartadas. É esta mancha branca que faz para mim o papel de estimulante, de incitador: este vermelho e este preto. Retiro esta lajota e pronto. É um ponto de partida.” Miró

O Donizete esteve no ateliê observando os trabalhos das crianças, ensinou-as a fazerem cabelos de argila com uma peneira, algumas crianças ficaram muito empolgadas, como a Lolita e a Izabelha. Ele também levou um molde de silicone de flor, que as meninas adoraram. As crianças que não foram ao Espaço Norma Grinberg foram as que preferiram trabalhar com os moldes, depois outras também quiseram fazer flores. Observei que o contato com as obras e o diálogo com os artistas foi um estímulo para que as crianças produzissem os seus objetos de afeto.

Ayao fez o dinossauro rapidamente, num impulso só, o desenho já estava gravado no seu interior e apenas desabrochou, foi transportado para a argila. Nota-se



no desenho a habilidade com as linhas, a argila lhe possibilitou modelar esse desenho criando um baixo relevo, com ondulações e incisões precisas. Berenice fez uma cabeça.

*“Movimento para ele em primeiro lugar, automovimentação – ‘movimento a partir do próprio ser’, como dizia – , ‘realização do ímpeto’, ‘força de impulsão’, ‘energia’ inesgotável em sua existência e em suas conseqüências: o ‘fato primordial’ e o ‘começo’ de todas as coisas.”*⁴⁸

⁴⁸ KLEE, Paul. Sobre arte moderna. Paul Klee, Rio de Janeiro, 2001. p.10



Modelagem ao ar livre

Neste encontro, as primeiras peças modeladas foram levadas pelas próprias crianças para o forno. Modelar a peça, vê-la secar e depois colocá-la no forno, é um processo no qual a criança participa do todo. Vivencia um tempo de espera, de expectativa, o próximo encontro sempre será melhor, pois algo novo vai acontecer.

*La invención del proceso de la cerámica (modelado y conformación de la arcilla plástica, secado y luego cocción en el fuego para transformar la arcilla en una vasija) se pierde en la noche de los tiempos. (...) todas ellas nos dicen mucho acerca de la naturaleza de la sociedad en la que fueron hechas.*⁴⁹

O Donizete explicou-lhes que as peças ficariam dois dias no forno até queimar e depois esfria-las até que fossem retiradas, o forno iria a uma temperatura de 1000 graus. Para as crianças tudo era novidade, por isso prestavam muita atenção.

Contei para as crianças um pouco da história da cerâmica, mostrei-lhes trabalhos diversos.

Las cualidades de la arcilla plástica, que la hacen inmediatamente atractiva a los niños, fueran probablemente las mismas que atrajeron a los pueblos primitivos, quienes, en lo que podemos saber, conformaron vasijas sencillas y modelaron figuritas. (....) A diferencia de otros materiales tales como la madera o

⁴⁹ COOPER, Emmanuel. Historia de La cerámica. Espanha. Ediciones CEAC, 1981-1987. 1981-1987, p.11

⁵⁰ Ibid p. 12

*el marfil, la arcilla no impone por sí misma ninguna restricción a las figuras que pueden hacerse con ella.*⁵⁰

Um dos artistas mais conhecidos das crianças é Picasso, por isso levei algumas imagens das peças cerâmicas feitas por ele.

Mostrei, nos livros, trabalhos do ceramista Brenand, do mestre Vitalino e das figureiras de Taubaté.

Vitalino fez as duas coisas. Nascido Vitalino Pereira dos Santos em 10 de julho de 1909, em Caruaru – PE, desde os 6 anos de idade, brincando com as sobras de barro das cerâmicas utilitárias feitas por sua família de louceiros, fazendo vaquinhas, panelinhas e outros



*animais, até criar sua banda de pífanos em 1924, o Mestre mostrou-se um criador integrado às coisas de sua cultura regional, tornando-se conhecido e reconhecido em todo o mundo.*⁵¹

Sobre as figureiras de Taubaté:

*Em princípio, eram presépios de barro. Do menininho, dos santos, dos bois e vaquinhas, as figurinhas foram ganhando outras utilizações e passaram a espelhar o cotidiano.(...) Na realidade, essa arte figurativa surgiu na região desde o início da colonização, irradiando-se no Vale a partir do Convento de Santa Clara onde, desde o século XVII, os frades estimulavam a população a fazer presépios de barro.*⁵²

Sobre as bonecas criadas pela família de dona Izabel:

*Na família de dona Isabel, hoje três gerações trabalham se esculpindo, transportando para o barro as feições das muitas noivas e noivos, casais de namorados, e mãe que amamenta, a moça da janela, o barbudo de cara brava, a jovem de queixo erguido – “metida” como diz quem a vê.*⁵³

Mostrei-lhes livros sobre cerâmica, livros de história, de técnicas, as crianças puderam manuseá-los.

Contei que os índios apertavam o sabugo de milho

⁵¹ BRAGA, Robério, Artes do Brasil. São Paulo. Imagem Data, 1999, p. 116.

⁵² BRAGA, Robério, Artes do Brasil. São Paulo. Imagem Data, 1999, p.9.

⁵³ Ibid p. 70.

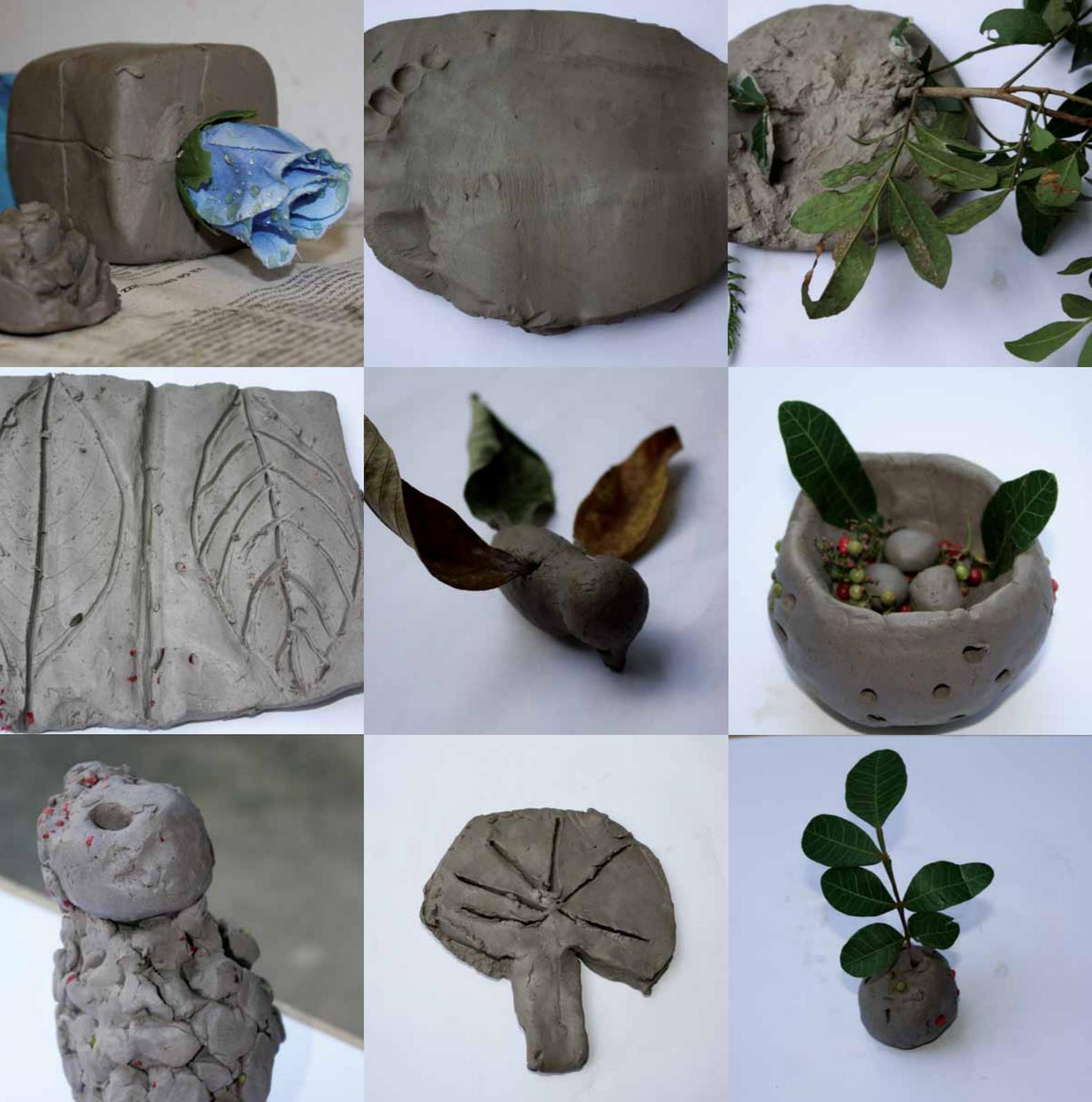


na argila para criar texturas. Mostrei no livro alguns carimbos criados manualmente para imprimir texturas também. Fiz uma demonstração com objetos simples do cotidiano que podemos usar para pressionar sobre a argila e criar texturas.

Em seguida, pegamos os materiais e fomos modelar o ar livre.

“A empatia significa deslizar com o nosso próprio sentimento para uma estrutura dinâmica de um objecto, um pilar, um cristal ou o ramo de uma árvore, ou mesmo um animal ou um homem, e como se fôssemos descrevê-lo de dentro, compreender a formação e movimentação (Vewegtheit) do objecto com as per-





cepções dos próprios músculos: significa “transportar-mo-nos” para dentro dele”.⁵⁴

Fizeram impressão de folhas, cascas de árvore, gravetos, pés, tênis.

“Para mim, um talinho de capim tem mais importância do que uma grande árvore; uma pedrinha, mais do que uma montanha; uma libelulazinha, tanta quanto uma águia.” Miró,

Henri Focillon, o único que se aventurou pelo campo da estética essencial, sugeriu que a própria vida é criadora de formas e realmente não há distinção entre a vida e a arte, nessa questão. A vida é forma, e a forma é a modalidade de vida. As relações que unem as formas na natureza não podem ser meramente ocasionais, e o que chamamos de “vida natural” é, na verdade, uma relação entre formas tão inexorável que sem ela essa vida natural não poderia existir. Assim também na arte. As relações formais interiores da obra de arte e entre diferentes obras de arte constituem uma ordem para a totalidade do universo e uma metáfora dessa totalidade.”⁵⁵

⁵⁴ READ, Herbert. Educação pela Arte. p. 34.

⁵⁵ READ, Herbert. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1965-1981, p. 7

Modelando o que observo

Ana Helena organizou uma gostosa roda de conversa ao ar livre. Propusemos criar um trabalho coletivo, além dos individuais que já estávamos fazendo.

Algumas sugestões que surgiram na roda:

Berenice: Eu voto no trabalho individual.

Paquita: Fran: Um trabalho coletivo gigante e abstrato.

Jubislene: Acho que os dois.

Marie Claire: Fazer uma placa bem grande e colocar todos os nomes e 2010 no meio.

Rosângela: Cada um faz um abstrato e depois junta tudo.

Pri: Cada um faz a pegada do seu pé.

Amanda: Um 2010 grande que caiba coladas as peças individuais, como pegadas e rosinhas.

Marie Claire: Colocar os nomes e a palavra arte, arte, arte, e o 2010.

Ana Luiza: Fazer suas marcas.

Paquita: Cada um faz um e soma.

Rosângela: Cada um faz uma parte.

Lolita: Fazer uma cidade.

As crianças começaram a dar sugestões e inicialmente formularam três projetos. O primeiro consistia em fazer um trabalho abstrato, cada um faria uma parte e depois uniram essas partes formando um trabalho único, o segundo em criar um trabalho com os nomes de todos e o ano de 2010, para que as pessoas soubessem que tinha sido feito nesse ano, e o terceiro era fazer

várias rosinhas com os moldes e com essas rosinhas criar uma forma. Ana Helena sugeriu que pensássemos em casa para conversarmos e concluirmos o projeto na próxima aula.

Na aula anterior havíamos colocado os trabalhos no forno para queima, portanto nessa aula eles já estavam biscoitados. Todos estavam curiosos para saber se nenhum trabalho tinha rachado ou quebrado. As crianças modelam muito bem e nenhum se perdeu. Todos estavam felizes. Depois, com o manuseio, o pescoço do dinossauro do Ayao soltou, ele ficou bastante chateado e queria entender porque os outros dois não tinham quebrado. Perguntei como ele havia feito e percebemos juntos que ele não tinha passado a cola (barbotina com silicato), só tinha apertado as massas, o pescoço também era fino em relação ao tamanho da cabeça e ficamos conversando. Era a primeira frustração no embate com a matéria, várias vezes ele voltava e me perguntava o porque do acontecido. Perguntou se tinha conserto e respondi que poderíamos passar o engobe, biscoitar novamente, queimar e depois de pronto passaríamos uma cola.

Na segunda parte da aula pintamos com engobe (argila líquida misturada com óxidos) nas peças biscoitadas. O engobe tem uma particularidade, a sua cor muda depois da queima, tivemos então que prestar bastante atenção aos nomes das cores, sem iludir-nos com as cores naquele momento, muitas vezes bastante



diversas. Donizete ensinou as crianças a depositarem o engobe sobre a peça biscoitada.

Sugeri, na medida em que cada criança terminava de passar o engobe na sua peça e a colocava na prateleira, fazer um exercício de “modelagem de observação”: escolher alguma coisa, observar e modelar. As crianças pegavam argila, escolhiam um lugar, todas preferiram ficar ao ar livre, e modelavam. As crianças formaram dois grupos por afinidade para modelar. Conversavam enquanto modelavam.



A Bia modelou o prédio do Departamento de Artes Plásticas. Observem os detalhes da escada.

A Amanda começou a modelar o prédio e lembrou do condomínio onde mora, então resolveu modelar sua casa. A escolha foi nesse caso de ordem afetiva.

A Lara modelou um vulcão em erupção, representando o vulcão da Islândia, geleira Eyjafjallajokull, na época, bastante divulgado na mídia.

Jubislene modelou uma mão com relógio no pulso.

A Lolita preferiu abrir uma placa e desenhar flores, contou que tinha visto no ateliê de cerâmica, onde trabalham os alunos da graduação, uma “placa muito trabalhada”, que a inspirou a fazer uma placa também. Na aula anterior, quando fomos colocar as peças no forno, Lolita ficou observando a aluna colocar a massa cerâmica na plaqueira, a textura do pano fica na argila, o que agradou Lolita. Ela colocou sua placa num pano manualmente e também imprimiu uma textura. O Ayao e a Ana Luiza também continuaram fazendo trabalhos bidimensionais, planos. Cada criança tem um processo peculiar e o seu próprio tempo. A partir da proposta cada criança fez o que para ela fazia sentido.

*Nada pode ser apressado. É preciso que cresça que desabroche – e se chegar o tempo de tal obra, melhor!*⁵⁶

⁵⁶ Klee, Paul. Sobre a arte moderna e outros ensaios, Rio de Janeiro, Zahar, 1987. p.44.

Trabalhando com o torno

Visitamos o sitio na internet de Francisco Brenand e o Museu do Mestre Vitalino. As imagens de artistas e obras vão sendo incluídas às aulas, de forma gradual, por meio de livros, internet, enriquecendo nossas conversas sobre o trabalho com argila, propiciando diálogo com as obras, alimentando-as esteticamente.

(...) la composición tridimensional, por muy efectiva que sea nuestra observación, fracasa si no nos lleva a explorar sus relaciones variables. Este es un problema difícil. La sensibilidad y la comprensión que hemos estado desarrollando deben extenderse a este nuevo sistema de relaciones. Por esta razón, el caballete del escultor es giratorio. Hace girar continuamente su composición mientras trabaja. La estudia desde todos los ángulos. Cada plano y contorno tiene un nuevo valor y expresión al cambiar su relación con respecto a él o la de él con respecto a la obra. Scott, Robert Giullam, Fundamentos del diseño, Editorial Victor Leru S.A., Argentina, 1958 – 1979, p.139.⁵⁷

Nesta aula as crianças conheceram o torno manual e as que estavam fazendo trabalhos tridimensionais puderam utilizá-los para observar de todos os ângulos e trabalhar a partir desta perspectiva.

⁵⁷ Scott, Robert Giullam, Fundamentos del diseño, Editorial Victor Leru S.A., Argentina, 1958- 1979, p.139.



Visita ao MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

O ensino de arte em museus constitui um componente essencial para a arte-educação: a descoberta de que a arte é conhecimento. A arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura. Por meio dessa prática educativa em museus podem ser reveladas diversas formas de expressão artística que contem muitas das maiores idéias (sic) da cultura universal, cujos significados de arte são contribuições relevantes para a sociedade.(...) A arte proporciona um registro da civilização por meio da abordagem das idéias artísticas essenciais e das expressões que serviram para celebrar e continuar a refletir a alegria de viver.

A princípio sugeri que observássemos alguns trabalhos importantes em cerâmica, todos juntos, e depois cada um circularia a vontade pelo museu. Mas as crianças começaram a olhar o que lhes chamava mais atenção e se dispersaram, deixei-as à vontade e depois fui conversando com grupos sobre as peças e respondendo as perguntas quando me chamavam. Gostaram muito de abrir as gavetas do museu, onde há obras dos índios Carajás, comentaram durante o percurso.

Disponibilizei material de desenho para que as crian-



ças que desejassem pudessem desenhar os objetos preferidos. O Ayao, por exemplo, que gosta muito de desenhar preferiu só observar os trabalhos e não quis desenhar. Quando lhe perguntei o que ele mais havia gostado, respondeu: “o Egito, é claro!”



Modelando o mundo dos sonhos

As alunas e amigas Izabelha e Amanda acabaram seus trabalhos, então começaram a fazer o globo (um trabalho coletivo). Utilizamos para este trabalho um molde de gesso, cedido pelo Donizete.

Conforme as crianças terminavam seus trabalhos, começavam a fazer as partes que seriam agregadas ao globo.





Modelando o mundo imaginário

Nesta aula, continuaram o trabalho coletivo e completavam trabalhos individuais, pintando ou dando acabamento.

Nas últimas aulas abdicamos da prática do aquecimento para ganharmos mais tempo para modelarmos. Porém, percebemos que nestas aulas algumas crianças ficaram mais agitadas, dispersavam-se e demorávamos mais para reunirmos o grupo, conversarmos e darmos início às aulas. As crianças que chegavam atrasadas, por causa do trânsito de São Paulo (insuportável nesses dias) demoravam mais para iniciar o trabalho, ao passo que quando fazíamos o aquecimento não, posicionava-se junto aos colegas e entrava no clima do ateliê. Enfim, o tempo que queríamos ganhar na verdade estávamos desperdiçando. A partir desta aula voltamos então a realizar o aquecimento e realmente ele deu ritmo ao desenvolvimento do ateliê. Algumas crianças não gostam de fazer os movimentos, o que é respeitado, pois ninguém é obrigado a participar, mas a maioria gosta bastante.

Nesta aula Ana Helena trouxe instrumentos de percussão e tocou para as crianças, criando movimentos que acompanhavam o ritmo da música.

Como não havia tempo hábil para queimar o globo e depois biscoitar, passamos o engobe no globo, cuja massa cerâmica ainda estava crua para depois fazermos uma única queima.

Crazy Land

Colocamos todos os objetos modelados pelas crianças na mesa e o globo, para então fazermos uma leitura dos trabalhos. Pedi que as crianças agrupassem as formas que elas achavam “fechadas”.

Ciertas composiciones plásticas parecen estar contenidas dentro de un simple volumen de encierro, generalmente de orden geométrico. Llamamos a esto una envoltura formal: todo ocurre dentro de ella, nada se proyecta hacia el exterior.⁵⁹

Depois pedi que agrupassem as formas que eram abertas.

La forma abierta es la antítesis de la precedente. Aquí el factor de control no es un volumen envolvente, sino un núcleo central que puede o no estar expresado. La fuerza y el movimiento de los elementos se acercan o se alejan de él. El esquema característico tiene mucho más en común con las formas de desarrollo de la naturaleza. Tales formas no están aisladas del espacio que las rodea. Lo penetran. Es con frecuencia difícil decir dónde se detiene su actividad. La separación entre lo interior y lo exterior es menos evidente. Ambos tienden a estar tan estrechamente relacionados que resulta arbitrario decir que uno es exterior y el otro, interior.⁶⁰



⁵⁹ Ibid, p.143.

⁶⁰ Ibid, p.144.

Algumas crianças falaram sobre as partes que fizeram para o globo:

Rosângela: Eu fiz o meu planeta imaginário.

Marie Claire: Eu fiz o robô, a esteira, por aqui sai o *sundae*. Depois fiz outra máquina de *sundae* com a Paquita e a Pampa, duas máquinas de *sundae* para as pessoas não morrerem de fome. Dentro do mundo precisa ter um ser vivo, aí eu esse ser imaginário, uma menina, o planeta precisa ter moradores e fiz a boca grande para engolir CDs para tocar música.

Posso falar também das minhas outras peças? Bem, eu fiz essa peça como se fosse uma bala de flores, por dentro tem gosto de baunilha. Fiz uma cratera inclinada cheia de furinhos, pintei de azul noite e azul claro, azul dia, e a Paquita esmalto com esmalte brilhante para mim, eu faltei no dia. Fiz um vaso tecnológico, a gente coloca a terra aqui dentro, coloca a sementinha nesse buraco, rega no outro buraco, esse maior, coloca uma tampa e a planta sai por aqui. Gosto de criar animais, criei esse animal que só tem dois olhos para colocar os fones para ouvir música.”

Pri: Escolhi fazer um cinema porque é legal, as pessoas podem assistir os filmes.

Mainá: Fiz um passarinho, para ter um animal no planeta, e um “M” de Mainá e de mundo.

Izabelha: Fiz uma tartaruga, que está dentro da cerca e uma coruja.

Natália: Fiz o 2010, como uma marca para as pessoas

quando olharem para saberem que foi feito em 2010.

Lara: Eu gostei do pingüim.

Pampa: Fiz o prédio parecido com um telefone, a gente ia fazer um condomínio, mas só deu pra fazer um prédio..

Ana Luiza: Fiz uma árvore, porque eu quero um mundo melhor, com mais árvores também fiz uma menina.

Jubislene: Fiz junto com a Paquita, primeiro tinha pensado numa ponte, aí da ponte resolvi colocar um relógio.

Paquita: Porque quando a gente ta andando é legal saber as horas.

Pampa: Ou a magia do seu vestido pode acabar.

Jubislene: Percebi que se fosse 2009 a meia noite seria 2010, então coloquei meia noite no relógio.

Ayao: Fiz a pedra, porque uma pedra é uma pedra. O dinossauro é muito grande, não dava.

No final da aula fizemos uma roda e as crianças deram sugestões de nomes para o planeta por um voto “ Mundianópolis” perdeu para o vencedor: “*Crazy Land*”

Essa foi nossa última aula.

Avaliação Final

Para avaliar e refletir sobre o trabalho realizado no ateliê, marquei uma hora com cada criança e mãe e/ou pai para conversarmos. Coloquei numa mesa fotos impressas do blog para lembrar as aulas e algumas imagens observadas nos encontros. Coloquei à disposição os próprios trabalhos também, assim ela poderia escolher um título se desejasse para exposição final. Disponibilizei para as crianças papéis, lápis de cor, giz de cera e solicitei que contassem a história do ateliê, fazendo um registro das coisas mais importantes. Essa avaliação é baseada na ideia de portfólio:

*No tema concreto da avaliação, no início dos anos 70, Eisner (1971, 1977) sugeria a possibilidade de servir-se de uma estratégia similar à empregada pela crítica no campo da arte.*⁶¹

O registro, seguindo a linha de pensamento do portfólio, porém, numa dimensão menor, permite reflexão sobre o processo vivido, possibilita a escolha de evidências a serem incluídas pelo estudante, permite uma auto-avaliação como parte do processo de formação, é criação única, faz parte da memória de aprendizagem e o título mostra o sentido do que foi feito.

Enquanto conversava com a mãe e/ou pai, a criança fazia seus registros de memória da forma que esco-

lhesse. Quando a criança terminava pedia para que me mostrasse o que havia feito e também falasse sobre os trabalhos realizados no ateliê. A idéia era que o pai falasse sobre o que quisesse a respeito da experiência da criança no ateliê, porém, fiz um roteiro caso ele não soubesse o que falar.

- Comentários da criança durante o período do ateliê.
- O que ele mais gostou e não gostou.
- O que achou da visita ao MAE.
- O que falou sobre a visita ao ateliê da ceramista Norma Grenberg.
- Notou alguma mudança nos trabalhos artísticos realizados em casa ou na escola?
- A prática artística influenciou em alguma outra área?
- Houve algum momento marcante ou fez alguma descoberta significativa?
- O que faltou no ateliê?
- Teria disponibilidade de frequentar o ateliê duas vezes por semana?
- Pedi aos pais que falassem sobre a experiência do ateliê para a criança.

⁶¹ Hernandez, Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho, Artmed, 2000, Porto Alegre.

Ana Luiza



Sua mãe disse que Ana Luiza se sentiu acolhida por todos, isso foi importante porque ela estava insegura no começo por se tratar de cerâmica, estava preocupada por nunca ter lidado com o material.

Ela (Ana) estava tranquila em relação às atividades e como isso era trabalhado, a alternância com as propostas abertas e mais fechadas, ela gostava de trabalhar no parque e o momento dirigido lhe dava segurança para descobrir o percurso dessa linguagem nova para ela.

As texturas traziam alguma coisa, ela sabia como explorar a textura em função dos elementos trabalhados antes. O fato de ter trabalhado numa aula mais direcionada deu-lhe ferramentas para que pudesse criar nas aulas abertas.

A visita ao museu e ao ateliê despertou bastante interesse das obras, quis mostrar o site para as tias, mostrou as figuras indígenas do MAE para outras pessoas. À noite em casa ela entrou no site e imprimiu as figuras para mostrar.

Na escola eles estão trabalhando com argila e ela foi explicar para a professora que precisava ir ao forno e

biscoitar. A professora fez uma roda com a classe e ela pôde compartilhar o que estava aprendendo. Ontem ela mostrou o forno à mãe, disse que a temperatura era de 1000 graus para biscoitar as peças.

Ela tinha um pouco de insegurança sobre o que falar nas rodas no começo da conversa, e um dia ela estava pensando o que falar sobre o MAE, ao longo da semana ela ia pensando no que ia falar no ateliê.

Ir ao bosque foi interessante, ela gostou muito, sua mãe disse: “A gente foi no jardim, o bosque foi legal”.

Eu perguntei para ela como tinha sido trabalhar com crianças maiores e ela falou que foi legal pois aprendeu com seus amigos. “Tinha coisa que eu não sabia aí eu perguntava depois eles me ensinavam”, disse a filha.

Em relação ao vínculo com os professores ela se sentiu bastante segura, ela sabia seus nomes, “Daniel era estagiário e Ana já tinha estudado arte”, disse a menina.

A descoberta de materiais, o trabalhar com estecas, tudo foi uma experiência diferente.

Na escola tinha trabalhado com pintura, desenho e pouco com argila, escultura era algo que ela não tinha experimentado fazer e agora ela já observa onde está o nome do autor, o título da obra, coisas que ela não percebia antes.

Ela visitava o blog e não escreveu tanto, mas funcionou para ela rever e também explicar para os outros o que estava conhecendo. É muito interessante porque ela usou essa ferramenta para mostrar o que ela fazia,

para dividir com os pais e outras pessoas.

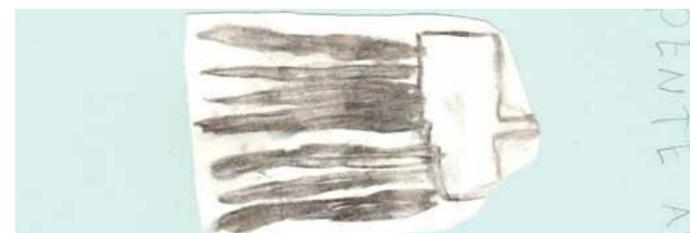
Ela viu tanto as aulas desse semestre, como os filmes do semestre passado, ela gostou e achou engraçado.

Quando ela brinca com massinha agora ela tenta reproduzir como foi trabalhado, ou até mesmo quando trabalha com argila, ela quer incorporar o que aprendeu.

As peças irem ao forno foi muito interessante, esperar para secar, o processo, a construção, reiterava sua mãe a mim.

Outro momento marcante foi fazer com os olhos fechados, usar outros sentidos que não a visão. Ela teria disponibilidade de frequentar o ateliê se fosse duas vezes por semana.

Bia



A mãe disse que ela adorou, resposta melhor do que o esperado, ficou muito empolgada com a argila, gostou muito de ir ao ateliê de cerâmica, ver o torno, o forno. Gostou de visitar o MAE. A mãe:

Ela está mais comportada, em relação a escola por estar fazendo algo fora, ajudou a se organizar, princi-

palmente o trabalho de artes, ela se interessou mais, ela não gostava de desenhar e agora ela em feito uns desenhos bonitos. Antes ela não gostava de fazer, agora faz, não reclama, se concentra, antes ela não tinha paciência, agora tem mais interesse, quer acrescentar coisas no trabalho. Ela acordava sozinha para vir. Ela reclamou dos desenhos da primeira aula, já a aula da mandala gostou por ter outras opções de materiais(...) Na escola você é obrigado a ficar preso ao que a professora pede, você não se aprofunda em nada na verdade, aqui ela pode se aprofundar mais. Acho que poderia ter mais aulas.

Acrescentou que poderia vir duas vezes por semana.

Ao ser perguntada sobre o que gostaria de fazer no próximo ateliê, respondeu: “Pintar uma tela e fazer mais cerâmica”.

Paquita e pampa

As crianças não fizeram o trabalho final porque não compareceram, conversei com a mãe.

Mãe de Pampa e Paquita:

Gostaram muito, em casa é sempre uma oficina. Amparo é a lixeira da casa, pega as coisas da rua para fazer uma produção, desde pequena, diz que tem um projeto, por exemplo, achou um catálogo de amostra de piso, descolou e fez uma colagem corpórea, que vai subindo, subindo. Pega tudo, sucata, garrafas, caixas de papelão, tudo que é lixo ela se interessa. Tem gavetas e gavetas cheia de material para pintar.

Paquita pediu o cavalete de telas pra pintar e a Pampa usa também. Fran faz uma paisagem, uma boneca, uma casa. Pampa não, ela não tem um padrão.

A escola ajuda muito e o ateliê vai na mesma linha, elas estão curtindo muito.

Elas gostam de ir para um curso na USP, falam para todos. Acordar cedo é horrível, e para o ateliê elas acordavam e iam com muito boa vontade. E 2ª-feira chegam 20h30 da noite em casa, fazem lição, jantam e na terça estão prontas para o ateliê. O curso foi super empolgante.

Percebi que elas tem uma postura mais séria com a organização de materiais, a começar e terminar, estão mais concentradas.

Contaram sobre o forno, lembrei da minha mãe que tinha uma oficina e um forno pequeno, e as palavras que elas usaram eram as mesmas, colocaram as peças no forno, a surpresa quando o objeto sai do forno, exatamente como minha mãe falava. Me trouxeram muito essa memória. Traziam muitas notícias dos alunos da faculdade, observaram muito, falaram do pessoal das artes cênicas que viram lá fora. Mas o que mais falaram foi da atividade, estavam loucas para terminar esse “mundo”, e a historia do forno e do processo. Elas gostariam muito de fazer duas vezes por semana.

NATÁLIA

No trabalho final Natália disse:

A chance de fazer este curso foi excelente para nós. Eu adorei ter essa aula de artes. A primeira visita que fizemos foi ao monumento lugar com arco. Eu achei até engraçado que um menino tentou encaixar as duas partes. Um oportunidade que eu adorei foi ir no ateliê Ada Norma. Lá conhecemos três artistas e o processo que eles seguiram. Vimos obras muito legais. O trabalho coletivo: Ame! Adorei! Gostei mais de mexer com a argila, qdo podia fazer o que queria. Prefiro trabalhar no ateliê. Trabalhos preferidos: cogumelandia e todos, arco, bonecos. Gostei mais de fazer o 2010 gigante do planeta, eu caprichei mais, lá eu fiz uma coisa coletiva, o 2010 foi uma marca deixar aqui que nós fizemos em 2010. Os potes não ficaram bem pintados, são detalhes, eu queria ter colorido o arco e os ovinhos, o Scot e o Tod eu não pinte de propósito porque são fantasmilhas.

O mundo não poder levar pra casa...

Se fosse duas vezes por semana seria mais legal, daria mais tempo. Queria continuar com a argila e ter mais tempo.

Mãe:

Animada, envolvida, ela é sempre muito criativa, ela é metódica, ela faz tudo com capricho, mas já era assim, nos trabalhos da escola, as coisas de artes ela tem compartilhado mais, ela mostrou mais nesse período, ela levou o caderno de artes para alguns lugares,

foi duas vezes para praia e levou o caderno de artes. Gostou muito do MAE, da Norma, o fato de ter falado com artista, a questão da observação, ver os detalhes, comentar. O irmão e ela fizeram a creche oeste, ela não comentava tanto com ele e lá ela comentou. Acho que ela gostaria de fazer duas vezes por semana.

AYAO



O trabalho final do Ayao foi um caderno com desenhos das aulas. Ele contou o que desenhou: a caveira que tinha no MAE, as cabeças que eu vi no ateliê da Norma, o Lugar com Arco, contruindo o dinossauro, passando e Donizete e a brincadeira que a Ana fez.

Mãe:

Ele contava o que fazia, ele gosta muito de desenhar e agora começou a gostar da argila.

Antes ele não pintava tanto os desenhos, mas agora começou a pintar, a pensar nos detalhes.

Ele gostou muito da obra da Norma, o ateliê dela ficou marcado para ele, o espaço com as obras. Ficou impressionado com as cabeças, ele gostou muito.

Hoje ele vê diferente, como no MAC por exemplo, ele consegue observar mais, antes ele não fazia isso, antes o

guarda não agüentava, porque hoje ele consegue identificar mais coisas nas obras.

Olha o que aconteceu com a minha tia, ele ficou muito admirado dela ter um quadro a 30 anos e ele viu a ovelha que ela nunca viu. Ela jogou o quadro fora, aí colocou de novo na parede, o Ian olhou e disse: mãe aí tem uma ovelha, a gente foi ver e tinha mesmo, o jeito que estava organizado, montado, quando você bate o olho você vê uma pessoa e a ovelha esta atrás. Nunca ninguém tinha reparado, a minha tia disse: ainda bem que eu peguei ele de volta.

O Ayao quer continuar desenhando e fazendo dinossauro de argila no próximo ateliê.

Ele sai mais calmo daqui, principalmente quando trabalhava com a argila, ele quer continuar só que o horário não permite.

Ele fica mais tempo com a avó e ela disse que ele está mais concentrado.

Ele gostou do quando sentaram para falar do trabalho coletivo, ele gostou da conversa ao ar livre.

Tem que pintar mais, eu falo, ele diz: “eu não gosto de pintar, tá ótimo não precisa caprichar mais.

Eu setembro vou leva-lo ao museu de dinossauros na Patagônia.

Gostaria, mas não tem disponibilidade de vir duas vezes por semana.

JANAINA



Janaina escreveu no trabalho final:

Adorei!

Engobe é uma tinta muito legal. Pintamos a cerâmica de uma cor e ao queimarmos a argila ficou de outra cor! Gostei da exposição MAE

Na exposição do MAE de arqueologia, havia cerâmicas gregas indígenas, e até obras que foram feitas mais ou menos 2 mil anos antes de Cristo! Essa foi minha aula favorita, incluindo o piquenique e o passeio ao bosque. Sobre o ateliê, havia obras muito grandes e legais de vários artistas.

A aula da casa do João de barro foi mais voltada para cerâmica. Adorei a aula! Conhecemos a tinta “engobe” e um forno que aquece a 1000 graus! Também o ateliê de vários artistas e fomos a exposições muito legais! Mas acho que se na próxima aula fosse outro tema seria bem mais legal. Assim poderemos conhecer varias outras áreas além de cerâmica.

Nesse dia, saímos e fomos fazer argila em pracinhas, na natureza. Lá vimos vários passarinhos e dentre eles, a casinha do João de Barro! Adorei o cheirinho de

mato! Fiz um boneco de argila de passarinho, com asas de folhas. Então, cada um fez uma peça (individual ou coletivo) e colamos no globo. Eu fiz um cogumelo.

Conversa com a mãe:

Mãe:

Ela vinha animada. Desde pequena ela não conseguia falar e dizia que iria desenhar. Ela gostou 50 % e eu tenho uma parcela de responsabilidade nisso, eu tinha entendido que o curso ia ter várias modalidades. Ficou forte para ela a questão da animação, como não foi isso frustrou um pouco, por isso não queria vir hoje.

Sempre que vinha, estava animada e voltava ainda mais, porque ela gosta, e pela turma, mas não trazia o entusiasmo do outro ateliê, para ela o melhor era abrir um armário e escolher o que ia ser, aqui foi só a cerâmica.

Ela se encantou com o espaço e com a possibilidade das outras coisas, a princípio não queria continuar, “se tiver eu não quero fazer”, mais depois disse que sim, falava muito pouco do ateliê em casa, é como se ela quisesse saber antes o que ia acontecer.

Antes, ela dizia: “Porque eu vou no museu e só tem coisa velha”, eu respondia “Você vai e olha, se não gostar tudo bem, mas só vai saber se for”, voltou encantada do MAE, “São coisas antigas, muito legais”, gostou do piquenique, adorou o forno, da mudança de forma e das cores.

Eu trabalho com personagens infantis e ela tem essa

expectativa da animação. A produção artística sempre foi legal, ela gosta de outras coisas, por ser da USP, tinha uma expectativa maior que a dela.

A princípio não gostava, mas quando se esforçava a participar ela vinha, fazia e gostava. No caso da Ja é prioridade ter um espaço pra ser criança, ela não tem agenda de multinacional, nós temos que encaixar.

Janaina:

Eu gosto de pintura, de desenho e de coisas diferentes. Gostei muito desse ateliê (sorriu), gostaria de vir duas vezes por semana. A aula preferida foi a do MAE, porque foi uma aula diferente, gostei do que eu vi, gostei dos animais indígenas, das gavetinhas e também do sarcófago.

Adorei fazer o cogumelo do planeta. “LOKOMELO”, pois foi muito difícil, mas o resultado foi bom, exatamente do jeito que eu queria. O carimbo fiz na natureza, queria fazer um carimbo e quando ficou pronto parecia uma cesta de frutas. Gostei da marca das bolinhas.

IZABELHA



Mãe:

Ela gostava muito e não queria faltar de jeito nenhum.

Gostava de sair, ir para os outros espaços, embaixo da árvore, adorou fazer a impressão da árvore, do tênis, do pé, ela gostou muito das impressões e das texturas.

Gostou de tudo, ela sabe cada peça que ela fez, quando fez, sabe tudo em detalhes.

Entusiasmada para ver o blog, gostava de ver o blog, mostrou as mandalas, me chamava para ver o que estavam fazendo e aprendendo.

Falava da Amanda, das amigas.

Achou o máximo fazer o aniversário lá no bosque, depois da visita ao MAE, adorou, curtiu o bosque e o piquenique de aniversário.

Ela fez o rosto de argila na escola, já queria saber se podia queimar, despertou o interesse e já queria a peça queimada para durar mais tempo. Não queria fazer só o que a professora pedia, por isso trouxe a peça para você ver se ainda podia ir para o forno. Para ela o que fez na escola não era suficiente porque ela já tinha ido além, aprendido mais. Ela quer aplicar o que aprendeu.

Gostou muito das cores dos engobes, a mudança depois da queima, o fato de não ficar da mesma cor depois de ir para o forno, a surpresa, ela adorava esse suspense e ver depois o resultado.

Gostou do efeito da queima no “locozão”, tanto que não quis passar o engobe, porque a própria queima, segundo ela pintou o trabalho. Eu me lembro, quando todos pintavam o trabalho, e ela argumentou comigo que não

pintaria, pois tinha gostado daquela cor.

Por ela o curso continuaria cada vez mais para ir se aprimorando.

Izabelha, entre o individual e o coletivo, gostou mais do coletivo.

Dos trabalhos individuais curtiu mais o Felizbelo, a cesta furada e a marca do pé e do tênis.

“O que você gostaria de fazer no próximo ateliê?”, perguntei, cuja resposta foi: “Cerâmica, mas também gosto de pintar tela”.

Se fosse duas vezes por semana poderia ser na sexta-feira.

AMANDA



Mãe:

Ela estava muito motivada e interessada. Ela queria fazer mais, queria continuar, não deixou ninguém mexer no trabalho dela quando levou para casa.

Melhorou na escola, nas notas, ela é constante não consigo perceber mudanças.

Ficou mais sensível, vendo filmes ela chora, ela entende, pergunta porque, aguçou sua sensibilidade de percepção do mundo, das histórias de vida, entende

mais a história, capta mais a mensagem, percebe mais o que vê.

Ela começou a fazer origami em casa, adora dobraduras. Infelizmente, não poderia trazer duas vezes por semana.

Amanda:

Eu gostei muito de fazer o minha casa, porque lá fora eu vi vários prédios que lembraram o meu prédio.

A idéia de fazer o “gato chinês” foi porque minha irmã fez um gatinho com papel machê e eu tentei fazer igual, fiz lá no gramado

A “mão de pintas”, eu quis fazer minha mão coloquei pintas para ficar com catapora, fiz dentro do ateliê.

Eu gostei mais de trabalhar lá fora,

Na minha casa fiz potinhos para t reinar o que a gente fez aqui.

O eu mais gostei de fazer foi o planeta.

No próximo ateliê gostaria de fazer mosaico, cerâmica e pintar com tinta.

LOLITA



Trabalho final:

Desenho da obra com textura.

Eu fiz a minha placa fora do ateliê, na grama sentada em cima da lona. A placa eu fiz com a textura do pano. No dia que eu fiz o meu “Pote furado”, a gente tinha ido mexer com argila ao ar livre (de baixo das árvores). Nessas árvores tinham sementes e eu e mais um monte de gente colocamos a semente na argila para enfeitar.

Desenho do pote furado

Nós também vimos a casa do João de Barro indo para o espaço

onde eu fiz o pote furado. No dia que eu fiz o meu “boneco de neve arrumado” eu me inspirei no Donizete, porque ele ensinou a fazer cabelo com argila Ele pega uma peneira e aperta a argila nela. Peneira fazendo cabelo com argila

Desenho do cabelo com argila

Mãe:

Ela sempre vinha com muita preguiça e voltava feliz. Ela dizia que fazia coisas diferentes que nunca tinha feito, o que ela mais comentou foi mexer com a argila, gostava da textura e fácil de trabalhar.

Ela desenha mais no livro hoje, ela tem medo do julgamento porque tem um irmão que desenha melhor, ela tem desenhado mais, ela tem gostado mais do desenho que tem feito,

Na escola tinha que desenhar um cavalo e foi um drama, eu peguei um estilizado para ela ver, ela tinha um texto e elegeu o cavalo para desenhar.

Ela quebrou a rigidez.

Semana passada tinha que criar uma historia e borrou menos, conclui com mais facilidade.

Eles tiveram aqui um contato diferente com a arte.

Eles estão numa idade que exercem uma tirania, aqui tiveram alguns conceitos que para ela simplificou a resolução do trabalho dela.

O desenho bonito é o bonito, é uma questão de padrão, o irmão tem 11 anos.

Ela levou peças de argila, foi para casa suja, ela curtiu muito o material.

Ela está sofrendo menos com a avaliação do outro. Ela tem maior satisfação com as coisas que ela escreve, arruma, faz, não precisa mais do julgamento do outro. Isso depois do curso, antes não. Ela está feliz da vida.

Faz quarenta dias que ela parou com a história de “ninguém gosta de mim”, “ninguém gosta do que eu faço”, no começo do ano era assim, achava que ela era “Maria vai com as outras”, ela está mais livres.

Ela poderia fazer duas vezes por semana, menos na 5ª, por causa do balet, ela gosta muito.

Lolita:

Gostaria de pintar em papel e tela e também continuar com a argila. O que mais gostei de fazer foi pintar o globo, mesmo que não tivesse muito engobe, pois já estava acabando.

Gostei muito do boneco de neve, da placa de flores, do prédio (inspirei na Paquita) e do pote furado, com as sementinhas que colhemos lá fora.

BERENICE



Mãe :

A Berenice gostou muito, sempre gostou muito de desenhar, ela gostou de mexer com a argila, desde a creche ela gosta de trabalho manual.

A Exposição da Norma ela achou super interessante o espaço, ela gostou muito das cabeças, ficou encantada mesmo.

Está desenhando menos, por causa da escola, mas o desenho evoluiu, tem mais detalhes. Ela gosta do traço, mais do que pintar.

As crianças fazem sem vontade, fomos no vila lobos, ela pegou as cascas de coco, descascou e começou a

trançar, fez um lindo trabalho.

Berenice:

O que eu mais gostei foi fazer minha cabeça, tive a ideia depois que eu fui lá na exposição da Norma e vi as cabeças daquele outro artista, porque a Norma fazia umas coisas muito iguais, não tinha ideia. Fiquei um pouquinho com o Daniel, depois ele só ficava com o Ian ai eu parei de ficar com ele.

Gostei do MAE, gostei dos índios. Não gostei das meninas da mesma escola que não paravam de fazer bagunça, elas não deviam nem continuar, e não gostei do aquecimento.

Mãe:

Percebi que ela está mais dedicada agora, quer aprender a cozinhar por conta própria, está mais aplicada, até musica está ouvindo mais também.

Antigamente ela achava museu chato, agora ela acha legal, foi no Portinari e gostou mais.

Berenice:

Se puder fazer natação uma vez só na semana, eu viria duas vezes e gostaria de desenhar.

O que mais gostei no ateliê foi fazer as cabeças de cerâmica, visitar o ateliê da Norma, colar as peças no globo e passar o engobe no globo.

Não quero títulos nos meus trabalhos, todos serão “sem título”

MAINÁ

Mainá



Gostaria de fazer pintura e cerâmica no próximo ateliê

No trabalho final Mainá escreveu:

Algumas coisas legais do ateliê: Modelar de olho fechado foi mais difícil, mas foi legal, adorei a boneca do mestre Vitalino. *Fomos todos juntos visitar uma obra dentro da USP (Arco).*

Ultimo trabalho: Crazy Land

1º passo: modelar

2º passo: começar a pintar

3º passo: terminar de pintar

4º passo: está pronto

Comentários finais:

O trabalho que ela mais gostou de fazer foi “o mundo”.

Uma peça verde e azul não gostou do resultado, não ficou como ela queria

Gostou da placa passou esmalte brilhante.

Títulos que Mainá escolheu para seus trabalhos:

Carimbo com folhas

Cores do Brasil

Dentro e fora

Mainá

Mãe :

Acho que a primeira coisa é que “vir a aula” entrou na rotina da vida dela, nunca teve preguiça, mesmo com o frio, fazia parte de uma coisa boa.

A Mainá comentava pouco, sem notícias das aulas, falava se eu perguntasse, percebia a disposição, o envolvimento e a participação.

Da Visita a exposição da Norma gostou muito. A saída para o MAE foi interessante. Percebi que ela está desenhando mais, ela reclamava “não sei desenhar”, “eu não sei”, “não faço”, isso não acontece mais, ela desenha mais agora e não diz que está feio.

Acho que pra ela o mais motivador era estar aqui no ateliê, entre tudo que ela fez, gostou de conversar com os artistas, mas o trabalho com argila para ela contou mais, era o que mais envolvia.

Ela poderia freqüentar duas vezes por semana, terça e quinta-feira.

A placa foi a produção que ela mais gostou e o mundo.

ROSANGELA



Trabalho final de Rosângela foi um diário, ela escreveu:

Querido diário no 1º dia, aprendi a fazer placa com rolinho fazer um pequeno pote de cerâmica e também aprendi a fazer espirais.

Querido diário, adorei a aula em que fizemos uma escultura de olhos fechados, pois descobri que não precisamos deles para fazer uma boa escultura.

Querido diário amei fazer obras ao ar livre a natureza me inspirou em minha obra

Querido diário, adorei o passeio no bosque.

Mãe:

O que ela gostou foi a prática de fazer cerâmica.

A expressão corporal não curtiu, mas a visita no MAE ela gostou. Na idade dela é difícil se concentrar porque elas gostam de fazer e não ouvir.

A visita no ateliê da Norma é mais concreta, vê como funciona, quem fez está ali presente, conversando, falando sobre seu trabalho, é concreto, é real, existe.

Ela gostou muito.

Ela fazia argila em casa, lá fazia sem estecas, viu uma parte mais técnica aqui, foi legal porque possibilitou criar outras coisas, ampliou as possibilidades do trabalho com a argila.

Teve uma evolução no trabalho dela, ela pinta muito e desenha muito, não sei se é específico daqui, dá para ver que ela está fazendo as coisas mais trabalhadas, de um lazer passa para um projeto, “o que vou fazer”, ela pensa,

*“**elabora como um projeto**”.*

Gostou muito da parte técnica, a técnica ajuda, como vai usar e o que vai fazer. Ela poderia vir duas vezes por semana.

ROSANGELA

Gostaria de trabalhar com argila ou gesso, aprender fazer moldes, como o do planeta. (Ela faltou na aula e não participou do trabalho coletivo, quando voltou pintou suas próprias peças.)

PRISCILA (PRI)

Ela ficou muito empolgada, uma das atividades que ela mais gostava era artes, agora, com cada trabalho, fica mais entusiasmada.

Estado de espírito: ficou mais feliz, mais interessada, em casa fez uma panelinha com tampa enquanto estava no telefone, está trabalhando muito bem com as cores.

Achei o trabalho organizado, encontrei harmonia na equipe e o carinho foi passado para as crianças.

JUBISLENE:

Mãe :

Sempre quis vir, gosta muito de argila, tinha interesse em ter contato. Ela é muito reservada, guarda os objetos para ela. Não gostava que pegasse as estecas dela sem pedir.

Desenhos: aumentou os detalhes dos desenhos e a quantidade de cores. Está cantando e demora para desenhar. Em uma ilustração no caderno de ciên-

cias sociais: ela demorou muito tempo em um papel pequeno.

Ela fez uma escultura em argila linda em casa, com seis anos.

Os desenhos diminuíram nas dimensões mais tem mais detalhes, antes ela usava a página toda, agora o desenho dela vem em partes menores.

Ela está super ansiosa, faz tratamento homeopático, é lógica, aplicável, incisiva e objetiva. Ela faria duas vezes por semana.

Jubislene:

Gostei mais do mundo porque foi um trabalho coletivo, fiz o relógio, a ideia foi minha com a ajuda da Paqueta e a Pampa, meia noite, começa 2010.

Gostaria de continuar trabalhando com argila.

VINI

Eu gostei da exposição da Norma. Eu gostei de fazer a pedra, porque no filme do “Indiana Jones” tem a pedra que rola, então eu quis fazer. Lembrei que a Norma disse: “depois que a argila vai para o fogo vira pedra”.

Mãe :

Desde o começo foi mais um desejo meu do que dele. Eu vim ver pra lu, pois era pra ela, mas ela não podia por causa da idade. Eu quis então por o vini, ele é mais organizado, mais centrado, começou bem empolgado, curtiu as aulas, não é de falar, mas levou algumas coisas, gostou muito da visita do ateliê da norma, do contato com o artista e com a obra, com o percurso, o

entrar naquele ateliê tão especial.

Ele saiu de lá falando das obras, dos humanóides deitados, gostou muito da fonte, achou o espaço lindo, depois conversamos bastante.

Ficou incomodado porque só tinha meninas, o outro menino era muito novo. No final ele desanimou, “mas a gente tem um compromisso”, conversei com ele, aí ele não quis desistir.

Foi uma pena não ter ido ao MAE. Ele ficou doente, caiu. Não consegui levar, até estou com uma programação de museus em SP.

Reclamou e ficou incomodado com o grupo, parece que as meninas ficavam gritando, mas do trabalho em si eu acho que ele gostou bastante.

Ele reclamou da parte de sensibilização, tirou sapato, acha que é coisa de menina.

Ele disse: “eu fiz, uma pedra, mãe pedra é natureza, natureza e terra é mundo, mundo é terra”, falou de um ciclo.

Se o grupo fosse misto seria melhor, mulher é mais expressão o homem é mais centro. Ele não vai continuar no grupo.

MARIE CLAIRE



Marie Claire fez um cartaz com recortes das imagens do blog e criou um diálogo:

ERA UMA TERÇA-FEIRA....

TODOS QUERIAM MODELAR....

Blog: A natureza e as formas

Marie: Conhecemos texturas

Blog: Modelagem ao ar livre

Marie: ao ar livre

Marie: Todos queriam modelar

Marie: As peças que fizemos recebem cor

Blog: Modelagens biscoitadas recebem os engobes coloridos

Marie : Foi legal adorei

Blog: Aula ao ar livre, em frente a B3:

Marie: Nós estávamos fazendo peças muito malucas!

Esse dia teve a guerra de argila.

Blog: Nosso sonho modelado

Marie: Jam final

Fizemos o 2010 pois é o ano que fizemos

Marie: Nós fizemos com música

06.04: Quem amassa quem? A mão que amassa a

massa ou a massa que amassa a mão?

06.04: Donizete ensina a fazer “cabelos” com argila na peneira

Marie: Era muito legal fizemos muitos “cabelos”.

Marie: Tivemos uma aula que vimos o mestre Vitalino e a peça acima foi a que eu mais gostei.

Lolita, Jubislene, Marie Claire, Margarete:

Marie: Turma da Vila modelando.

Desenho: Duas pessoas no pano no chão:

Marie: Também tivemos uma aula que usamos um pano e modelamos o amigo da forma que queríamos .

Como se o amigo fosse a argila Foi Muito legal.

Marie: Também tivemos aulas que precisamos ficar em silencio e ouvir a música! Não gostei desta aula porque queria fazer argila.

Conversa com os pais:

Pai:

Eu levo a Marie Claire e algumas amiguinhas, então no carro elas vão sempre conversando entusiasmadas. E teve um dia que elas estavam felizes pelo que haviam feito e eu perguntei o que era e elas começaram a dar dicas:

“Nada é nada, tudo é tudo”, “a gente vive nele”, aí eu adivinhei: é o mundo!

Uma ficou decepcionada: “ahhhhh vc falou, era surpresa”.

E outro dia que também foi marcante que ela curtiu foi o dia que foram com a mão suja de argila. Comentaram: nós lavamos as mas não deu para tirar tudo, mas

é muito legal.

Teve também o dia que ela me ensinou a costurar, ela adorou. Ela ficou fascinada com a história da costura.”

Mãe:

Foi maravilhosa a experiência também de ir ao ateliê da Norma. Depois que saímos de lá e fomos visitar os outros ateliês. E fomos ao ateliê de cerâmica da Ana Luiza, foi um momento de emoção muito forte, a Marie Claire explicou para mim como costurar, e a Carol ficou surpresa, visivelmente emocionada, como uma criança sabia aquela técnica.

Foi muito legal começar a visita pela Norma porque é um ateliê bem montado, organizado, nós estávamos conversando com nosso filho de 4 anos, que gosta muito de arte e aí pudemos ouvir o parecer de nossa filha de 17.

Ela fez umas coisas loucas de sucata, foi legal, porque nós levamos a Maria Clara em exposições e museus desde pequena, o avô é artista, marchand, o pai é leiloeiro e ela sempre se comportou como espectadora. Agora, pela primeira vez, eu vi a Marie Claire conversando com a Marisa como se fossem duas artistas conversando, ela participa, ela tinha um outro olhar para o trabalho da artista, demonstrava que sabia que por trás do trabalho da artista tinha uma explicação, um motivo, uma razão, ela conduziu a conversa, foi a interlocutora entre nós e a artista.

A grande diferença que senti nesse ateliê é que ela

colocou “a mão na massa” ela sente que faz parte, ela não está só assistindo, o pai que está inserido no mundo da arte, uniu os dois de uma maneira tão linda.

A Escola da Vila tem um trabalho de falar de profissões, o pai foi lá falar sobre o ofício de leiloeiro, fez um leilão para as crianças. Ela agora percebeu que o ateliê é um trabalho que pode ser uma profissão, ela observou que pode ser o ofício, antes era distante, a obra já estava pronta, não tinha isso aqui, esse ambiente.

Pai :

Eu já a levei ao escritório do Aldemir, ela ia como visitante, agora ela teve essa experiência, ela vê como uma operária, como uma trabalhadora.

Mãe:

Nós fazemos uma leitura compartilhada, percebi que ela está se tornando autônoma e crítica, quando a gente lê, ela pergunta porque ele colocou aspas, muito disso vem da vila, mas sinto que o ateliê foi muito pertinente. Estávamos na expectativa da filha mais velha entrar na USP, e a Marie Claire foi e entrou na USP, foi muito feliz.

Ela se liberou mais para desenhar, antes ela era mais preocupada com o resultado, se tinha ficado “bom” ou não, se estava “certo”, agora ela está mais livre.

Margarete: “Vocês gostariam de fazer alguma crítica?”

Pai: “Uma vez por semana é pouco”.

Margarete: “Vocês teriam disponibilidade para trazê-las duas vezes por semana?”

Mãe: “Nós nos organizaríamos.”

Pai: “Eu priorizaria. O que me surpreendeu aqui foi um conteúdo denso, bacana para Marie Claire”.

Mãe: “Foi um processo para ela se libertar”.

Exposição

No último dia fizemos uma apresentação das aulas para os pais e uma exposição com os trabalhos. As crianças contaram o que fizeram e aprenderam no ateliê, todos estávamos muito felizes.







Reflexões sobre a avaliação final

O trabalho realizado no ateliê repercutiu em várias áreas da vida da criança, ou seja, nela como um todo. Este fato demonstra que as ações desenvolvidas foram significativas, resultando numa série de desencadeamentos. Elenquei alguns dados levantados, considerando que cada criança respondeu de forma única e diversa as aulas no ateliê:

- o acolhimento é importante para criança se habituar ao ateliê e facilita o convívio com as outras pessoas,
- os exercícios com o material habilitam a criança a ousar depois na construção de seus trabalhos,
- a aprendedizagem dos procedimentos da linguagem artística tornam a criança crítica quanto a sua aplicação de modo indevido, inapropriado ou parcial. As crianças quando foram trabalhar com a argila na escola já usavam as técnicas aprendidas e queriam queimar as peças no forno, para que durassem mais, passar apenas guache na argila crua já não satisfazia mais;
- o trabalho coletivo e as rodas de conversa possibilitam encorajamento para criança falar em público e se posicionar com suas opiniões;
- visita a museus e exposições, conversas com artistas e com os professores no ateliê e escolher o título para os seus trabalhos, propicia que as crianças passem a observar mais as obras, os títulos, autores e técnica utilizada quando visitam exposições, além de tornarem-na mais observadora;

- o contato com o museu de forma descontraída, com conversas sobre objetos de interesse da criança, a possibilidade de desenhar, aproxima as crianças da própria instituição, além dos objetos e obras;

- modelar com os olhos fechados possibilita explorar outras percepções e outras formas de fazer;

- a dinâmica do ateliê possibilita o desenvolvimento de concentração, auto-disciplina e organização;

- os lanches coletivos facilitam o entrosamento, harmonia, criam amizades e estabelecem laços afetivos no grupo;

- o trabalho com massa cerâmica produz expectativas para a próxima aula, pois a própria massa seca e altera seu aspecto, as cores mudam depois da peça ir para o forno, essa expectativa é estimulante para criança;

- a possibilidade de conhecer o forno de cerâmica e compreender o processo por qual ela passa desde o início até o final a faz detentora de um conhecimento aprofundado do processo da linguagem artística;

- o trabalho no ateliê suscita o desejo de fazer outros trabalhos em casa, desenhos, origamis, peças com argila para treinar, além de ter estimulado outros interesses como cozinhar por exemplo; o que demonstra uma interação com seu próprio ambiente e novas escolhas;

- o trabalho desenvolvido no ateliê ajuda a criança a perder o medo de desenhar e não se preocupar com a

opinião alheia;

- possibilita que a criança goste mais de si própria;

- a presença do estagiário Daniel foi fundamental para acompanhar crianças que ficavam mais isoladas do grupo, fazendo-as se sentirem parte dele também, portanto, é importante estar atento as crianças que se isolam;

- o que as crianças mais gostam no ateliê é da prática, do fazer;

- a experiência de elaborar um projeto coletivo colabora para que a criança comece a fazer os seus projetos;

- a harmonia da equipe de professores contagia as crianças, elas percebem;

- as crianças demonstram mais alegria em casa, algumas cantam enquanto trabalham, possivelmente por trabalharmos com música;

- a variedade de tamanhos de papéis para o desenho possibilita que a criança escolha o tamanho apropriado para o seu desenho;

- vivenciam momentos de maravilhamento com o objeto criado e com histórias que criam para e com eles;

- as crianças passam de espectadoras da arte a interlocutoras da arte.

Creio que não consegui descrever todas as experiências vividas e suscitadas pela prática no ateliê, pois são muitas, todos as aulas são únicas.

Conclui que o ideal são duas aulas por semana, pois

quando a aula está no auge é hora e de terminar e as crianças não tem possibilidade de chegar mais cedo ou sair mais tarde, pois tem aulas e lições de casa.

Todas as crianças, com exceção de uma, continuarão no próximo ateliê, algumas já demonstraram desejo de desenhar, pintar tela e trabalhar com madeira, além de continuar o trabalho com cerâmica. Este é o próximo desafio, conseguir equacionar todos os desejos e possibilitar acesso a todas às práticas.

“Cuando bajaron lãs águas de la inuncadación, era un lodazal el valle de Oaxaca.

Un puñado de barro tomó vida y caminó.

Muy despacito caminó la tortuga.

Iba con el cuello estirado

y los ojos muy abiertos.

Iba descubriendo el mundo.”

Mitografía indígena de México

Algumas considerações

*“Klee não tinha a mínima intenção de enriquecer qualquer uma dessas ciências com descobertas próprias. Tratava-se muito mais de entender cada vez melhor a realidade, e conceber de modo cada vez mais preciso a essência dos seres e dos processos.”*⁶²

A essência de cada criança se manifesta em seu trabalho, na forma-objeto em que ela cria. A essência do ser está dentro dela e é também a própria matéria onde

⁶² KLEE, Paul. Sobre a arte moderna – confissões criadoras

este ser se revela. O fazer é de ordem intuitiva e/ou por empatia, ao realizá-lo, ela materializa seus objetos de afeto, suas vontades e sua intenção, mas também é de ordem intelectual, pois tem a idéia prévia que será trabalhada na busca pela qual se realizará esse fazer.

Criar a partir da sua experiência é essencial, tendo em vista que a idéia vem da intuição e da empatia, tem-se a oportunidade de satisfazer ou realizar o que deseja, mas é no embate com a matéria, no estudo de como se realizará e no concretizar que a criança encontra as dificuldades ao modelar a matéria, enquanto por ela é modelada. Essa ação não é isolada, é recíproca e concomitante a formação e a transformação através do fazer.

Quando o ateliê propicia este movimento de desabrochar interior por meio do fazer, ver, ouvir, falar, sentir, inicia-se uma aventura que promove a busca e a descoberta humana. Nele, o essencial é possibilitar essa descoberta do ser que se revela no objeto, é ser um ambiente adequado para promover o ser-fazer e o pensar-sentir da criança, é aquele que acolhe, a impulsiona e a possibilita para o movimento de busca dessa descoberta, fazendo ela explorar o seu entorno, observar o espaço onde está inserida, desvendar a natureza, representar o mundo, organizar suas imagens internas, conhecendo obras de arte e, por fim, estabelecer um contato com o fenômeno arte.

Na medida em que a criança faz, desfaz e refaz, construindo seus objetos de pesquisa e afeto, interage com

as formas da natureza, do mundo, da arte, enfim, da vida, manifesta o gosto estético, conversa com os artistas sobre o processo artístico de cada um, identifica-se com alguns deles ou com alguma obra, manifestando suas preferências. Assim, começa a agregar conceitos e estabelecer critérios estéticos para a criação da forma. Ela vivencia por meio de experiências e essa apropriação tem uma verdade, não é uma de teoria vazia, ao contrário, faz sentido, tem vida e se torna significativa.

O professor-artista quando está no ateliê está ali por inteiro, com todas as suas fraquezas e qualidades, precisa cultivar as suas potencialidades, para que impulsione cada criança a cultivar a suas próprias, afinal, ambos são agentes da cultura. É importante buscar uma experiência pessoal significativa no ateliê, se fala o que não vive, sua fala não tem o mesmo significado, não tem a mesma vibração, as crianças sentem, percebem.

Estudar história da arte, visitar exposições e museus, conhecer as obras de arte, objetos do ensino-aprendizagem em ateliê que podem estar também na internet, hoje, possibilita o acesso a muitas informações, porém é bom ressaltar que a foto de uma obra é uma foto, não é a obra em si, cada obra tem a sua própria vibração, sua presença estética. É importante conhecer os conceitos que envolvem a sua prática: a linha, o desenho, a representação, composição, plástica, forma, técnica, práxis e poética, entre outros.

A manifestação expressiva e estética da criança se dá em vários níveis a partir das descobertas que faz, da apropriação das formas da natureza, das imagens internas e externas que observa e sente, libertando-se dos critérios estabelecidos pela sociedade relativos à criação artística, por se perceber, pelo fazer e refazer, e por esperar o tempo certo.

Ao observar as formas da natureza e perceber que uma folha tem linhas e que um galho também tem, descobrindo assim que pode imprimir-las e terá um desenho, ela percebe que este desenho tem vida própria, não depende da sua destreza, perdendo o medo do desenho, ela se relaciona com ele e cria coragem para representar por meio dele.

Quando a criança cria formas no ateliê e visita uma exposição passa a compreender que por trás daquela obra existe uma ideia, um processo que envolve uma vontade, uma técnica e uma prática, percebe que existe um artista, uma pessoa assim como ela, que não é um ser inatingível. Ela se aproxima da arte, sem a preocupação de ter que fazer arte, ela desenha e gosta do que faz, se não gosta, sabe que pode fazer novamente. Ela não se preocupa tanto com o desejo e o pensamento alheio a respeito do trabalho dela.

O olhar atento às cores, às linhas e às formas do mundo, não apenas pelo que ela vê com os olhos, mas pelo que toca, sente e vê com as mãos, expande-se perante a vida. Devaneios de olhares e toques, poemas

da visão e do tato.

A possibilidade de seleção, escolhas, decisões, espera, concentração, autodisciplina, responsabilidade por seus fazeres, embate com a matéria, frustrações e realizações no ateliê, assim como leituras de obras de arte e imagens do mundo, diálogos com artistas, com o que é criado hoje e o que foi feito no passado, colaboraram para desenvolvimento de um ser humano crítico, atento e dono de suas próprias ideias, seus próprios fazeres, saberes e pensares, um ser humano capaz de designar seu próprio projeto estético de vida, como afirma o professor Jardim.

“Só quando deixo o ateliê, quando estou na rua, é que percebo que nada mais à minha volta é verdadeiro. Será que o digo?”⁶³

⁶³ Genet, Jean. O ateliê de Giacometti. São Paulo, Cosac Naify, 1979-2000. O ateliê de Giacometti.

Referências Bibliográficas

- AUMONT, Jacques. As teorias cineastas. Papyrus, 2004, p.36.
- BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. São Paulo, Ática, 2000.
- BRAGA, Robério. Brasil das Artes. São Paulo. Imagem Data, 1999.
- CHITI, Jorge Fernandez. Curso prático de cerâmica. Tomo 1, Argentina, Ediciones Condorhuasi, 1969-1988.
- COOPER, Emmanuel. Historia de La cerâmica. Espanha, Ediciones Ceac, 1981-1987.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. O que é a filosofia. São Paulo, Editora 34, 1992.
- DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo, GALEANO, Eduardo. Livro dos Abraços. Porto Alegre. LP&M, p.15
- GENET, Jean. O ateliê de Giacometti. São Paulo, Cosac Naify, 1979-2000.
- KANDINSKY, Wassily. Do espiritual na arte, São Paulo, Martins Fontes, 1954-2000.
- KANDINSKY, Wassily. Ponto e Linha sobre Plano. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- JARDIM, Evandro. Arte como manifestação poética. In: Seminário Ações Singulares II – História e Ensino da Arte: Experiências, São Paulo, Instituto Tomie Otake, 2009.
- MACAMBIRA, Yvoty. Evandro Carlos Jardim. São Paulo, Edusp, 1998, p. 81.
- MIRÓ, Joan. A cor dos meus sonhos. São Paulo, Estação Liberdade, 1992.
- NOVAES, Adauto. Arte Pensamento. São Paulo, Martins Fonte, 1994.
- PARSONS, Michael J.. Compreender a Arte. Lisboa. Editorial Presença, 1987.
- RAMOS, Nuno. In: 20 anos: Escola da Vila. São Paulo, 2000.
- RIZZI, Maria Christina de Souza Lima Rizzi. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae. Ensino da arte: memória e história. São Paulo, Perspectiva, 2008.
- READ, Herbert. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1965-1981, p. 191.
- READ, Herbert. A educação pela arte. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
- _____ As origens da forma na arte. São Paulo, Zahar, 1981.

SANTIAGO, Adriana. Las artes plásticas en la escuela. Madrid, Servicio de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia, 1977.

SCOTH, Robert Gillam. Fundamentos del diseño. Buenos Aires, Editorial Victor Leru S.A., 1958-1979.

SHOPENHAUER. Artur. O livre arbítrio. Editora Amazonas, 1978.

TARKOVSKY, Andrei. Esculpir o Tempo. São Paulo. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

TESES E DISSERTAÇÕES

GRINBERG, Norma Tenenholz. Humanóides: Transmutações da forma e da matéria. Dissertação de Mestrado, São Paulo, ECA/USP, 1994.

_____ Lugar com Arco. Tese de Doutorado, São Paulo, ECA/USP, 1999.

MACHADO, Regina. Acordais – Fundamentos teórico poéticos da arte de contar histórias. Livre Docência, São Paulo, ECA/USP, 2002.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Olho Vivo – Arte-Educação na exposição Labirinto da Moda: Uma Aventura Infantil, São Paulo, ECA/USP, 1999.

TAGUSAGAWA, Silvia Noriko. Articulações: poéticas do corpo. A experiência do corpo expressada através da cerâmica. São Paulo, Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2009.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

CORREA, Juliana. Ateliê de Arte para Crianças: dando luz à experiência. São Paulo, 2008.

CHAER, Ivan. Ateliê de Artes para Crianças: Início de Percurso. São Paulo, 2008.

SOARES, Margarete Barbosa Nicolosi, Vestígios do Ser, Humano Ser: reflexões sobre o fazer artístico e o aprendizado, ECA/USP, Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, São Paulo, 2006.

REVISTA

ARS. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Ano 6. Nº 11. São Paulo, 2008.

CAROS AMIGOS. Ano XII. Nº 137. São Paulo, Agosto, 2008. p. 30-37.

Bibliografia recomendada

- BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação: leitura no subsolo. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- _____. Ensino da Arte: Memória e História. São Paulo, Perspectiva, 2008.
- _____. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo, Cortez, 2008.
- _____. John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil. São Paulo, Cortez, 2001.
- _____. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte, Editora Arte, 1998.
- BORER, Alain. Joseph Beuys. São Paulo, São Paulo, Cosa Naify, 2001.
- DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo, Abril Cultural, 1985.
- DIAS, Geraldo Souza. Mira Schendel: do espiritual à corporeidade. São Paulo, Cosac Naify, 2009.
- EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George; GANDINI, Lella. As Cem Linguagens da Criança – A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre, Artmed, 1999.
- EISNER, Elliot W. The Ars and the creation of mind. Yale University Press/New Haven & London, 2002.
- GORDILHO, Viga. Cantos Contos Contas – Uma trama às águas como lugar de passagem. Bahia, P555 Edições, 2004.
- JUNG, Carl. G. O Espírito da Arte e na Ciência. Rio de Janeiro, Vozes, 1985.
- _____. O Homem e seus Símbolos, 5ª edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.
- MATISSE, Henri. Escritos e Reflexões Sobre a Arte. São Paulo, Cosac Naify, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. São Paulo, Loyola, 2005.

PARSONS, Michael J. Compreender a Arte. Lisboa. Presença, 1987.

SILVEIRA, Nise. Jung. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

STEIN, Murray. Jung: O mapa da alma, São Paulo, Cultrix, 2006.

TESES E DISSERTAÇÕES

CRUZ, Maria Christina Meirelles Toledo. Para uma educação da sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos. São Paulo, ECA/USP, 2005.

GRINBERG, Norma Tenenholz. Lugar com Arco. Tese de Doutorado, São Paulo, ECA/USP, 1999.

LUCAS, Constança Maria Lima de Almeida. Imagem e Palavra. Dissertação de Mestrado. São Paulo, ECA/USP, 2006.

OKAMOTO, Ayao. Os cadernos de apontamentos: percurso e fabulação do desenhos pelo universo das sensações. São Paulo, ECA/USP, 2008.

ROSENTHAL, Dalia. O elemento material na obra de Joseph Beuys. Dissertação de Mestrado, São Paulo, UNICAMP, 2002.

TUTIDA, Nara Beatriz Milioli. Cartão Portal. Tese de Doutorado. São Paulo, ECA/USP. 2008.

Trabalho de Conclusão de Curso

BENTO, Adriana. Fazeres em transformação: reflexões sobre a prática artística e pedagógica. São Paulo, ECA/USP, 2009.

*Todos os relatos e imagens foram concedidos mediante autorização.
As fotos que não são da autora são da equipe do ateliê no período 2008-2010.
Os nomes das crianças utilizados nessa dissertação são fictícios.*

